

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Camila Fernanda Loureiro Capps

“É *fake!*”: um estudo do discurso relatado no processo de desinformação

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

SÃO PAULO

2021



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Camila Fernanda Loureiro Capps

“É *fake!*”: um estudo do discurso relatado no processo de desinformação

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestra em Língua Portuguesa, sob orientação da Professora Doutora Ana Rosa Ferreira Dias.

SÃO PAULO

2021

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Data: _____

e-mail: _____

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Capps, Camila Fernanda Loureiro

"É fake!": um estudo do discurso relatado no
processo de desinformação. / Camila Fernanda
Loureiro Capps. -- São Paulo: [s.n.], 2021.
127p. il. ; cm.

Orientador: Ana Rosa Ferreira Dias.
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós
Graduados em Língua Portuguesa.

1. Análise do Discurso. 2. Discurso relatado. 3.
Retextualização. 4. Fake news. I. Dias, Ana Rosa
Ferreira. II. Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua
Portuguesa. III. Título.

CDD

Camila Fernanda Loureiro Capps

“É *fake!*”: um estudo do discurso relatado no processo de desinformação

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestra em Língua Portuguesa, sob orientação da Professora Doutora Ana Rosa Ferreira Dias.

Aprovado em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

A meu filho Arthur, luz de minha vida,
minha força e porto seguro.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Finance Code 001.

AGRADECIMENTOS

À professora Doutora Ana Rosa Ferreira Dias, pela orientação, dedicação e disponibilidade aplicados de maneira tão carinhosa na condução desta pesquisa; por ser exemplo, inspiração e norte.

Ao professor Doutor Fernando Leite Moraes, pelas correções e dicas de leitura que contribuíram para este trabalho.

À professora Doutora Marilena Zanon, pelas sugestões e correções que, de maneira tão gentil, enriqueceram esta pesquisa.

À CAPES, pela concessão de Bolsa de Estudos que financiou esta pesquisa.

A meus zelosos pais, pelo incentivo persistente, pelo carinho acolhedor nos momentos turbulentos e pelo suporte tão importante e verdadeiramente presente, seja no acompanhar dos sorrisos, seja no enxugar das lágrimas.

A meus irmãos que, desde o início, sempre me apoiaram nesta empreitada acadêmica.

RESUMO

Esta pesquisa aborda a problemática que envolve o discurso reportado, a descaracterização de sentidos e a posterior participação do discurso reportado no processo de desinformação. Nesse sentido, encontra respaldo na Análise do Discurso de linha francesa e tem, como objetivo geral, contribuir para os estudos que tratam do desvelamento do processo de construção da desinformação. Seus objetivos específicos são: descrever os diferentes tipos de apresentação do discurso reportado; verificar o emprego do discurso reportado como uma estratégia para a criação da desinformação; e identificar os efeitos de sentido do discurso reportado enquanto estratégia de credibilidade no discurso midiático. O corpus de análise é composto pelo discurso citado do diretor-geral da OMS Tedros Adhanom, pelo discurso citante de Jair Messias Bolsonaro, pela seleção de *fake news* respaldadas no discurso relatado de Bolsonaro, bem como pelas manchetes que noticiaram o discurso do presidente da República. Fundamentam esta pesquisa e compõem o referencial teórico os autores Authier-Revuz (1990, 1998, 2004); Maingueneau (2006, 2013, 2015) e Charaudeau (2019) que propõem categorias discursivas e analisam o discurso relatado. Também encontramos respaldo nos estudos de Marcuschi (1991, 2001), que evidenciam as nuances da retextualização e o uso dos verbos introdutórios de opinião. Com relação aos processos de desinformação, seguimos as propostas de Claire Wardle e Hossein Derakhshan (2017). Os resultados confirmam as alterações presentes na transposição do discurso, apontando a descaracterização da mensagem durante a passagem do discurso citado para o discurso citante; evidenciam as estratégias linguístico-discursivas que atuam no processo de retextualização; salientam os elementos atuantes no ecossistema da desinformação; e indicam a deturpação de uma informação com a finalidade de respaldar um posicionamento divergente daquele que fora objeto do dito de origem ou discurso citado.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Discurso relatado. Retextualização. Desinformação. Heterogeneidade enunciativa. Fake news.

ABSTRACT

This research focuses on the issues related to the use of reported speech, mischaracterization of sense and the presence of reported speech on the disinformation process. In this sense, this work is based on the French Discourse Analysis approach and presents as its general purpose to contribute to studies related to the unveiling of disinformation construction process. The specific purposes are: describe the different types of reported speech presentations; check the usage of reported speech as a strategy to create disinformation; and identify the effects of sense to the reported speech while a strategy to generate credibility in media discourse. The corpus of analysis is composed of the quoted speech of the director-general of WHO Tedros Adhanom, the citing speech of Jair Messias Bolsonaro, the selection of fake news supported by Bolsonaro's reported speech, as well as the headlines that reported the speech of the Brazilian President. This research has as theoretical references Authier-Revuz (1990, 1998, 2004); Maingueneau (2006, 2013, 2015) and Charaudeau (2019) who propose discourse categories and analyze the previously mentioned speeches. We also use as basis the studies from Marcuschi (1991, 2001), highlighting the retextualization and the usage of introductory verbs to express an opinion. In relation to the disinformation processes, this dissertation is based on the studies from Claire Wardle and Hossein Derakhshan (2017). Results present a confirmation of the changes on the speech transposition, point to the message mischaracterization during the passage of the quoted speech to the quoting speech; point out the linguistic-discursive strategies acting on the retextualization process; highlight the components of the disinformation ecosystem; and indicate the misrepresentation of information in order to support a divergent position from that which was the object of the original statement or speech cited.

Key-words: Discourse Analysis. Reported Speech. Retextualization. Disinformation. Enunciative Heterogeneity. Fake news.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Declarações de Bolsonaro e os números da pandemia	20
Figura 2: Declarações falsas de Bolsonaro sobre o coronavírus	21
Figura 3: Representações do discurso relatado.....	29
Figura 4: Representações do dito relatado.....	30
Figura 5: Representação de m reproduzido	33
Figura 6: O ecossistema da desinformação	45
Figura 7: Informação: classificação entre o falso e o nocivo	46
Figura 8: Estrutura da desinformação.....	47
Figura 9: As fases da desordem da informação	48
Figura 10: Repercussão na mídia I	70
Figura 11: Repercussão na mídia II.....	71
Figura 12: Repercussão na mídia III.....	71
Figura 13: Repercussão na mídia IV	72
Figura 14: Desinformação I.....	74
Figura 15: Desinformação II	75
Figura 16: Desinformação III	76
Figura 17: Desinformação IV	77
Figura 18: Parecer revista Época	77
Figura 19: Parecer - Boatos.org.....	78
Figura 20: Parecer – agência A Lupa	78
Figura 21: Parecer – agência Aos Fatos	79
Figura 22: Resposta da OMS I	80
Figura 23: Resposta da OMS II.....	80
Figura 24: Divulgação do posicionamento do diretor-geral da OMS I.....	81
Figura 25: Divulgação do posicionamento do diretor-geral da OMS II.....	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Sequência discursiva	60
Quadro 2: Uso das aspas	63
Quadro 3: Verbos	65
Quadro 4: Elementos da desordem da informação	68
Quadro 5: Fases da desinformação	69
Quadro 6: Posicionamento da mídia	73

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
1 CONTEXTUALIZAÇÃO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	16
1.1 Constituição do corpus	16
1.2 Pandemia	17
1.2.2 OMS	21
2 DISCURSO: O RELATAR E SUAS POSSIBILIDADES DISCURSIVAS – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	24
2.1 Discursos, cenas de enunciação.....	24
2.2 Heterogeneidade enunciativa.....	26
2.3 Discurso científico.....	28
2.4 Discurso relatado (DR).....	29
2.4.1 Discurso direto (DD)	33
2.4.1.2 O uso das aspas.....	35
2.4.2 Discurso indireto (DI).....	36
2.4.3 Escolhas ao relatar	37
2.5 Retextualização e os verbos introdutores de opinião.....	39
3 FAKE NEWS: UMA ESTRATÉGIA DE DESINFORMAÇÃO	44
3.1 <i>Fake news</i>	44
3.2 Agências de checagem e a veracidade dos fatos	52
3.2.1 A Lupa	53
3.2.2 Aos Fatos	54
3.2.3 Boatos.org.....	54
3.3 Bolhas Sociais	55
3.4 Verdade Factual e Verdade Política	56
4 ANÁLISE DO CORPUS.....	58
4.1 Contextos: a interlocução entre teoria e prática.....	58
4.2 Elementos discursivos	59
4.2.1 Sequência discursiva.....	59
4.2.2 Uso das Aspas no <i>corpus</i> selecionado.....	62
4.2.3 Os verbos e seu papel no objeto de estudo	65
4.3 O ecossistema da desinformação.....	67
4.4 Repercussão do discurso relatado (DR) de Jair Bolsonaro na mídia.....	70
4.5 DR do presidente da República, desinformação e <i>fake news</i>	74
4.6 O parecer das agências de checagem.....	77

4.7 Resposta da OMS às distorções sobre seu posicionamento	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	87
ANEXOS	89

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho, vinculado à linha de pesquisa *Texto e Discurso nas modalidades oral e escrita*, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, propõe-se à análise de estratégias linguístico-discursivas presentes na construção das *fake news*.

Atualmente, o termo *fake news*, advindo da língua inglesa, ganhou repercussão nacional, sendo amplamente proferido em jornais, revistas, programas televisivos, rodas de conversa, redes sociais, aplicativos e outros ambientes propícios à construção e à propagação da desinformação.

A notoriedade das tais notícias falsas despertou nosso interesse, mais precisamente em relação aos processos que as compõem. Daí a importância desta pesquisa, ao voltar-se para a análise de estratégias que, de fato, acabam por construir todo um universo pertinente à desinformação, elevando a relevância para além da decodificação de um termo e atravessando o caldo contextual e linguístico capaz de desenhá-lo. Assim, como forma de delimitar este estudo, uma vez que entendemos a complexidade da temática apresentada, escolhemos abordar o papel do discurso relatado na composição da desinformação. Para tanto, levantamos o seguinte problema de pesquisa: em que medida o discurso citado do diretor-geral da OMS foi descaracterizado no discurso citante do presidente da República, passando a atuar como elemento propagador de desinformação?

Partindo do problema de pesquisa apresentado, levantamos as hipóteses de que o presidente da República alteraria o discurso citado de acordo com o contexto que lhe seria favorável ou de que Bolsonaro, dentro das possibilidades discursivas, teria sido fiel ao discurso citado em seu discurso citante, recorrendo, apenas, a alterações mínimas durante a transposição dos discursos. De qualquer forma, a alteração do discurso citado (do diretor-geral da OMS) pelo discurso citante (do presidente Bolsonaro) atendeu a objetivos específicos – de natureza política – que visariam a referendar as ações do governo, relacionadas às medidas adotadas para lidar com a pandemia.

Esta pesquisa encontra sustentação teórica nas teorias propostas por estudiosos como Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), Marcuschi (1991, 2001), Maingueneau (2006, 2013, 2015) e Charaudeau (2019) sobre o discurso relatado em suas diferentes manifestações.

Estabelecemos que o objetivo geral deste trabalho é contribuir com os estudos que tratam de desvelar o processo de construção da desinformação. Para tanto, temos como objetivos específicos:

1. Descrever os diferentes tipos de apresentação do discurso reportado;
2. Verificar o emprego do discurso reportado como uma estratégia para a criação da desinformação;
3. Identificar os efeitos de sentido do discurso reportado enquanto estratégia de credibilidade no discurso midiático.

Segundo Marcuschi (1991, p.146), “ao se reproduzirem as opiniões de alguém procede-se a uma nova seleção de termos e a outra construção sintática que as do autor”, e esse processo possibilita distorções ou interferências na enunciação citada e, conforme constatamos, uma estratégia para a construção da desinformação.

Ainda em Marcuschi (1991), encontraremos respaldo nos estudos que distinguem e caracterizam os verbos introdutórios de opinião, já que, em nossa análise, verificamos como eles aparecem tanto no discurso relatado quanto nas manchetes de repercussão veiculadas pela mídia, que compõem o *corpus* deste trabalho.

Valemo-nos da perspectiva proposta por Claire Wardle e Hossein Derakhshan (2017) que estudam e apontam um ecossistema da desinformação contemplando as *fake news*, estendendo-se, no entanto, para além delas.

Recorreremos também a estudiosos como Genesini (2018), Bucci (2018), Costa (2018), entre outros, que, ao mergulharem no tema das *fake news*, esclarecem suas nuances, bem como os recursos encontrados por elas nos meios digitais. E, com a finalidade de expandir nosso entendimento sobre os comportamentos nesses meios, respaldamo-nos no que textualiza Ferrari (2018) sobre as “bolhas”.

A discussão das *fake news* nos leva a ponderar sobre ocorrência da “mentira” e de seu oposto, a “verdade”. Para tanto, nos valeremos dos estudos de Arendt (1967) e Karnal (2016).

Após a apresentação do que respalda as *fake news* e desinformação, pontuamos como a percepção delas levou à criação das chamadas “agências de checagem” – órgãos responsáveis por criar critérios de análise da veracidade das informações e, assim, fazer frente à disseminação e combate da desinformação. Na era digital, surgiram *sites* e similares, responsáveis por distribuir notícias, democratizando, um setor que antes demandava altos investimentos. Porém, essa democratização criou uma via de mão dupla, ao permitir que qualquer indivíduo propagasse informações usando a rede. Esse processo descredibilizou as informações veiculadas na internet, possibilitando o novo campo do *fact-checking* – agências de checagem. Nesta pesquisa, recorreremos às agências A Lupa, Aos Fatos e Boatos.org, cujo trabalho baliza nossas reflexões.

O *corpus* escolhido é composto pelo discurso citado do diretor-geral da OMS Tedros Adhanom, pelo discurso citante de Jair Messias Bolsonaro, pela seleção de *fake news* que foram divulgadas a propósito do discurso relatado do presidente da República, bem como por manchetes veiculadas na imprensa que divulgaram o discurso de Bolsonaro.

Para a análise, nossos procedimentos metodológicos consistem na comparação entre os discursos de Tedros Adhanom – discurso citado – e o discurso de Jair Bolsonaro – discurso citante –, sob as perspectivas levantadas na apresentação teórica desta pesquisa, com o intuito de verificar ressignificações e, a partir do discurso citado, apontar a construção da desinformação e compartilhamentos de *fake news* que apresentaram em suas bases a mensagem contida no discurso relatado do presidente da República. Ademais, fazemos um levantamento de manchetes veiculadas na imprensa sobre o discurso do presidente, esclarecendo como a mídia o divulgou.

Para estruturar a apresentação do que foi proposto nesta pesquisa, organizamos nosso trabalho em quatro capítulos, além dessas considerações iniciais e das considerações finais. O primeiro capítulo versa sobre a constituição do *corpus*, bem como sobre elementos contextuais importantes a este estudo – a descrição da OMS e o posicionamento do presidente da República, Jair Bolsonaro, frente ao cenário pandêmico. O segundo corresponde à fundamentação teórica acerca das estratégias linguístico-discursivas da retextualização e do discurso relatado; para apontá-las, recorreremos aos autores Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), Marcuschi (1991, 2001), Maingueneau (2006, 2013, 2015) e Charaudeau (2019). O terceiro apresenta as concepções sobre *fake news* e o processo de desinformação. O quarto e último capítulo é dedicado à análise de nosso *corpus*, apresentando subdivisões que abrangem os contextos dos discursos analisados; a sequência discursiva; o uso das aspas; as escolhas dos verbos introdutórios de opinião; os elementos que permitem enquadrar o discurso analisado no ecossistema da desinformação; a repercussão do discurso relatado analisado; a construção das *fake news* e a resposta daquele que produziu o discurso citado diante da percepção da mudança de seus dizeres no discurso citante. Por fim, pontuamos nossas considerações finais, sintetizando os resultados obtidos em nosso estudo e refletindo sobre as transposições do discurso e seu papel nos processos de construção da desinformação.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresentamos os aspectos da constituição do *corpus* analisado, além de elencar dados que nos permitam traçar um panorama sobre o contexto em que se encontram inseridos os discursos objetos de nossa análise.

1.1 Constituição do corpus

Compõem o *corpus* desta pesquisa o discurso do diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom, a respeito da pandemia causada pelo novo coronavírus, proferido no dia 30 de março de 2020 e a declaração feita no dia 31 de março de 2020 pelo presidente da República Jair Messias Bolsonaro que, em seu pronunciamento, cita a fala do representante da OMS como fonte e respaldo de suas considerações.

O discurso de Adhanom e o discurso relatado de Bolsonaro foram coletados em sites oficiais¹ que representam tanto a organização, quanto o governo federal. Nos anexos, apresentamos a transcrição na íntegra da conferência em que aparece o discurso de Adhanom em língua inglesa e a tradução livre usada como base para a análise. Inserimos também o discurso de Jair Messias Bolsonaro em sua integralidade.

Ainda como *corpus* de nosso trabalho, selecionamos 11 manchetes de notícias publicadas em sites (Estadão, Folha de S. Paulo, Jornal da Band, G1, R7, Jovem Pan, Uol Notícias, Canal 360, Gazeta do Povo, Jornal Opção, Farol News) que repercutiram o discurso do presidente Bolsonaro, destacando a desinformação produzida.

Com a finalidade de levantarmos possíveis outros estudos que apresentassem como *corpus* algo semelhante ao escolhido por esta pesquisa, realizamos, nos sites da SciELO e da CAPES, uma busca rápida. No site da SciELO, para a pesquisa contendo os dizeres “Bolsonaro”, encontramos 79 resultados; já no site da CAPES, inserindo-se o mesmo nome, filtrando-se apenas os títulos e assuntos, encontramos 356 ocorrências. Alimentando-se os canais de busca com os dizeres “Bolsonaro Tedros”, “Bolsonaro discurso relatado” e “Bolsonaro discurso direto”, não encontramos, em ambas as plataformas, nenhuma ocorrência, o que atribui à nossa pesquisa um valor de singularidade e ineditismo. Nesse contexto, convém observar que, com relativa frequência, a mídia procede a observações gerais sobre ocorrências

¹ Disponíveis, respectivamente em: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/transcripts/who-audio-emergencies-coronavirus-press-conference-full-30mar2020.pdf?sfvrsn=6b68bc4a_2. Acesso em: 10 abr. 2020; e em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2020/03/pronunciamento-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-31-03-2020>. Acesso em: 09 abr. 2020.

de desvios de informações nos discursos do presidente, porém importa-nos descrever como se dá a construção da desinformação por meio do processo de restituição de fala citada – no caso, destacando as duas instâncias de enunciação: a do discurso citante (do presidente) e a do discurso citado (do representante da OMS).

1.2 Pandemia

A fim de contextualizar o cenário pandêmico que abrange a situação dos discursos analisados no *corpus* deste trabalho, faz-se necessário apontar alguns dados anteriores ao discurso de Tedros Adhanom, ao discurso relatado de Jair Bolsonaro, bem como às consequências que se instauraram a partir da sua divulgação.

A conferência da OMS que apresentou as falas de Adhanom, posteriormente citadas no discurso relatado de Bolsonaro, expunha dados sobre o novo coronavírus, que infectava cidadãos por todo o planeta e cuja identificação não foi imediata. Em seus primórdios, nos idos de dezembro de 2019, esse vírus foi responsável por um surto de pneumonia de causa desconhecida, que acometia a cidade de Wuhan, na China. Apenas em janeiro de 2020, pesquisadores chineses identificaram o SARS-CoV-2, um novo coronavírus que daria nome à doença de coronavírus (*coronavirus disease*), covid-19.

Reticências e dúvidas pautavam as informações sobre o novo coronavírus e acabaram por desencadear reações que posteriormente se mostraram maléficas à contenção e controle da doença, como exemplifica Calil (2021) ao apontar a campanha “*Milano no si ferma*” e uma sequência de conteúdos que replicavam a mesma ideia de que “as cidades não podiam parar e convidavam os turistas para que fossem desfrutá-las” (*ibidem*, p. 33).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou formalmente, em 11 de março de 2020, situação de pandemia mundial, quando a doença já espalhava casos confirmados e óbitos por diversos países. Diante de tal situação, governantes apresentavam suas perspectivas sobre a gravidade da doença, bem como seus posicionamentos para o enfrentamento do vírus. De acordo com Calil (2021, p.43),

(...) “Nos Estados Unidos, o presidente Donald Trump politizou a situação desde o princípio, qualificando a covid-19 como “vírus chinês” e minimizando sua importância. Frente ao agravamento da situação, em discurso de 13 de março declarou estado de emergência e liberou vultuosos recursos para o enfrentamento da pandemia. Ainda assim, seguiria proferindo manifestações contraditórias e em momento algum propôs uma política nacional de contenção, restando apenas políticas regionalizadas por parte dos governos estaduais”.

Boris Johnson, primeiro-ministro do Reino Unido, após um inicial posicionamento contraditório em relação à covid-19, em 23 de março de 2020, reconheceu a gravidade da situação e decretou três semanas de *lockdown*.

Segundo os dados do Ministério da Saúde, o primeiro caso registrado de covid-19 em solo brasileiro data de 26 de fevereiro de 2020, e a primeira morte anunciada em decorrência da doença data de 17 de março do mesmo ano. Em 13 de março, quando o país contava com 151 casos registrados, as primeiras medidas oficiais para conter a doença foram anunciadas. Porém, vale ressaltar que, assim como líderes de outros países anteriormente citados, o presidente Jair Bolsonaro se posicionava com descrédito à doença, minimizando sua letalidade e criticando medidas que previam o distanciamento social. Nesse contexto, como afirma o ex-ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta (2020), uma das medidas de contenção, que previa o cancelamento de cruzeiros turísticos e determinava a obrigatoriedade de isolamento aos passageiros que chegassem ao país vindos do exterior, fora revogada pelo presidente.

Ao ignorar recomendações técnicas apontadas pelo Ministério da Saúde, que ainda contava com seu primeiro ministro – adiante veremos que a pasta apresentou, em meio à pandemia, mais três trocas deste cargo –, Bolsonaro corroborava seu posicionamento contrário às recomendações científicas. No discurso proferido em 24 de março de 2020, sete dias antes do discurso analisado no *corpus* desta pesquisa, é possível observar o seu parecer sobre a gravidade da doença, bem como suas críticas ao isolamento social. Abaixo inserimos trechos do pronunciamento:

O sustento² das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, como proibição de transporte, fechamento de comércio e confinamento em massa. O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então, por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs, com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação caso se contamine. Devemos, sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós. Respeitando as orientações do Ministério da Saúde. No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão.

Também em março, Júlio Croda, infectologista que ocupava a Diretoria do Departamento de Imunização e Doenças Transmissíveis do Ministério da Saúde, deixou seu

² Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-em-cadeia-de-radio-e-televisao-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro>. Acesso em: 25 fev. 2021.

cargo alegando ao jornal O Estado de S. Paulo que “não quis ser responsável por essa recomendação equivocada contra o isolamento social e por um número importante de óbitos”³.

Em meio às divergências entre as medidas propostas pelo Ministério da Saúde e o posicionamento declarado do presidente da República, ocorreu o desgaste e a posterior demissão de Henrique Mandetta, em 16 de abril de 2020. Na sequência, assumiria o cargo Nelson Teich, mas sua passagem pelo ministério seria breve, durando menos de um mês, mais precisamente entre os dias 17 de abril de 2020 e 15 de maio do mesmo ano. Teich também defendia medidas de combate ao vírus contrárias às preconizadas por Bolsonaro, como o isolamento social⁴. Após a saída de Nelson Teich, o general Eduardo Pazuello assumiu a pasta e não demonstrou divergências em relação ao posicionamento do presidente da República. No entanto, os cenários alarmantes que demonstravam o crescimento nos números de infectados e de mortos pelo vírus, bem como a lentidão no processo de vacinação desgastaram a figura do ministro e, em 23 de março de 2021, o cardiologista Marcelo Queiroga assumiu o cargo.

Ainda como forma de retratar o posicionamento de Jair Bolsonaro frente à pandemia do novo coronavírus, recorreremos ao quadro ilustrativo apresentado por Calil (2020), que posiciona algumas das declarações do presidente em datas e números de casos e óbitos registrados pela doença no Brasil. Tal quadro apresenta datas anteriores ao discurso que compõe o *corpus* deste trabalho e também posteriores, o que demonstra a constância das alegações do presidente em relação ao vírus, mesmo após as repercussões de seu discurso relatado citando Tedros Adhanom.

³ Disponível em: <https://exame.com/brasil/nao-quis-ser-responsavel-por-ato-equivocado-diz-medico-que-deixou-governo/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

⁴ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/15/nelson-teich-pede-demissao-do-governo-bolsonaro.htm>. Acesso em: 27 fev. 2021.

Figura 1: Declarações de Bolsonaro e os números da pandemia

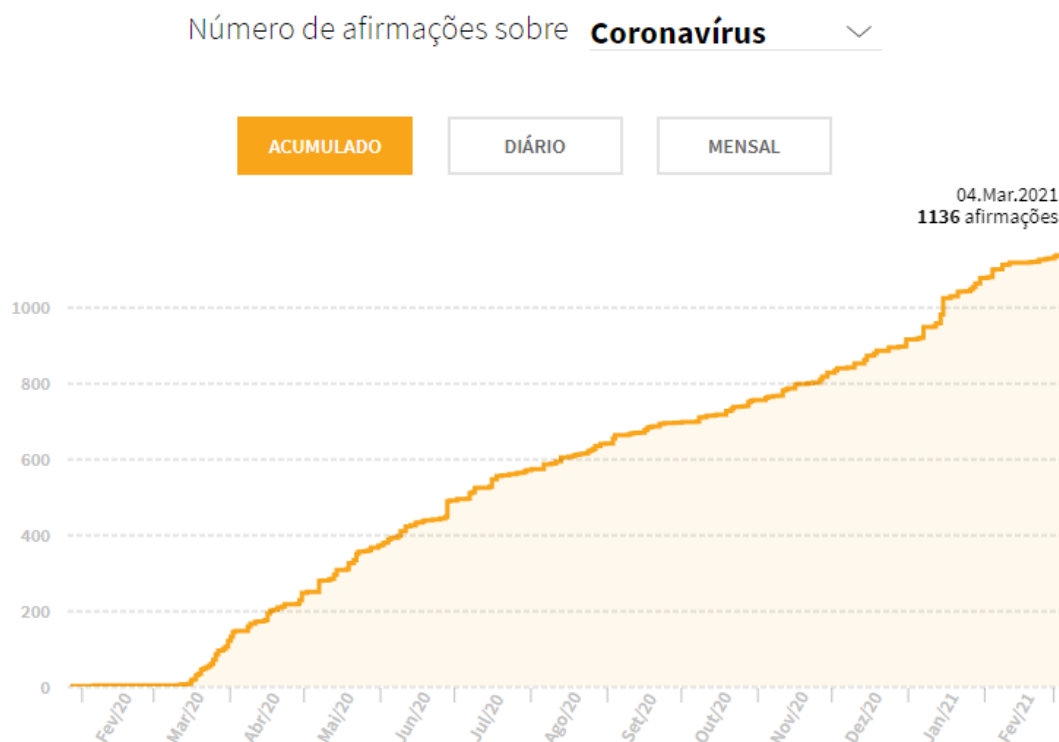
Declaração	Data	Número de casos na data	Número de óbitos na data
“O que está errado é a histeria, como se fosse o fim do mundo. Uma nação como o Brasil só estará livre quando certo número de pessoas for infectado e criar anticorpos”	17/3	346	1
“Não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, tá o.k.?”	20/3	957	11
“O povo foi enganado esse tempo todo sobre o vírus”	26/3	2.902	77
“Se o vírus pegar em mim, não vou sentir quase nada”	30/3	4.630	163
“Está começando a ir embora essa questão do vírus”	12/4	22.192	1.223
“Eu não sou coveiro, tá certo?”	20/4	40.743	2.587
“E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”	28/4	72.899	5.063

Fonte: CALIL (2020, p.41)

Outro quadro importante para analisar as alegações de Bolsonaro e traçar uma linha entre seu posicionamento diante da pandemia foi proposto pela agência de checagem Aos Fatos⁵. Nele, a agência apresenta um monitoramento das alegações falsas ou distorcidas do presidente da República. O quadro resulta da ferramenta criada pela agência em que é possível definir o assunto-base das declarações e, considerando o escopo desta pesquisa, definimos o termo coronavírus. Os resultados apresentados apontam que Jair Bolsonaro, até o início de março de 2021, apresentou 1136 declarações falsas ou distorcidas em relação ao vírus.

⁵ Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/>. Acesso em: 04 mar.2020.

Figura 2: Declarações falsas de Bolsonaro sobre o coronavírus



Fonte: AOS FATOS , 2021

As declarações de Jair Bolsonaro, bem como seu posicionamento para lidar com a pandemia de covid-19 serão retomados na análise do *corpus*. Cumpre-se aqui a contextualização de alguns pontos relevantes em torno do enfrentamento da crise do coronavírus e também uma perspectiva sobre o posicionamento do presidente da República em relação ao vírus, uma vez que esses elementos figuram no discurso de Tedros Adhanom e no discurso relatado de Bolsonaro.

1.2.2 OMS⁶

A Organização Mundial da Saúde (OMS), fundada em 07 de abril de 1948, advinda de um cenário pós-segunda guerra, é um braço da Organização das Nações Unidas (ONU). Tem como objetivo primário garantir níveis de saúde elevados a todos os indivíduos do planeta e nasce sob a ideia de criar uma agência capaz de tratar assuntos relacionados à saúde em um contexto internacional.

⁶ Informações disponíveis em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/podcast/policast-entenda-como-funciona-a-oms>. Acesso em 10 fev. 2021; <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-teve-papel-direto-na-fundacao-da-oms-entenda-o-que-e-e-a-funcao-da-organizacao,70003256316>. Acesso em 10 fev. 2021.

Precedendo sua criação, foi instituída uma comissão, atuante entre os anos de 1946 e 1948, e dela surge a OMS, uma agência especializada das Nações Unidas, órgão respaldado no histórico de necessidades em relação ao controle de pandemias.

No preâmbulo da constituição da OMS, encontra-se a definição de saúde como um “estado de completo bem-estar físico, mental e social e não consiste apenas na ausência de doença ou enfermidade”⁷. Assim verifica-se a amplidão do termo e suas diversas possibilidades em relação à perspectiva da OMS.

Por tratar-se de uma organização mundial, conta com outras organizações que funcionam como escritórios regionais. Eles formam diretrizes de acordo com o contexto em que se encontram inseridos e um exemplo desses escritórios é a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS).

A Assembleia Mundial da Saúde tem como finalidade adotar decisões, propor recomendações técnicas e aprovar orçamentos, estabelecendo bases. Também pode estabelecer normas e promover a sua aplicação, assim como sugerir apoio técnico e monitoramento sobre a situação da saúde, porém nem todas as medidas propostas em assembleia são obrigatórias.

A OMS pode emitir relatórios com medidas sanitárias e de quarentenas, nomenclaturas de doenças, normas sobre métodos diagnósticos e sobre produtos biológicos e farmacêuticos, entretanto, com relação à obrigatoriedade, apenas o que aparece em regulamento é considerado medida obrigatória. Até o momento, existe somente um regulamento emitido pela OMS – o sanitário internacional –, que contém medidas destinadas a evitar a propagação de doenças, medidas sanitárias e de quarentena. A convenção realizada pelo órgão também é obrigatória aos países-membros – hoje, um total de 194. Em sua constituição, a OMS prevê que o Estado que não cumprir suas obrigações (itens obrigatórios) sofrerá a suspensão dos serviços dos quais pode usufruir, bem como perderá o direito de “voz” durante a Assembleia Mundial da Saúde.

Com relação aos meios de financiamento da OMS, ressalta-se que a organização conta com um programa misto, que dispõe de contribuições originadas das cotas pagas pelos países-membros – cujo montante é calculado em relação à população e riqueza do país – e também de doações originárias dos países-membros ou de outros países, fundações e organismos de caráter público e privado. Essas doações podem ser abertas, sem um programa temático específico, ou podem ser temáticas, voltadas a um determinado programa.

⁷ Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>. Acesso em: 10 fev. 2021

É válido mencionar que a OMS acaba por promover a colaboração entre os países, favorecendo a interação no que corresponde ao desenvolvimento de vacinas e medicamentos e incentivando pesquisas e seus desenvolvedores.

Trata-se, portanto, de um importante órgão de coordenação internacional. À OMS são atribuídas algumas funções, entre elas: a ajuda aos governos no fortalecimento dos serviços de saúde; o estímulo a trabalhos que tenham por finalidade a erradicação de doenças; a promoção de melhorias em nutrição, habitação, saneamento, recreação, condições econômicas e de trabalho; o estímulo à cooperação entre grupos científicos para o avanço de estudos na área da saúde; o fornecimento de informações a respeito da saúde e, por fim, a classificação internacional de doenças. Tais atribuições e o seu desenvolvimento resultaram em conquistas nos anos de existência da organização. Assim, ao longo de sua ação, a OMS destacou-se por erradicar a varíola, graças a esforços contínuos entre os anos de 1967 e 1979. Atuou também na diminuição de cerca de 99% dos casos de poliomielite, por meio do projeto Iniciativa Global de Erradicação da Pólio. Em relação ao HIV, ela compõe o programa conjunto das Nações Unidas sobre HIV/ AIDS (UNAIDS).

Em suma, a OMS é considerada uma organização de renome e respeitada mundialmente, responsável por pautar medidas necessárias às melhorias dos sistemas de saúde de vários países, bem como coordenar e difundir programas de controle de doenças.

Terminada a contextualização de elementos importantes ao entendimento do cenário existente por trás do discurso analisado no *corpus* do trabalho aqui apresentado, apontamos, a seguir, os pressupostos teóricos que embasam nossa pesquisa.

2 DISCURSO: O RELATAR E SUAS POSSIBILIDADES DISCURSIVAS – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta parte de nosso estudo, abordamos os preceitos teóricos advindos da Análise de Discurso de linha francesa, com base nos autores Authier-Revuz (1990, 1998, 2004), Maingueneau (2006, 2013, 2015) e Charaudeau (2019) que são referências na temática. Partindo de seus pressupostos, focalizamos alguns detalhes sobre o discurso científico, pois entendemos o discurso citado de Tedros Adhanom, analisado em nosso *corpus*, como representante de uma instituição que se caracteriza como porta-voz da ciência. Ademais, apresentamos a teoria sobre o discurso relatado e suas possibilidades de manifestação e também o uso das aspas como elemento que delimita a fronteira entre o discurso citante e o discurso citado. Por fim, tratamos de questões sobre a retextualização e as possibilidades de uso dos verbos de elocução na perspectiva de Marcuschi (1999, 2001).

2.1 Discursos, cenas de enunciação

Em sua teoria, Maingueneau (2006, 2015) aponta meios para classificar os discursos como constituintes. A saber, o autor enumera a existência dos seguintes discursos constituintes: religioso, filosófico, científico e literário. Esses discursos, diferentes dos demais, trazem para si certas características como paratopia, o não pertencimento, o não lugar, o motor de criação e também a condição para a constituição. Nas palavras do autor,

[...] Localidade paradoxal, paratopia, que não é ausência de lugar, mas uma difícil negociação entre o lugar e o não lugar, uma localização parasitária, que retira vida da própria impossibilidade de estabilizar-se. Sem localização, não há instituições que permitam legitimar e gerir a produção e o consumo de obras, mas sem deslocalização, não há verdadeira “constituição” (MAINGUENEAU, 2006, p.68).

Sobre os discursos constituintes, Maingueneau (2006) ainda aponta que eles representam “sólidas estruturas textuais que pretendem ter um alcance global, dizer algo sobre a sociedade, a verdade, a beleza, a existência[...]” geradas por grupos específicos que instauram suas diretrizes de funcionamento e produção. Além disso, sua teoria trata da cenografia, do código linguageiro e do *ethos* discursivo, que compõem a cena discursiva e, atrelados, transformam e compõem o discurso, como afirma o teórico:

[...] Essas noções estreitamente articuladas de cenografia, código de linguagem e *ethos* são uma maneira de abordar a questão do poder que a enunciação tem de suscitar a adesão ao inscrever seu destinatário numa cena de fala que é parte do universo de sentido que o discurso pretende promover (MAINGUENEAU, 2006, p.71).

A cena de enunciação, demonstrada por Mainguenu (2015, p.117), contempla uma série de fatores que moldam o discurso. Sobre isso, o autor registra que

[...] “o termo ‘cena’ apresenta ainda a vantagem de poder referir ao mesmo tempo um quadro e um processo: ela é, ao mesmo tempo, o espaço bem delimitado no qual são representadas as peças (“na cena encontra...”, “o rei entra em cena”), e as sequências das ações, verbais e não verbais que habitam o espaço (“ao longo da cena”, “uma cena doméstica”).

Percebe-se a importância de analisar a questão cênica em uma enunciação, pois corresponde aos papéis desempenhados, previamente impostos em cada gênero do discurso. No entanto, lembramos que a imposição não contempla todas as possibilidades possíveis. Em outras palavras, um político X, discursando como político, em um cenário do discurso político, não desempenhará o mesmo papel que a mesma figura X isolada de suas implicações políticas, em um cenário que não contemple o discurso político. Assim, temos cenas diferenciadas para o mesmo “ator”, dependendo da contextualização em que se encontra inserido.

Maingueneau (2013) esmiúça a definição de cena de enunciação partindo-a em três subtemas: cena *englobante*, cena *genérica* e a *cenografia*.

Com relação à cena englobante, Mainguenu (2015, p.118) considera que ela “corresponde à definição mais usual de ‘tipo de discurso’, que resulta do recorte de um setor da atividade social caracterizável por uma rede de gêneros de discurso”. Assim, aqui se pode diferenciar a cena englobante política, na qual encontramos a relação entre a figura política e os cidadãos aos quais o discurso sobre temas de interesse coletivo é dirigido, e a cena englobante científica, em que há uma perspectiva de demonstrar a adaptação do locutor aos trâmites científicos, suas normas e respaldos técnicos.

Já as cenas genéricas (*ibidem*, p.120) “funcionam como normas que suscitam expectativas”; dessa forma, compreendem características dos discursos, tais como: finalidade, papéis, suportes, recursos linguísticos esperados para cada tipo de discurso. Por fim, sobre a questão da cenografia, Mainguenu (2013, p.97-98), pondera que “não é diretamente com o quadro cênico que se confronta o leitor, mas com a cenografia [...]”, ou seja, “A cenografia leva o quadro cênico a se deslocar para o segundo plano”. Assim, “uma cenografia só se manifesta plenamente se puder controlar o próprio desenvolvimento, se puder manter uma distância em relação ao coenunciador”.

Isso posto, é preciso entender como funciona a voz do outro, presente no discurso.

2.2 Heterogeneidade enunciativa

Em geral, os estudos discursivos entendem a linguagem como a ação de sujeitos. No trabalho aqui apresentado, buscamos analisar o discurso relatado. Entendemos, portanto, a necessidade de explicar os princípios da heterogeneidade enunciativa propostos por Authier-Revuz (1990, 2004). Fundamentam o trabalho da autora o dialogismo de Bakhtin e a psicanálise de Lacan, demonstrando como um sujeito recorre a outro para constituir sentido, ainda que de maneira não intencional:

[...] podemos nos apoiar em exteriores teóricos que destituem o sujeito do domínio de seu dizer – ao modo da teoria do discurso e do interdiscurso enquanto lugar de constituição de um sentido que escapa a intencionalidade do sujeito, desenvolvida por Michel Pêcheux e, de forma central, da teoria elaborada por J. Lacan, de um sujeito produzido pela linguagem e estruturalmente clivado pelo inconsciente – quer dizer, onde o sujeito, efeito de linguagem, advém dividido, na forma de uma não-coincidência consigo mesmo [...] (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 186).

Authier-Revuz, relacionando as perspectivas de Bakhtin e Lacan, entende a discursividade como algo heterogêneo, abandonando a concepção de homogeneidade discursiva. Desse modo, considera que um discurso nunca é homogêneo, pois:

[...] sempre sob as palavras, ‘outras palavras’ são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia (discursiva), se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28).

Para Charaudeau (2019, p.162) a “heterogeneidade está marcada por índices que indicam que uma parte, pelo menos, do que é dito, deve ser atribuída a um locutor diferente daquele que fala. Por vezes, essas marcas são discretas”. O teórico também afirma que “pode ser estrategicamente útil jogar com a possibilidade de não fornecer índices do dito relatado, ou de sugeri-los, ou de deixá-los à apreciação do interlocutor” (*ibidem*, p.162). Portanto, as escolhas das demarcações ou da falta delas interferem na constituição final do sentido produzido pelo discurso.

Maingueneau (1997) propõe que, entre os fenômenos de heterogeneidade, figura a imitação, ocupando um lugar importante e representando uma das manifestações mais visíveis. Porém, o teórico pretende afastar a imitação da noção de paródia, pontuando que a imitação do gênero de discurso pode assumir dois valores opostos: “a **captação** e a **subversão**”:

[...] quando um falante se apaga por trás do “locutor” de um gênero determinado de discurso, e mostra que o faz, poderá pretender beneficiar-se da autoridade ligada a este tipo de enunciação ou arruiná-la. No primeiro caso, quando há “captação”, a imitação incide sobre a estrutura explorada e, no segundo caso, quando há “subversão”, a desqualificação desta estrutura ocorre no próprio movimento de sua

imitação. A subversão parece próxima da ironia; no entanto, seus objetivos são nitidamente distintos: enquanto a ironia, de forma paradoxal, anula o que enuncia no próprio ato de enunciar, a subversão mantém uma distância entre duas fontes de enunciação, que ela hierarquiza. Entretanto, da mesma forma que a ironia, a subversão pode não ser percebida como tal: neste caso, resta apenas uma única fonte enunciativa” (MAINGUENEAU, 1997, p.102).

Assim, para o autor, a captação representa a “construção, através da própria enunciação, de uma cena de legitimação”; já na subversão, “as condições genéricas são respeitadas, mas o texto as desqualifica em sua própria enunciação” (*ibidem*, p.104).

Analisando de maneira mais profunda a heterogeneidade, Authier-Revuz (1990, 1998, 2004) apresenta dois tipos: a heterogeneidade constitutiva e a heterogeneidade mostrada. A linguista considera a distinção entre os tipos apresentados, sendo o primeiro referente “aos processos reais de constituição dum discurso”; e o segundo, aos “processos de representação, num discurso, de sua constituição” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.32). Interessam-nos as concepções acerca da heterogeneidade mostrada.

Para a autora, o discurso relatado apresenta a heterogeneidade mostrada do discurso, uma vez que contém formas linguísticas que acabam por inscrever o outro na sequência discursiva de maneira explícita. Ainda para Authier-Revuz (1990, 2004), a heterogeneidade mostrada subdivide-se em formas marcadas, perceptíveis na materialidade linguística (discurso direto, citação, aspas, itálicos) e não marcadas, invisíveis na materialidade linguística (ironia, pastiche, discurso indireto livre, metáforas etc.).

Como aponta Authier-Revuz (2004, p.12), “no fio do discurso que, real e materialmente, um locutor único produz, um certo número de formas, linguisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso, inscrevem, em sua linearidade, o outro”. Como já dissemos, essa inscrição ocorre de maneira marcada ou não marcada. No caso do discurso relatado, temos uma forma de heterogeneidade mostrada, ao inserir o outro (citado) no fluxo do discurso citante. Assim, o discurso relatado contempla um distanciamento entre o sujeito e aquilo que enuncia, pois demarca – ou visa a demarcar – a voz do outro.

Tendo definido alguns aspectos sobre a heterogeneidade enunciativa – mais detalhadamente a heterogeneidade mostrada – e apontado o discurso relatado como um exemplo dela, importa-nos agora demonstrar as características do discurso científico – posto que temos o discurso citado de Tedros Adhanom, diretor-geral da OMS, como porta-voz da ciência – e definir, de maneira mais detalhada, o discurso relatado que, em nosso *corpus*, é representado pelo discurso citante de Jair Bolsonaro.

2.3 Discurso científico

Do cenário que ocupa o discurso científico (doravante DC), atrelados a ele encontramos fundamentadores capazes de construir uma noção de veracidade. Portanto, o lugar ocupado pelo discurso científico já carrega em si uma significação previamente constituída na sociedade. É normal que encontremos respaldos argumentativos em citações extraídas de enunciados produzidos por meio de metodologias científicas, porém cabe a discussão sobre o que ocorre quando tais citações, ao banharem-se nos dados científicos, deturpam-nos, visando à ressignificação e à posterior constituição de credibilidade.

Teorizando a difusão de conhecimentos científicos por meio do discurso científico, Authier-Revuz (1998, p.107) aponta:

[...] A divulgação científica (doravante D.C.) é classicamente considerada como uma atividade de disseminação, em direção ao exterior, de conhecimentos científicos já produzidos e em circulação no interior de uma comunidade mais restrita; essa disseminação é feita fora da instituição escolar-universitária e não visa à formação de especialistas, isto é, não tem por objetivo estender a comunidade de origem.

Seria então o DC um meio para propagar o conhecimento produzido pela ciência para além de suas fronteiras acadêmicas, visando a atingir outro público, que não apenas aquele composto por um seletivo grupo pertencente à academia. Partindo dessa ideia, a autora aponta como um dos possíveis problemas encontrados na trajetória entre o conhecimento e seu novo alvo – o coletivo social, heterogêneo e plural – a questão da linguagem. Lembra que, por diversas vezes, os cientistas e a grande massa não dominam o mesmo tipo de linguagem. Diante disso, para que o conteúdo produzido pelos moldes da ciência atinja seu objetivo e seja de fato compreendido por grande parcela da população, uma tradução torna-se necessária. Para Authier-Revuz (1998, p.108), a “transmissão de um discurso existente em função de um novo receptor, o DC dá-se, então, imediatamente, como uma prática de reformulação de um discurso-fonte (doravante D1) em um discurso segundo (doravante D2)”.

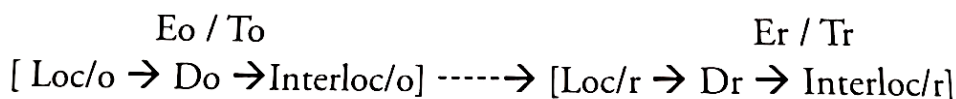
Dessa forma, citar algo produzido pela ciência para a comunidade que não se encontra inserida no grupo dos cientistas já admite a ocorrência de uma reestruturação no discurso. Essa reestruturação é socialmente aceita e encontra, portanto, a possibilidade de apagar os efeitos que a tradução de determinado conteúdo possa trazer à mensagem original.

Ressaltamos que a citação de um discurso científico passa também pelo processo de ressignificações comuns ao discurso relatado. Julga-se importante para o desenvolvimento desta pesquisa a apresentação das características desse discurso, bem como questões acerca do DC, uma vez que a análise pretendida passa por etapas distintas da transmissão de uma

[...] que nenhum DR, por mais longa e minuciosa que seja a descrição da situação de enunciação dada por L (quem fala, para quem, quando, onde, em que circunstâncias, que atmosfera, em que tom, com que gestos etc.?) no sintagma introdutor, pode ser considerado como restituição "completa", fiel, de outro ato de enunciação que ele tenha como objeto (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.148).

Já Charaudeau (2019) diferencia o dito relatado (Dr) do dito de origem (Do), apontando as disparidades entre o locutor que relata (Loc/r) e o locutor de origem (Loc/o), bem como entre o interlocutor de origem (Interloc/o) e o interlocutor do dito relatado (Interloc/r). Distingue também o espaço-tempo de origem (Eo-To) e o espaço-tempo do dito relatado (Er-Tr), apresentando o quadro a seguir para ilustrar tal distinção:

Figura 4: Representações do dito relatado



Fonte: CHARAUDEAU (2019, p.162)

Embora os dois autores apresentem nomenclaturas diferentes para exemplificar os elementos que compõem o discurso relatado, é possível perceber que ambos comprovam a ideia de que os elementos distintos entre o discurso fonte (de origem) e o DR são responsáveis pela diferenciação entre os dois. Em outras palavras, o DR não pode ser caracterizado como mera reprodução de um outro discurso. Na verdade,

[...] o discurso relatado se constrói ao término de uma dupla operação de construção/desconstrução. De reconstrução, porque se trata de tomar um dito para reintegrá-lo a um novo ato de enunciação, passando esse dito a depender do locutor-relator. Assim, o discurso relatado opera uma transformação enunciativa do já dito e, ao mesmo tempo, aponta para a apropriação ou rejeição deste último pelo locutor-relator. De desconstrução porque o discurso relatado mostra que se trata realmente de um dito tirado de um outro ato de enunciação, distinguindo o dito relatado do dito de origem e operando uma reificação deste último, que serve para provar a autenticidade do discurso do relator. Assim, o discurso relatado funciona estrategicamente como um *discurso de prova*, tanto em relação ao outro quanto a si mesmo". (CHARAUDEAU, 2019, p.163)

Como bem lembra Authier-Revuz (1998), há uma tentativa de simplificação na apresentação do DR descrito nas gramáticas tradicionais, resumindo suas classificações em características superficiais do discurso direto (doravante DD), do discurso indireto (doravante DI) e do discurso indireto livre (doravante DIL). Tais características representam apenas uma "pincelada" inicial sobre todo o conceito e possibilidades por trás dessas formas de DR. Citar

o que foi enunciado por outro inferindo a mensagem ou interferindo nela, representar as falas de outro em uma nova enunciação, reformular algo proferido realizando interferências explícitas ou implícitas são formas vastas, profundas do DR, que compreendem inúmeras possibilidades, muito além daquelas que representam o DD como a reprodução *ipsis litteris* do discurso de alguém; que taxam o DI como a tradução de outro discurso; e que submetem o DIL a uma mescla dos discursos anteriores, como se ele próprio não apresentasse características tão distintas das outras formas de DR. A fim de demonstrar tais representações rasas do DR, inserimos a comparação construída por Authier-Revuz (1998) entre a simplificação e a proposta de estudo que realmente apresenta a complexidade do DR.

Representação simplista:

- (1): O DD, tido como de funcionamento "simples" no plano sintático, e "fiel" e "objetivo" no plano semântico-enunciativo.
- (2): O DI, tido como forma subordinada do primeiro, ou seja, como uma variante morfossintática, "derivável" a partir do DD por "regras" de transformação das pessoas e dos tempos.
- (3): O DIL, tido como um indireto suavizado pela supressão do termo subordinante, ou uma mistura de DI e DD, caracterizado como forma literária, legado dos mestres do estilo, Flaubert e La Fontaine... (AUTHIER-REVUZ, 2008, p.134).

Complexidade real do DR:

- o DD não é simples; muito pelo contrário, ele é relativamente bem mais complexo que o DI;
- o DD não é nem "objetivo" nem "fiel"; veremos que, mesmo quando cita textualmente - o que não é necessariamente o caso, pois sua propriedade característica é a antonímia, não a textualidade -, ele não pode ser considerado como "objetivo", na medida em que reproduzir a materialidade exata de um enunciado não significa restituir o ato de enunciação- do qual o enunciado é (apenas) o "núcleo"- na sua integralidade;
- o DI não é um DD subordinado: nenhuma derivabilidade de ordem morfossintática, isto é, derivada das regras gramaticais, liga-os; eles derivam de duas operações radicalmente distintas referentes ao discurso outro que é relatado; a citação-relíquia (DD) e a reformulação-tradução (DI);
- o DIL é uma forma "inteira", original, que não convém tratar em termos de DD-DI, e não é uma forma especificamente literária: ele abunda no discurso oral cotidiano, como também- no campo político - na imprensa ou nos ensaios;
- a trilogia DD, DI, DIL evocada acima é uma descrição parcial e empobrecedora do campo da representação do discurso outro no discurso. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.134).

O DR é, portanto, uma forma complexa que, ao citar, transforma, ressignifica, modaliza o discurso citado. Na sequência, inserimos uma das possibilidades encontradas no DR, a forma “segundo fulano”, que, em Authier-Revuz (1998, p. 136), aparece assim descrita:

[...] as formas do tipo segundo fulano inscrevem-se num paradigma de elementos modalizadores diversos: cuja especificidade, em seu interior, é a de modalizar pela referência a um outro discurso:

parece-me
é certo
(7) João fez, talvez , um longo passeio.
obviamente
segundo fulano

Assim, o outro ato de enunciação (**e**) pode ser:

- se considerarmos o objeto do enunciado de E, estaremos falando de discurso relatado no sentido estrito, com as formas de DD e DI.

- se considerarmos o que sofre a modalização do enunciado de E' estaremos falando de enunciado com modalização em discurso segundo, correspondendo essa estrutura a dois conjuntos de acordo com a incidência da modalização, ou seja, se ela recai

(a) sobre o *conteúdo* da afirmação de E, como em:

segundo x
de acordo com x
(8a) João fez um longo passeio x *dixit*
é x quem o diz
parece

João teria feito um longo passeio.
Parece que João fez um longo passeio.

(b) sobre o *emprego de uma palavra*, tida como emprestada de um exterior, como em:
como diria x
para falar de modo

(9) João espaireceu longamente para retomar uma expressão...
segundo as palavras de x

Desse modo, temos a caracterização de uma das formas do discurso relatado que, ao modalizar um enunciado, acaba por atribuir a ele uma nova possibilidade de significação, ao passo que também distancia o enunciador citante daquele que inicialmente enunciou a mensagem.

Ao aprofundar a diferenciação entre as formas possíveis do DR, Authier-Revuz (1998) explica:

[...] No DI, o enunciador relata um outro ato de enunciação e usando suas próprias palavras, pelas quais ele reformula as palavras de outra mensagem: o modo semiótico do DI é, de maneira homogênea, o modo-padrão. No DD, o enunciador relata um outro ato de enunciação e, usando suas próprias palavras na descrição que faz da situação de enunciação e (quem fala, a quem, quando ...?), ou seja, naquilo que chamamos sintagma introdutor, mas faz menção às palavras da mensagem que relata; o modo semiótica do DD é, assim, heterogêneo: padrão no sintagma introdutor, ele é autônomo na parte "citada", isto é, mostrada (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 139).

Caracterizando e diferenciando as formas do DR, torna-se mais clara a possibilidade de análise sobre a escolha feita por um enunciador que recorre a algo enunciado por outro.

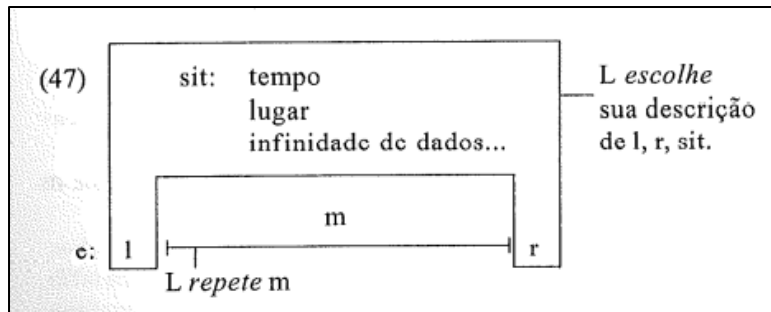
Vejamos uma especificação mais profunda sobre duas das possibilidades do DR, do DD e do DI.

2.4.1 Discurso direto (DD)

Authier-Revuz (1998) combate a ideia de que o DD represente uma reprodução fiel do discurso de outro. Ainda para a estudiosa, o DR mostra um ato de enunciação. Assim, constrói a noção da heterogeneidade do DD, uma vez que tal tipo de discurso apresenta uma situação (SIT) diferente de outra situação (sit) com M e m também distintos. Para a autora,

[...] um DD escrupulosamente textual não pode, por isso, ser considerado como fiel ou objetivo. Citar m exatamente não impede que e seja reconstruído, descrito por L; e é essa descrição de (1, r, sit) por L que dá a grade, o quadro de interpretação do m reproduzido. Há em DD uma ficção de apagamento, uma ostentação de objetividade no "eu cito" (com valor de eu não intervenho) no momento mesmo em que o enunciador L "puxa a linha" da interpretação de m pela descrição que ele dá de e; esta será sempre, inevitavelmente, parcial e subjetiva. Sobre e, que é o objeto de M, dissemos (esquema (35)) que um DD textual opera da seguinte maneira:

Figura 5: Representação de m reproduzido



Fonte: AUTHIER-REVUZ (1998, p. 149).

Ainda em seus estudos, ela aponta os elementos modalizadores usados no DR como ferramentas para a construção de um novo significado atribuído durante o citar. Assim, textualiza que “as formas do tipo ‘segundo fulano’ inscrevem-se num paradigma de elementos modalizadores diversos: cuja especificidade, em seu interior, é a de modalizar pela referência a um outro discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.135).

Analisando o DD, Maingueneau (2013) demonstra a ficção contida na ideia de que, nesse discurso, as falas de alguém são restituídas tal qual foram proferidas pelo indivíduo citado. Dessa forma, o autor assevera:

[...] diferentemente da modalização em discurso segundo, o discurso direto (DD) não se contenta em eximir o enunciador de qualquer responsabilidade, mas ainda simula restituir as falas citadas e se caracteriza pelo fato de dissociar claramente as duas situações de enunciação: a do discurso citante e a do discurso citado (MAINGUENEAU, 2013, p.181).

O DD, representado como idêntica reprodução das palavras de outro, na verdade, vale-se de uma encenação que visa a imitar aquele que é citado. Contudo, há de se perceber a distância entre a fala efetiva – envolta em um contexto determinado, acompanhada de linguagens não verbais – e sua reprodução em contexto diferenciado, ignorando os elementos paralinguísticos originais e acrescentando a essa citação, possivelmente, uma série de outros. Dessa forma, lembra Maingueneau (2013, p.182) que “o DD não pode, então ser objetivo: por mais que seja fiel, o discurso direto é sempre apenas um fragmento de texto submetido ao enunciador do discurso citante[...]”.

Em relação à estrutura das possibilidades do DR, Authier-Revuz (1998, p.139), afirma que “o DD oferece via estatuto autônomo de sua citação, uma estrutura sintática inteiramente particular, na qual qualquer coisa pode vir a funcionar como objeto direto OD do introdutor sem perturbar a gramaticalidade da frase”. A fim de exemplificar tal afirmação, a autora apresenta as seguintes construções:

Eu estou desesperado!
Como fazer?
(20) João disse Meu Deus!
 Glu glu.
 Eu, fome, comer querer.
 I don 't know if it is possible. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 140).

Neste exemplo, percebe-se a construção sintática que permite distanciar o enunciador citante daquele que enuncia a mensagem citada. Também é possível separar o enunciador da mensagem do conteúdo que ela transmite. Tal organização sintática ainda apresenta o verbo *dicendi*. Então, como aponta Authier-Revuz (1998, p. 140), “a mensagem "mostrada" em DD é dada em sua materialidade significante; o DD não enuncia um conteúdo como o DI, ele mostra uma cadeia significante. A construção sintática do DD coloca-o, nas palavras de Authier-Revuz (1998, p.150), como se apresentasse “uma estrutura heterogênea, excepcional na língua”.

É essa estruturação do DD que provoca a equívoca interpretação de que, como forma de DR, o DD representa uma reprodução textual da mensagem inicial, ao ignorar elementos que, para além da estruturação sintática, indicam interferências na mensagem.

2.4.1.2 O uso das aspas

Sobre as formas de delimitar a fronteira entre discurso citante e discurso citado, recorreremos ao que propõem Authier-Revuz (1998) e Maingueneau (2013):

formas marcadas que exigem um trabalho interpretativo

É o conjunto aspas, itálico, entonação de modalização autonímica que apresentam uma marca, mas uma marca que deve ser *interpretada* como referência a um outro discurso. (AUTHIER-REVUZ 1998, p. 143)

O discurso citante, oral ou escrito, deve satisfazer a duas exigências em relação ao leitor:

- Indicar que houve um ato de fala;
- Marcar a fronteira que o separa do discurso citado.

A segunda exigência pode ser satisfeita de várias formas, sobretudo tipográficas: dois pontos, travessões, aspas e itálico delimitam a fala citada. (MAINGUENEAU, 2013 p. 184).

Pontua-se que a marca linguística representada pelas aspas constrói a fronteira entre os discursos, delimitando o que é citado. Nesse sentido, Maingueneau (2013) esclarece essa fronteira, inserindo a ideia de que não há, com o uso das aspas, uma ruptura sintática na frase. Segundo ele,

[...] Enquanto a maioria dos modalizadores (“hum”, “de uma certa maneira”, “desculpe a expressão”...) se insere no fio do discurso, num plano diferente do restante da frase e sem explicar claramente os elementos sobre os quais incidem, as aspas, sem romper a ordem da sintaxe, enquadram tipograficamente os elementos sobre os quais recaem (MAINGUENEAU, 2013 p. 205).

Assim, o recurso das aspas funciona como uma sinalização ao coenunciador, chamando sua atenção e introduzindo a ideia de que, a partir do sinal gráfico, a sequência apresenta-se como distinta e requer do coenunciador a capacidade de interpretar qual é o sentido pretendido pelo uso de tal recurso gráfico. Em outras palavras,

[...] Ao colocar palavra entre aspas, o enunciador, na verdade, apenas chama a atenção do coenunciador para o fato de estar empregando exatamente as palavras que ele está aspeando; salientando-as, delega ao coenunciador a tarefa de compreender o motivo pelo qual ele está chamando assim sua atenção e abrindo uma brecha em seu próprio discurso (MAINGUENEAU, 2013 p. 206).

Interessa-nos, nesta pesquisa, não a ideia de que a expressão entre aspas apresente um significado distinto, mas sim a construção da fronteira entre o dizer de outro, que distancia o enunciador do discurso citado e o enunciador do discurso citante, pois, “muitas vezes, colocar uma unidade entre aspas significa transferir a responsabilidade de seu emprego a outra pessoa” (MAINGUENEAU, 2013, p. 207).

2.4.2 Discurso indireto (DI)

Figurando como outra possibilidade do DR, temos o DI. Nele, não há a preocupação em simular a fala do citado, isto é, encontramos as possibilidades de interpretações pertinentes à ideia citada, e não a reprodução lexical, pois “o enunciador relata um outro ato de enunciação e usando suas próprias palavras, pelas quais ele reformula as palavras de outra mensagem” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.139). Ao encontro dessa visão proposta pela autora, Maingueneau (2013, p.191) declara que “não são as palavras exatas que são relatadas, mas sim o conteúdo do pensamento”.

O DI constitui-se como uma reformulação, a produção de um enunciado que apresentaria sentido similar a **m** do ato relatado. Aqui se encontra uma oposição sintática em relação ao DD. Se ele apresenta uma ruptura, algo excepcional na língua, o DI transcorre com a sua sintaxe normal. Resgatando a autora,

[...] De fato, o DI opera uma reformulação-tradução de **m**, nos termos de **L** em **E**, em todo sistema de nomeação do real, enquanto percorrido por divergências de análise, de apreciação, de avaliação e por variedades de língua - diacrônica, regional, social etc. -, o que é característico de um dado ato de enunciação e pelo qual encontramos a dualidade do DD, justapondo de modo heterogêneo as maneiras de dizer próprias de **1** na situação **e**. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 155).

A ruptura sintática observada no DD não se aplica ao DI, uma vez que a aparência de suas frases corresponde às estruturas-padrão da língua, obedecendo às combinações da gramática. Também é possível reconhecer o DI no conjunto de frases que um discurso apresenta. Como forma de exemplificar a estrutura do DI, Authier-Revuz (1998, p.150 -152) dá o seguinte exemplo:

Observaremos (de modo não exaustivo) ao lado da clássica subordinação em que
 (48) João disse, declarou, contou ... que ...
 a subordinação com infinitivo;
 (49) João pediu, suplicou para vir
 a oração que tem como complemento um nome;
 (50) João falou de seu desgosto, aconselhou a prudência, ordenou
 a partida ...
 o verbo sozinho;
 (51) João aquiesceu, felicitou-a, insultou-a, condenou-a.

O DI apresenta apenas uma modalidade de enunciação: a de **M**, escolhida por **L**:
 A: João disse que ...
 B: Será que João disse que ... ?
 C: João, diga que...!
 a modalidade de enunciação de **m** sendo lexicalizada no verbo de fala introdutório. É assim para:
 A+a João disse que ...
 A + b João perguntou se ...
 A+ c João ordenou que ...

B +a Será que João disse que ...
 B + b Será que João perguntou se ...
 B +c Será que João ordenou que ...
 C+ a João, diga que ...
 C+ b João, pergunte se ...
 C+ c João, ordene que ...

Para a autora, o DI não pode ser caracterizado como uma simples subordinação do DD, visto que ambos diferem também em suas possibilidades de estruturas sintáticas. A escolha do caminho percorrido pelo DR cabe, então, àquele que enuncia, e, como vimos, o ato de enunciação apresentará as marcas de tal escolha.

2.4.3 Escolhas ao relatar

Recorrer ao uso do DD ou DI para pontuar uma citação admite interpretações diferenciadas, uma vez que “há em DD uma ficção de apagamento, uma ostentação de objetividade no “eu cito” (com valor de eu não intervenho)” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p.149). Já no DI, a ideia de interferência é explícita, pois ele atua como uma tradução da fala de outro. Dessa forma, recorrer ao discurso relatado, escolhendo entre suas possibilidades pode, como aponta Charaudeau (2019), produzir diferentes tipos de prova:

de *autenticidade* do dito de origem (“Isso realmente foi dito”, “É indiscutível”, “É realmente disso que se tratou”, “Não estou inventando nada. Ele disse que viria. Você também ouviu”); de responsabilidade daquele que disse (“Foi ele que disse isso, e não uma outra pessoa, nem eu”), com um desvio lógico que deixa entender que se ele disse o que disse, é porque pensa o que disse (“O senhor se lembra de que foi o senhor e seus partidários que preconizaram uma redução de salários”); de *verdade* do que foi dito, verdade que vem sustentar, e mesmo justificar ou fundamentar, os propósitos do locutor-relator (“Não devemos esquecer o que nosso pai nos disse quando éramos crianças; ‘não pensem na glória, pensem em vocês’”). (CHARAUDEAU, 2019, p.163, grifos do autor)

Maingueneau (2013, p.179) promove um estudo sobre os discursos direto e indireto, apontando as possibilidades de significação apresentadas pela citação do enunciado produzido por outro. Assim, considera que “toda forma de discurso relatado constitui *uma enunciação sobre outra enunciação*; põem-se em relação dois acontecimentos enunciativos: uma enunciação **citante** e uma enunciação **citada** (grifos do autor)”. Em seus estudos sobre o DR, o autor apresenta também os modalizadores como elementos capazes de tecer comentários do enunciadador sobre o próprio discurso, bem como comentar sua própria fala. A este recurso dá o nome de “modalização em discurso segundo”. As escolhas que remetem a esses elementos modalizadores podem, como caracteriza Charaudeau (2019), construir, em relação ao locutor-relator, um

[...] posicionamento de engajamento, na medida em que relatar revela, por uma determinada escolha de palavras, a adesão do locutor-relator aos propósitos do locutor de origem [...] ou sua não adesão ao contestar o conteúdo de verdade do já dito ou ao distanciar-se com relação a este, ou mesmo ao denunciar sua falsidades [...].” (CHARAUDEAU, 2019, p.163-164)

Charaudeau (2019) aponta algumas características em relação ao dito relatado e ao posicionamento midiático. Assim, demonstra que as narrativas não se fundamentam apenas na lógica dos fatos; elas conceitualizam, sobretudo de maneira intencional, questões de “origem”, “finalidade” e “lugar do homem no universo”. É, portanto, notável que, ao narrar um fato ou recorrer a um outro discurso, o enunciador do discurso relatado opere uma cadeia de escolhas que transformam e recriam o discurso citado. No entanto, a fim de manter o aspecto da credibilidade, o enunciador/locutor tenta “reconstituir os fatos segundo um princípio de coerência que corresponda a uma lógica de encadeamento mais próxima da experiência ingênua, por ser esta a mais facilmente apreendida por todos: a cronologia.” (CHARAUDEAU, 2019, p.159).

Ainda que respeite a ordem cronológica, aquele que retoma um discurso acaba por impor a essa retomada uma *operação de seleção*

(...) A *seleção* pode ser total ou parcial. Total, quando apresenta o dito *in extenso*, o que produz um efeito de objetivação, de apagamento do locutor-relator e de autenticação do dito. Parcial, quando apresenta o dito relatado de maneira truncada (em trechos), o que produz um efeito de subjetivação na medida em que apenas uma parte do dito de origem é imposta ao olhar (ou ao ouvido). (CHARAUDEAU, 2019, p.164).

O autor (*ibidem*, p. 169) ressalta que a operação de seleção pode desencadear efeitos, tais como: o “efeito de decisão – quando a declaração emana de um locutor que tem o poder de decidir”; o “efeito de saber – quando a declaração emana de um locutor que tem uma posição de autoridade pelo saber”; o “efeito de opinião – quando a declaração emana de um locutor que expressa um julgamento ou uma apreciação”; e o “efeito de testemunho – quando a declaração emana de um locutor que se contenta em descrever o que viu ou ouviu a respeito de um certo fato”. Esses efeitos valorativos atribuem um sentido exterior e distinto ao dito de origem, inscrevendo um posicionamento àquele que cita.

[...] o problema do discurso relatado era essencialmente o da fidelidade quanto à maneira de relatar a palavra de um outro. Na maior parte do tempo, o locutor-relator opera, de maneira consciente ou não, transformações no dito de origem. Assim, essas transformações revelam um certo posicionamento do locutor-relator, quer sejam voluntárias quer não. (CHARAUDEAU, 2019, p.172).

Com relação às intervenções feitas no discurso citado, Charaudeau (2019, p.172-174) propõe que o locutor-relator, aquele que cita, pode realizar: uma “intervenção nas palavras do enunciado de origem, operando uma transformação lexical”; uma “intervenção nas palavras da enunciação de origem, operando uma transformação da modalidade do dito” – transformando uma modalidade de “afirmação” em modalidade de “dúvida”; uma “intervenção na significação enunciativa da declaração de origem, transformando o dito em ação de dizer, e o locutor de origem em agente desta ação”; ou uma “intervenção na enunciação do próprio locutor-relator, marcando uma certa distância com relação à veracidade da declaração”.

Além das intervenções, Charaudeau (2019, p.170-172) aponta o modo de identificação como uma importante forma de demonstrar os problemas do dito relatado. Assim, sinaliza que a identificação depende de três categorias linguísticas: a denominação, a determinação e a modalização. “A *denominação* consiste em designar o locutor de origem por um nome que o identifique do ponto de vista de seu patronímico, de seu título, de sua função ou de uma forma coletiva, quando o indivíduo não é identificável; a “*determinação*, intrinsecamente ligada à denominação, consiste em definir esta última pelo emprego de um nome, de uma marca de deferência ou mesmo de um possessivo [...]” e a “modalização é o meio de que dispõe o locutor-relator para expressar a atitude de crença para com a veracidade dos propósitos do locutor de origem” (grifos do autor).

Para garantir a mais abrangente análise em relação ao DR, é preciso vislumbrar os elementos modalizadores, mais precisamente os chamados sintagmas introdutores, responsáveis por abrir as portas para o início da citação, como é o caso da vasta gama de possibilidades entre os verbos *dicendi*, verbos introdutores de opinião, e não somente eles, mas também elementos adverbiais ou adjuntos que possam acompanhá-los. Ressaltamos, ainda, a existência de descrições que podem nomear o indivíduo citado e carregam em si a capacidade de lapidar o significado daquilo que será citado.

2.5 Retextualização e os verbos introdutores de opinião

Para Marcuschi (2001, p. 48), retextualizar é reproduzir a fala de alguém, é a transposição do oral para o escrito. Nas palavras do autor, “toda vez que repetimos ou relatamos o que alguém disse, até mesmo quando produzimos as supostas citações *ipsis verbis*, estamos transformando, reformulando, recriando e modificando uma fala em outra”. Sobre esse processo, o teórico apresenta as estratégias de retextualização, analisando a idealização, reformulação, adaptação e compreensão. Em seus estudos, aponta também elementos que

constituem importantes variáveis na retextualização. São eles: “o propósito ou objetivo da retextualização”; “a relação entre o produtor do texto original e o transformador”; “a relação tipológica entre o gênero textual original e o gênero da retextualização”; “os processos de formulação típicos e cada modalidade” (MARCUSCHI, 2001, p.54).

As variáveis apontadas pelo autor interferem no produto final, pois podem instaurar modificações acentuadas no texto original. A finalidade de um texto retextualizado possivelmente incorrerá em alterações até mesmo na formalidade da linguagem utilizada. As escolhas feitas por aquele que transformará o texto original e a transposição dos gêneros textuais destacam o posicionamento do agente transformador sobre o texto retextualizado, delimitando e distanciando as fronteiras entre o texto original e o produto da retextualização.

Ainda em relação às possíveis transformações, Marcuschi (*ibidem*, p.62, grifo do autor) declara que

[...] As *atividades de transformação*, que constituem a retextualização em sentido estrito, dizem respeito a operações que vão além da simples regularização linguística, pois envolvem procedimentos de substituição, reordenação, ampliação/redução e mudanças de estilo, desde que não atinjam as informações como tal. Seguramente, haverá, em consequência, mudanças de conteúdo, mas essas não deveriam atingir pelo menos o *valor-verdade* dos enunciados.

Decorre que, mesmo aceitando tais variações como pertinentes ao processo de retextualização, se faz necessário o entendimento de que o sentido amplo, presente no texto original, deveria prevalecer. Desse modo, o autor retoma a regra de editoração que descreve a “eliminação mínima”:

Essa regra é formulada de modo a aplicar-se igualmente aos casos que envolvem pausas, repetições, inserções, correções e outras manifestações de descontinuidade. Ela prevê que não sejam eliminados materiais linguísticos além do necessário. Um exame da aplicação dessa regra de eliminação mínima revela que ela implica uma série de restrições, quais sejam:

- (a) **a restrição de minimalidade (*minimalness constraint*)**: só se deve eliminar da pré-descontinuidade o estritamente necessário para que o pós-descontínuo possa ser tomado como continuação;
- (b) **a restrição de continuidade (*continuity constraint*)**: nenhum dos elementos eliminados deve fazer parte da frase-alvo;
- (c) **a restrição de gramaticalidade (*grammaticality constraint*)**: a editoração só estará completa quando a pré-descontinuidade seguida pela pós-descontinuidade formar uma sequência gramatical pelas regras da língua.
- (d) **a restrição de identificação (*identification constraint*)**: a regra de eliminação mínima será aplicada se e somente se ocorrer um sinal de edição na forma de uma descontinuidade na produção no enunciado do falante. (MARCUSCHI, 2001, p.57-58, grifo do autor).

Da regra retomada pelo teórico, depreende-se a necessidade do controle relativo às eliminações no texto original. Esse controle permitiria uma maior preservação em relação ao sentido presente no texto original.

Em nosso *corpus*, temos a reprodução da fala de alguém não por meio da escrita, mas sim por meio da fala. Mesmo que não encontremos nessa transposição explicitamente um processo de editoração, ainda assim, encontram-se presentes tais interposições descritas anteriormente e aquelas que o autor já apontava em seu estudo sobre os verbos introdutores de opinião:

[...] ao se reproduzir as opiniões de alguém, procede-se a uma nova seleção de termos e outra construção sintática que as do autor. Embora esse processo aparente certa inocência, não impede a possibilidade de distorção ou interferência no discurso relatado (MARCUSCHI, 1991, p.75).

Percebe-se a interferência daquele que cita sobre o que é citado, demonstrando uma transformação no discurso. Na comparação entre a fonte e a citação, devem-se analisar as eliminações, paráfrases, repetições e digressões editadas, anuladas ou descontextualizadas, a fim de demonstrar a ressignificação contida no discurso que citou a fonte original.

Partindo dessa premissa, há de se analisar os elementos que acabam por introduzir o discurso citado. Segundo Marcuschi (1991), entre eles, encontram-se: opções como o uso de verbos que instituem uma determinada opinião ao conteúdo relatado; nominalizações cujos procedimentos mais implícitos parecem distanciar o produtor do discurso relatado e aquele que proferiu o discurso fonte; construções adverbiais que introduzem o discurso relatado, seja por meio da transcrição literal, seja por meio da paráfrase – e aqui encontramos expressões que parecem atribuir toda a responsabilidade do discurso tão e somente ao produtor do discurso fonte, por exemplo, a expressão “segundo fulano”.

Em relação aos verbos de elocução, percebemos que é possível construir uma significação por meio da escolha do verbo que irá instaurar aquilo que foi dito por outro. Assim, Marcuschi (1991, p.89, grifos do autor) aponta sete classes gerais de funções organizadoras:

1 - Verbos indicadores de posições oficiais e afirmações positivas:

“declarar”, “afirmar”, “comunicar”, “anunciar”, “informar”, “confirmar”, “assegurar”.

2 - Verbos indicadores de força do argumento:

“frisar”, “ressaltar”, “sublinhar”, “acentuar”, “ênfatizar”, “destacar”, “garantir”.

3 - Verbos indicadores de emocionalidade circunstancial:

“desabafar”, “gritar”, “vociferar”, “esbravejar”, “apelar”, “ironizar”.

4 - Verbos indicadores da provisoriedade do argumento:

“achar”, “julgar”, “acreditar”, “pensar”, “imaginar”.

5 - Verbos organizadores de um momento argumentativo no conjunto do discurso:

“iniciar”, “prosseguir”, “introduzir”, “concluir”, “inferir”, “acrescentar”, “continuar”, “finalizar”, “explicar”.

6 - Verbos indicadores de retomadas opositivas, organizadores dos aspectos conflituosos:

“comentar”, “reiterar”, “reafirmar”, “negar”, “discordar”, “temer”, “admitir”, “apartear”, “revidar”, “retrucar”, “responder”, “indagar”, “defender”, “reconhecer”, “reconsiderar”, “reagir”.

7 - Verbos interpretativos do caráter ilocutivo do discurso referido:

“aconselhar”, “criticar”, “advertir”, “enaltecer”, “elogiar”, “prometer”, “condenar”, “censurar”, “desaprovar”, “incentivar”, “sugerir”, “exortar”, “admoestar”.

Tais usos dos verbos conferem ao discurso retextualizado um novo significado, alterando o significado original e podendo valorizar o novo discurso. Para Marcuschi (1991, p.89), “os verbos têm, a par de uma atividade sobre o dito, também uma função no texto enquanto estruturam a argumentação”. O autor considera ainda que o valor semântico atribuído a um verbo introdutor de opinião está intimamente ligado aos contextos e às condições de produção do relato. Assim, sobre o DR, é possível verificar que há uma escolha daquele que o cita; trata-se, portanto, da interpretação de uma informação que não consegue ser desvinculada dos contextos de enunciação e que acaba por sinalizar o posicionamento daquele que cita diante do que é citado.

Na esfera da interpretação de uma informação, Marcuschi (1991, p.78, grifos do autor) aponta três aspectos possíveis:

Interpretação explícita, em que há um comentário feito pelo redator da notícia;

Interpretação implícita, que é feita pela seleção dos verbos que introduzem opiniões ou por expressões equivalentes, sem um comentário adicional;

Interpretação pela seleção do que é informado. O fato de se prestar uma e não outra parte das opiniões de alguém já é uma forma de interpretar o discurso através da omissão. A simples seleção é, pois, um tipo especial de interpretação pelo interesse.

Na reorganização de um discurso para o discurso relatado, as interferências no conteúdo original podem apresentar uma nova construção de sentido, pois “ao se informar a opinião de alguém é possível levá-lo a dizer algo que não disse” (MARCUSCHI, 1991, p.78). É também possível observar o posicionamento do autor do discurso relatado em relação ao produtor do discurso original, analisando os verbos escolhidos para introduzir ou retomar a informação alheia. Ao defender a hipótese de que a ação dos verbos introdutores hierarquiza, reforça, discrimina, classifica autores das respectivas opiniões relatadas, Marcuschi (1991) reforça a ideia de que, em um discurso relatado, ao introduzir a opinião de outro por meio de verbos, é possível verificar a posição atribuída ao autor da informação original pelo autor do DR.

Sobre os verbos introdutores de opinião, ainda para Marcuschi (1991, p.85), “uma das formas de agir desses verbos é atribuir à opinião certas intenções que são inferências dentro de um contexto de não-dito”. Dessa forma, tais verbos ganham uma perspectiva ainda maior, posto que podem carregar em si o poder de aplicar um posicionamento diferente daquele pretendido pelo autor da informação. Em resumo, hierarquias, reforços, discriminações e classificações aliam-se a perspectivas diferenciadas em relação àquilo que produziu o autor da informação,

podendo gerar uma nova informação com características distintas daquela que foi considerada fonte.

Fica claro que o poder dos verbos introdutórios não pode ser ligado apenas a uma simples estratégia linguística de retomada de informação anterior. É importante reconhecer o que está intimamente atrelado a seu uso, de maneira explícita ou implícita. Para Marcuschi (1991, p.83), os verbos introdutórios de opinião:

[...] têm várias formas de agir. Em primeiro lugar agem diretamente sobre o discurso relatado; em segundo lugar atuam sobre a compreensão desse discurso e, em terceiro, podem ser eles próprios o relato da forma como o discurso relatado atuou ou deve atuar”

As escolhas dos verbos não apenas remetem a uma ação sobre o dito, mas também, ao reordenarem as informações originais, podem atribuir a elas, por meio de uma ação interpretativa, um novo significado, por vezes, bem distinto do original.

A discrepância entre o sentido original e o novo sentido atribuído pode configurar importante peça para o processo da desinformação. Como nos interessa a transformação dos sentidos em um discurso relatado, explicitamos, no capítulo seguinte, alguns conceitos pertinentes a esse processo.

3 FAKE NEWS: UMA ESTRATÉGIA DE DESINFORMAÇÃO

Neste capítulo, apresentamos as definições pertinentes às *fake news* e ao processo de desinformação. Para tanto, desenvolvemos um breve histórico acerca da popularidade que envolve as notícias falsas e destacamos, tal como demonstram os autores Claire Wardle e Hossein Derakhshan (2017), que por trás da concepção das *fake news* há o processo da desinformação. Ademais, tratamos das agências de checagem, as “bolhas” sociais descritas por Ferrari (2018), bem como de alguns conceitos que envolvem a “verdade” para Arendt (1967).

3.1 Fake news

Figurando entre os assuntos de grande popularidade, adentrando casas, envolvendo familiares, ganhando destaque nas escolas e surgindo como objeto de estudo no meio acadêmico, encontramos um termo – mais precisamente um estrangeirismo – que carrega em si uma vasta possibilidade de significações: *fake news*.

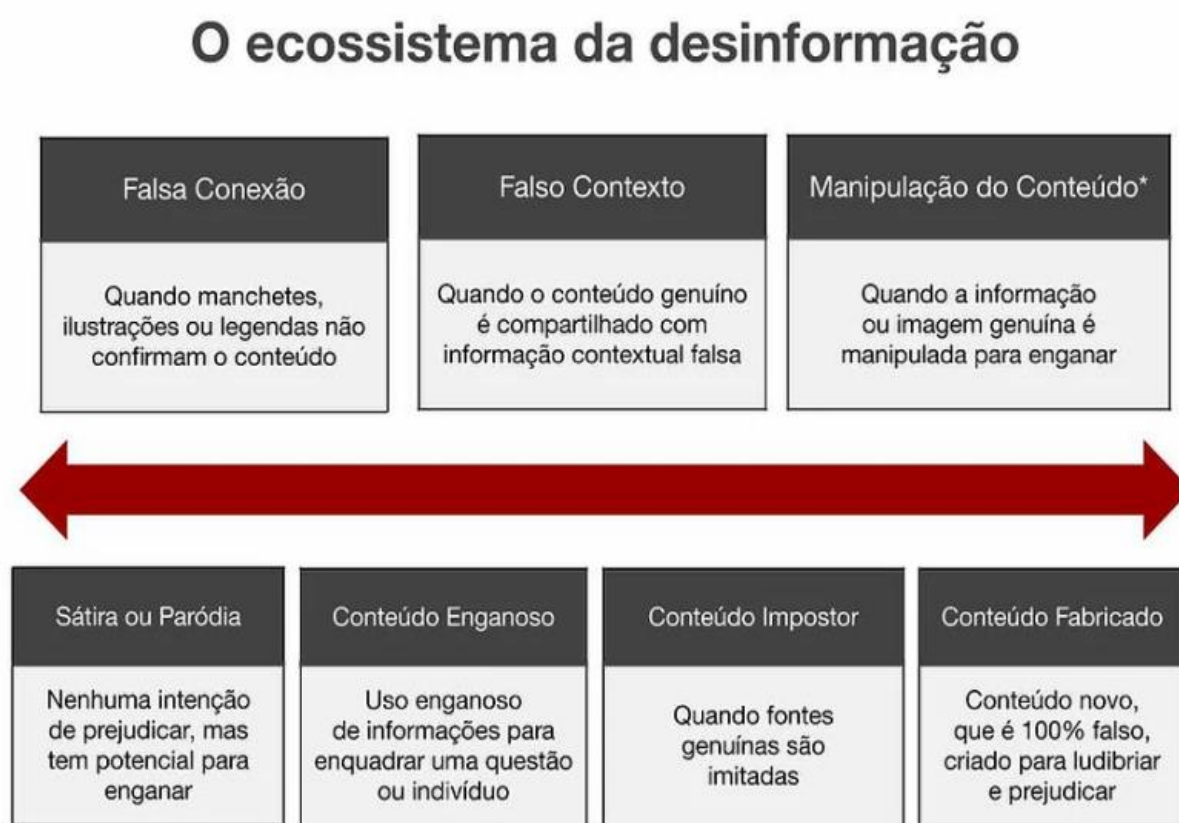
A expressão, advinda da língua inglesa, popularizou-se no final do ano de 2016, quando, junto à expressão pós-verdade, passou a ser relacionada à decisão do Reino Unido de sair da União Europeia – Brexit e às eleições presidenciais de Donald Trump, nos Estados Unidos. Tal como lembra Genesini (2018, p.47), logo após o Brexit e as eleições norte-americanas, o Dicionário Oxford, enunciou seu significado como: “um adjetivo relacionado ou evidenciado por circunstâncias em que fatos objetivos têm menos poder de influência na formação da opinião pública do que apelos por emoções ou crenças pessoais”. Assim, o fenômeno das *fake news* e o potencial de disseminação que elas apresentam no ambiente digital se transformaram em uma emaranhada mescla de notícias alicerçadas em detrações, ressignificações, descontextualizações e/ ou quaisquer outras formas de manipulação.

Segundo Wardle e Derakhshan (2017), o termo *fake news* não é adequado para descrever todo o movimento por trás da produção, difusão e do consumo das “notícias falsas”. Os pesquisadores acreditam que a terminologia é deveras simplista e, portanto, incapaz de sistematizar o problema e sua natureza. Eles explicam que a desinformação pode apresentar várias roupagens, passando pelas sátiras, que ridicularizam poderosos, chegando até mesmo a conteúdos completamente fabricados, que não apresentam sequer uma peça de veracidade.

Wardle e Derakhshan (2017) argumentam ainda que políticos começaram a aproveitar o termo *fake news* para atacar a imprensa ou como estratégia para combater a liberdade de

expressão. Portanto, a fim de abordar o ecossistema da desinformação, os autores propõem o seguinte esquema⁸:

Figura 6: O ecossistema da desinformação



Fonte: Claire Wardle/ First Draft News

Fonte: Manual da Credibilidade

Na estruturação apresentada, encontram-se detalhados sete tipos de desinformação, bem como a intencionalidade existente por trás de cada um deles. Seguindo os passos dessa estruturação, é possível perceber que as nuances da desinformação apresentam detalhes importantes e peculiares entre si; daí a preocupação dos autores de atribuir o rótulo reducionista das notícias falsas a qualquer estrutura produtora de desinformação.

Para delimitar, de maneira pontual, todos os elementos por trás da desinformação, Wardle e Derakhshan (2017) apresentam outro esboço, que reproduzimos a seguir:

⁸ O site Manual da Credibilidade (<https://www.manualdacredibilidade.com.br/desinformacao>) apresenta os esquemas aqui expostos, frutos da tradução do relatório de Wardle e Derakhshan (2017).

Figura 7: Informação: classificação entre o falso e o nocivo



Fonte: *Information Disorder – Toward an interdisciplinary framework for research and policy making*, de Claire Wardle e Hossein Derakhshan © Council of Europe – Traduzido com autorização

Fonte: Manual da Credibilidade

Assim, os grupos “falso” e “nocivo” compõem o cenário por trás da desinformação, estabelecendo critérios para inserir um conteúdo entre: a informação incorreta “quando informações falsas são compartilhadas, mas sem intenção de dano”⁹, apresentando a falsa conexão e conteúdo enganoso; a desinformação, “quando informações falsas são conscientemente compartilhadas para causar danos”, como o falso contexto, o conteúdo impostor e o conteúdo fabricado; e a má informação, “quando informações genuínas são compartilhadas para causar danos, muitas vezes por meio da publicação de informações destinadas a permanecerem privadas”, contendo vazamentos, assédio e discurso de ódio.

Ainda como forma de estudar mais a fundo a estrutura da desinformação, é necessário analisar os “elementos” da desordem da informação, segundo Wardle e Hossein Derakhshan (2017), tais como:

⁹ As informações aqui apresentadas estão dispostas na tradução do relatório de Claire Wardle e Hossein Derakhshan, disponíveis em: <https://www.manualdacredibilidade.com.br/desinformacao>. Acesso em: : 04 mai. 2020.

Figura 8: Estrutura da desinformação



Fonte: Manual da Credibilidade

O esquema acima apresenta a organização dos elementos encontrados nas estruturas da desordem da informação, compostos pelo agente, pela mensagem e pelo intérprete. Para cada elemento, os autores estabelecem uma série de determinações que, em uma análise, são capazes de construir o espectro da desinformação apresentada no conteúdo publicado.

Para Wardle e Derakhshan (2017), também é necessário analisar as fases da desordem da informação, a Criação (quando a mensagem é criada), a (Re) Produção (quando a mensagem é transformada num produto de mídia) e a Distribuição (quando o produto é distribuído ou tornado público).

A figura seguinte nos mostra claramente como essas fases se apresentam:

Figura 9: As fases da desordem da informação



Fonte: *Information Disorder – Toward an interdisciplinary framework for research and policy making*, de Claire Wardle e Hossein Derakhshan © Council of Europe – Traduzido com autorização

Fonte: Manual da Credibilidade

Seria então possível afirmar que as tais notícias falsas representam uma novidade nos cenários de comunicação? E, para ir além, elas representam também a total desconstrução da verdade?

Sobre essas indagações, apresentamos inicialmente o que defende Genesini (2018). Para ele, a verdade quase sempre é subjetiva e não reconhecível. O autor afirma que as pessoas que sustentam a ideia de que as notícias falsas são responsáveis por vivermos em um mundo pós-verdadeiro acham que antes havia um mundo no qual a verdade existia e era objetiva. Ademais, acrescenta que a possibilidade de as notícias falsas desaparecerem não trará de volta o mundo da verdade que nunca existiu.

Em resposta à atualidade das *fake news* e seu possível enquadramento como algo novo, citamos Bucci (2018, p.23) que, em seu artigo, esclarece:

[...] A mentira de imprensa é tão antiga quanto a imprensa. Quando olhamos os jornais da virada do século XVIII para o século XIX na Europa e nos Estados Unidos, vemos um festival de calúnias e xingamentos sem nenhum compromisso com o equilíbrio, a ponderação e a objetividade. Os diários que conquistaram na prática a liberdade de imprensa primavam pela violência da linguagem e mentiam à vontade. A qualidade jornalística, não custa lembrar, só veio como consequência do exercício da liberdade, não o contrário.

Com objetivo de buscar as práticas e origens do ato de falar mal, Karnal (2016), em sua obra *A Detração – Breve ensaio sobre o maldizer*, alerta que, embora a sociedade configure esse ato como algo inapropriado, a história mostra, na prática, que tal comportamento persiste no âmbito social.

Na visão do autor, a detração – o ato de falar mal de alguém, ou, como é tratada no dicionário, a calúnia, a difamação – tem sido praticada como uma forma de fazer alianças, como um recurso para estabelecer jogos de poder. Usando a detração, apontam-se informações do outro, especificamente seus pontos fracos, estabelecendo adversários, com vistas a enfraquecer um lado e fortalecer o outro. Assim tem se apresentado o jogo político, cujo suporte são as gigantes empresas digitais ora comentadas neste trabalho.

Corroborando a ideia de que as *fake news* não representam novidade para a sociedade atual, Frias (2018, p.42) pondera:

[...] Pode-se argumentar, e com razão, que a novidade não está nas *fake news* em si, mas na aparição de um instrumento capaz de reproduzi-las e disseminá-las com amplitude e velocidade inauditas. Ainda aqui o ineditismo é relativo, pois algo parecido pode ser dito sobre o advento da imprensa de tipos móveis. Ao escrever sobre o fervilhante ambiente panfletário das publicações impressas do século XVIII, o historiador Robert Darnton mostrou como era infestado de falsidades, plágios, imposturas e calúnias – de *fake news*, enfim –, cujos autores ficavam protegidos sob anonimato ou por pseudônimos.

A história nos mostra que, desde o século XVIII, as notícias enganosas já existiam. Era comum também que os responsáveis escapassem de qualquer punição dos abusos cometidos. Quanto às punições, há controvérsias na definição do termo *fake news* também para o jornalista Otávio Frias Filho (2018, p. 42):

[...] O termo vem sendo utilizado para efeitos de esgrima retórica, ou seja, para desqualificar versões diferentes daquela abraçada por quem o emprega. Nesse sentido mais permissivo, *fake news* passam a ser tudo aquilo que me desagrade, não apenas fatos que contemplo de maneira diferente da exposta, mas interpretações das quais discordo com veemência e opiniões que me parecem abomináveis. O que é *fake news* para um fanático é verdade cristalina para o fanático da seita oposta.

A dificuldade reside na separação entre o que é permitido expressar e o que não deveria ser. Para tanto, convém tipificar, como se faz na linguagem jurídica, o sentido do termo *fake news* para Frias (2018, p. 43):

[...] O termo *fake news* deveria ser compreendido como toda informação que, sendo de modo comprovável falsa, seja capaz de prejudicar terceiros e tenha sido forjada e/ou posta em circulação por negligência ou má-fé, neste caso, com vistas ao lucro fácil ou à manipulação política. É prudente, tudo indica, isolar a prática, diferenciando-a da mera expressão de pontos de vista falsos ou errôneos, assim como do entrechoque de visões extremadas. Cabe também discernir entre a divulgação ocasional de notícias falsas e sua emissão reiterada, sistemática, a fim de configurar a má-fé.

Ainda sobre selecionar e censurar o que se chama de *fake news*, Frias (2018) pondera que não se pode aceitar que fique a cargo do duopólio que controla a internet – Google e Facebook – a tarefa de selecionar e censurar as *fake news*, por questões de cunho ideológico e

de identidade. O jornalismo não é atividade relevante para essas empresas, seja por uma relação de lucratividade, seja porque o exercício de independência editorial gera atritos com governos, e isso claramente não interessa a nenhuma delas.

O que é notório no fenômeno das *fake news* é o respaldo tecnológico que permite a intensa e instantânea propagação dos conteúdos por elas veiculados, como afirma Costa (2018, p. 12): “A internet apenas e tão somente amplificou o alcance dos boatos, das mentiras e também das verdades”. Assim, espera-se que, na esfera das *fake news*, se entenda que a internet não foi o primeiro – e tampouco será o último – meio a veiculá-las. O autor ainda questiona e analisa formas de garantir o acesso de todos à informação e à diversidade de opiniões, bem como a manutenção e o incentivo a inúmeras possibilidades de fontes. Costa (*ibidem*, p.9) defende que não se discute o acesso à informação na atualidade, mas sim a qualidade de boa parte das informações: “Gasta-se energia na discussão como se a humanidade nunca houvesse convivido com informações erradas. Como se a humanidade nunca tivesse lidado com boatos. Como se os humanos nunca tivessem inventado mentiras”.

Costa (*ibidem*, p.10) apresentou estudo referindo-se à Teoria do Parêntese de Gutenberg, elaborada originalmente pelo professor Thomas Pettitt, da Dinamarca. Tal teoria apontava que a *web* leva as pessoas a um estado de “pré-Gutenberg”, que se define por informações em fluxo e efêmeras. Dessa forma, o autor aponta que a teoria de Pettitt se aproximava da Teoria da Modernidade Líquida, de Zygmunt Bauman, em que propõe uma adaptação dos conceitos aos receptáculos, ajustando-se como a água. A partir da apresentação dessas teorias, o jornalista acrescenta que a imprensa, em seu formato pós-Gutenberg, possivelmente transmitia uma provável confiabilidade na disseminação de suas verdades impressas. Entretanto, na era da pós-impressão, essa verdade – antes palpável até certo ponto – agora se esvai e lança os cidadãos a uma época apoiada na maleabilidade do ambiente virtual, no qual não há mais a solidez do papel para garantir – ou aparentar – certa verossimilhança a uma afirmação qualquer.

Afirma ainda o jornalista sobre a teoria de Pettitt:

[...] Para Thomas Pettitt, a maneira como se pensa agora seria uma reminiscência do modo de pensar de um camponês medieval, com base em fofocas, boatos e muita conversa. “O novo mundo é, em alguns aspectos, o velho mundo, o mundo antes da impressão”, afirma ele (COSTA, 2018, p.10)

Dessa forma, é possível constatar que, na sociedade, sempre existiram e existirão pessoas que acreditam na veracidade de uma notícia falsa, assim como encontramos e encontraremos aquelas que duvidem dela. A internet, nesse ponto, ampliou o alcance dos boatos, das mentiras e também das verdades. Para Costa (2018), a “velha” mídia agarra-se a

seus conteúdos, tentando compartilhar suas informações apenas com os assinantes, impedindo a super distribuição por meio dos obstáculos criados pelos *paywalls*. Em contrapartida, a essa tentativa apontada por Costa, aparecem a democratização e a liberdade da escrita. Na era da internet, pós-impressão, qualquer indivíduo, empresa ou instituição pode apresentar poder de mídia, bem como veicular informações. Assim surgem Google e Facebook, empresas que absorvem grandes receitas publicitárias, mas não produzem conteúdo, pois esse encargo fica sob a responsabilidade de seus usuários.

Tal responsabilidade tem sua parcela de culpa no compartilhamento de pseudoinformações, uma vez que acaba por tornar possível uma ampla divulgação desses conteúdos, facilitando a propagação de boatos e notícias, sejam elas falsas ou verdadeiras. Porém, sendo tais plataformas alimentadas pelo mercado publicitário e pelas empresas que o sustentam, não demorou para que a crescente notoriedade das *fake news* repercutisse negativamente, o que desencadeou uma pressão por parte de grandes marcas que veiculavam anúncios via Google e Facebook.

O efeito positivo dessa pressão, como afirma Costa (2018), foi a tentativa de instaurar ações para impedir a proliferação das *fake news*. O Facebook implantou, em 2016, o Projeto Jornalismo, que objetivava a criação de uma rede de notícias verídicas na plataforma. Foi criada a *disputed tag* ao lado do *feed* de notícias do Facebook. Cada caso de relato de notícia falsa era conferido, e a notícia passava a ter o selo vermelho. A rede social lançou uma lista de procedimentos para auxiliar o usuário a detectar notícias fraudulentas. Porém, ao final de 2017, detectou e declarou a falha dessa estratégia. “O selo acabava chamando ainda mais atenção ao conteúdo considerado falso e a quantidade tanto de denúncias quanto de agências especializadas parceiras em detectar *fake news* era pouca.” (COSTA, 2018, p.14).

Várias foram as investidas do Facebook rumo a uma tentativa de amenizar o problema. Nenhuma delas de fato motivada por altruísmo ou laivos de responsabilidade social, como disse Costa (2018). Tendo sido acusado de difundir notícias falsas durante a campanha presidencial dos Estados Unidos em 2016, a rede social em questão acompanhou o boicote de anunciantes ao YouTube do Google, em razão da inserção de anúncios com conteúdo controverso. Diante disso, movimentou-se para evitar a perda de anunciantes, tal como aconteceu com o grande YouTube.

O jornalista ainda comenta o real motivo das investidas do Facebook, nas palavras de Martin Sorrell, presidente da WPP, um dos maiores grandes grupos publicitários. Para Sorrell, o Facebook e o Google têm a responsabilidade de garantir que as notícias compartilhadas em suas redes sejam reais; caso contrário, arriscam-se a perder milhões de dólares em anúncios.

Para além dessas declarações, na Comunidade Económica Europeia, o Google também foi envolvido em processos motivados por publicação de anúncios de publicidade junto a conteúdos extremistas no YouTube, bem como por iniciativas que solicitavam o pagamento por conteúdos da imprensa tradicional, veiculados nas páginas de busca da empresa. A pior situação foi quando, em 2017, o jornal The Times revelou que a publicidade de grandes anunciantes e do governo britânico aparecia nas mesmas páginas de grupos extremistas, homofóbicos e antissemitas no YouTube. Com isso, o Google perdeu mais de 250 anunciantes extremamente importantes como Volkswagen, AT&T, Johnson & Johnson etc. A empresa prometeu melhorar o policiamento de seus *sites*, elevar os números de funcionários para checagem de anormalidades e também revisar suas políticas. Ademais, alterou algoritmos de busca a fim de se proteger contra *fake news* e conteúdos ofensivos.

Vale lembrar que plataformas como o Facebook se alimentam do engajamento de seus usuários, representado pelo número de curtidas e compartilhamentos. Assim, em 2018, a rede social anunciou mudanças em suas possibilidades de interação; a partir dali, os usuários teriam um contato, em menor escala, com vídeos virais e notícias compartilhadas por empresas de mídia e, em maior escala, com informações compartilhadas por amigos, familiares e afins. Sobre esse posicionamento, Costa (2018, p.13), alerta:

[...] para combater as notícias falsas, o Facebook decidiu punir também as notícias corretas. De quebra, vai ganhar mais receita com as empresas que precisarem impulsionar seus posts, agora pagos, para ganhar audiência entre seus fãs.

Ainda para combater as notícias falsas, o Facebook decidiu abrir outras possibilidades. Passou a exibir análises de agências de checagem de fatos junto às publicações suspeitas, por meio de um sistema de *links*. Determinou também que uma janela perguntasse ao usuário sobre a certeza de desejar compartilhar uma história ou verificar o que as agências de checagem tinham a dizer sobre o fato antes do compartilhamento.

3.2 Agências de checagem e a veracidade dos fatos

Com a visibilidade das *fake news* e a crescente necessidade de se analisar a veracidade das informações partilhadas, surge o *fact-checking*, um novo conceito dentro do jornalismo. Aqui o jornalista não desenvolve uma matéria baseada em informações colhidas e coesas com o intuito de informar; ao contrário, ele parte da desconstrução e análise de algo publicado por terceiros. Essa análise visa a atestar, negar ou sugerir parcialidade quanto à veracidade de uma informação exposta nos veículos de comunicação. Como afirma Ferrari (2018, p.87):

[...] Interpretar e decodificar *Fake News* em base de dados estão transformando o jeito de se fazer jornalismo. O surgimento de agências de *fact-checking* mostra que nada mais continua a ser como era antes: o livro não é mais o que era, o jornal não cessa de se transformar, a foto, o cinema e o vídeo se expandem até a perda de quaisquer fronteiras. Tudo é efêmero.

As agências de checagem espalham-se pelo globo e intentam ganhar a confiança de seus seguidores, expondo os detalhes do conteúdo esmiuçado. Posteriormente, rotulam-no como algo entre o verdadeiro e o completamente enganoso – as rotulações dependem de cada agência. São, pois, um exemplo dessa transformação do jornalismo que, em seus primórdios, defendia a frenética busca pelo “furo” e, com o advento da internet e da publicação instantânea, perdeu essa corrida, obrigando-se a reinventar-se. Construir e trabalhar a credibilidade demanda tempo e uma nova organização, já que, para muitas dessas agências, os próprios leitores são os proponentes do conteúdo a ser validado.

Atualmente, no cenário brasileiro, ocupam o lugar de agências de checagem nomes como a Lupa, Boatos.org e Aos Fatos. Cada uma delas posiciona-se diante da possibilidade de checagem de conteúdos enviados ou sugeridos por leitores. A seguir, discorreremos sobre essas três agências:

3.2.1 A Lupa¹⁰

Segundo informações contidas em seu *site*, a Lupa é uma agência ligada à revista Piauí e, portanto, vinculada ao grupo Folha de S. Paulo. Criada em 2015, apresenta-se como a primeira agência de *fact-checking* no Brasil, integra a International Fact-Checking Network (IFCN) e segue o código de conduta e princípios éticos propostos pelo grupo. Seu quadro de profissionais é composto por jornalistas e especialistas da área da comunicação. Tem como etiquetas de análise as seguintes categorias: *verdadeiro* – a informação está comprovadamente correta; *verdadeiro, mas* – a informação está correta, mas o leitor merece mais explicações; *ainda é cedo para dizer* – a informação pode vir a ser verdadeira, mas ainda não é; *exagerado* – a informação está no caminho correto, mas houve exagero; *contraditório* – a informação contradiz outra difundida antes pela mesma fonte; *subestimado* – os dados são mais graves do que a informação; *insustentável* – não há dados públicos que comprovem a informação; *falso* – a informação está comprovadamente incorreta; *de olho* – etiqueta de monitoramento. A empresa mantém também um canal para receber sugestões de checagem dos internautas.

¹⁰ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/> Acesso em: 10 jun. 2020

3.2.2 Aos Fatos¹¹

Informações apresentadas no *site* da agência Aos Fatos posicionam-na como uma equipe multidisciplinar, com bases situadas tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, fundada em 2015. Integra também a International Fact-Checking Network (IFCN), seguindo seu código de conduta e princípios éticos. Sua metodologia consiste na busca de informações públicas que possam apresentar características duvidosas ou passíveis de questionamento e, portanto, aptas à análise. Tal busca pode ter seu estopim dentro dos integrantes da empresa, bem como ser proveniente da colaboração dos seguidores. Aos Fatos trabalha com as seguintes etiquetas: *verdadeiro* – não há inverdade na declaração; *impreciso* – faltam dados para garantir a veracidade a uma informação determinada; *exagerado* – a informação foi exagerada e não corresponde exatamente ao original; *distorcido* – o dado original foi modificado de alguma forma; *contraditório* – a informação apresenta dados que a contradizem em outras fontes ou mesmo na fonte geradora; *insustentável* – a informação apresenta dados falsos mesclados a dados verdadeiros ou imprecisos; e *falso* – a informação apresenta dados falsos, fictícios e não condizentes com a realidade.

3.2.3 Boatos.org¹²

O *site*, criado em 2013, tem como fundamento a análise de informações compartilhadas na rede. Seu conteúdo abrange desde informações relacionadas à política até as vinculadas ao entretenimento ou à vida particular de celebridades. Os jornalistas colaboradores procuram informações nos canais midiáticos e nas redes sociais. Além disso, a agência mantém um canal aberto para que os internautas possam enviar suas sugestões de investigação. Diferente dos dois outros exemplos de agências de *fact-checking* citados, o *site* costuma divulgar apenas as informações errôneas, adulteradas ou falsas sob a *hashtag* “boato”.

Como vimos, as agências partem para a análise das informações compartilhadas e para a busca de alterações, descontextualizações, deturpações, variações imprecisas ou mesmo presença de elementos completamente inverídicos. Após a verificação, cada agência contempla o conteúdo analisado com uma etiqueta específica, capaz de esclarecer aos possíveis leitores qual é, de fato, o teor de veracidade apresentado por determinada informação.

¹¹ Disponível em: <https://www.aosfatos.org/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

¹² Disponível em: <https://www.boatos.org/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

Ainda assim, para além da confiança em cada uma dessas etiquetas, existem outros aspectos importantes com relação ao ato de compartilhar uma informação. Para entender como alguns usuários resolvem compartilhá-la, mesmo após verificar a presença de uma etiqueta que coloque em risco a credibilidade da informação, é preciso analisar as chamadas “bolhas”.

3.3 Bolhas Sociais

O termo bolhas não surge no meio digital com a mesma significação que apresenta atualmente. Em um cenário em que as redes sociais ainda não atuavam, a bolha funcionava como espaço para gerenciar dados pessoais, como cita Ferrari (2018, p.18): “A bolha, portanto, era uma atividade baseada em privacidade, personalização, prioridade, locação, ambiente, circunstância e tempo”.

Com a chegada das redes sociais, junto dos algoritmos, as bolhas passaram a detectar o perfil dos usuários: psíquico, social, econômico, político etc. Essas informações nutrem plataformas de pesquisa que, por sua vez, alimentam o *marketing* direcionado; porém geram um círculo fechado entre os usuários, separando-os por suas afinidades. Filtrando seus gostos pessoais, orientações ideológicas e aspectos comportamentais, acabam por selecionar e cercar indivíduos em seus universos uniformes, permitindo que se retroalimentem de informações solidificadas dentro da bolha. Convictos na veracidade de seu ponto de vista, reforçado pela visualização daqueles que nutrem os mesmos interesses, os usuários, contidos pelas barreiras das bolhas, propagam informações semelhantes e criam um universo propagador de notícias falsas, alimentadas por suas crenças e achismos, apoiadas em pseudoteorias. Nos dizeres de Santaella (2007, p. 166):

[...] “Quando filtra para fora, as pessoas, dentro da bolha, decidem o que querem enviar para outros fora da bolha. O fluxo informacional para dentro da bolha baseia-se em requisições e necessidade de informação. Bolhas podem ser criadas quando quer que sejam necessárias para uma comunidade ou para uso global”.

Somada à atmosfera das bolhas, como cita Ferrari (2018, p.17), há também a autonomia atribuída aos usuários por meio das redes sociais, relativamente controlada pelos algoritmos. Assim, como já mencionado em tópicos anteriores desta pesquisa, o advento da internet, mais precisamente das redes sociais, democratizou a publicação de conteúdos, descentralizando-os dos tradicionais meios de comunicação e garantindo o “espaço de fala para todos e qualquer um”.

Com espaço de fala garantido e inserido em uma realidade virtual uniforme, sem informações discrepantes, surge um caldo propício à propagação das *fake news*. Imersos nesse

caldo e temperados pelos fatores demonstrados por Perosa (2017, apud FERRARI, p.22) – tais como a polarização política, que não favorece o debate, a descentralização da informação em meios alternativos de comunicação e o ceticismo generalizado das pessoas quanto às instituições políticas – os cidadãos põem a mesa do cenário social para receber o banquete das *fake news*.

3.4 Verdade Factual e Verdade Política

Tendo versado sobre as *fake news* e a indicação de que há por trás delas a estrutura da desinformação, julgamos necessário, como forma de enriquecimento do presente trabalho, trazer para o cenário desta pesquisa algumas posições de Hanna Arendt sobre a questão da verdade factual e política.

Em seu ensaio “Verdade e Política” (1967), a autora propõe que a verdade factual se apresenta como parcela significativa da verdade, baseada em fatos e que pode ser comprovada e certificada experimentalmente. No início de seu artigo, demonstra algumas diferenciações entre as verdades “matemáticas” e a proposta em torno da análise da verdade factual. Traçando um histórico a partir do pensamento de grandes nomes da filosofia, constrói sua análise sobre a concepção da verdade factual. Em suas palavras,

(...) A existência de uma verdade indiferente, a existência de assuntos com os quais os homens não se preocupam - por exemplo a verdade matemática, a doutrina das linhas e das figuras que não contraria nenhuma ambição, nenhum lucro, nem nenhuma cobiça, consolava Hobbes, mas não Platão. Porque, escrevia Hobbes, não duvido que, se fosse coisa contrária ao direito de um homem à dominação, ou ao interesse dos homens que detêm a dominação, que os três ângulos de um triângulo sejam iguais a dois ângulos de um quadrado, esta doutrina teria sido, se não contestada, pelo menos suprimida pelo lançamento à fogueira de todos os livros de geometria, se aquele a quem ela dizia respeito tivesse meios para isso. (ARENDT, 1967, p.5).

Dessa forma, Arendt inicia a construção de seu raciocínio para demonstrar um interesse de manipulação dos fatos inerente ao poder público. Embora haja a tentativa de propagação de uma verdade factual, corre-se o risco de ela acolher determinados interesses, o que já colocaria em questionamento sua atribuição como algo verdadeiro. Assim, Arendt aponta que algo que se apresente contrário a determinados interesses pode ser alvo de alterações que lhe garantam uma aceitação maior:

[...] verdade de facto, quando lhe sucede opor-se ao lucro e ao prazer de um dado grupo, é hoje acolhida com uma hostilidade maior do que alguma vez o foi. Certamente que existiram sempre os segredos de estado; todo o governo deve classificar certas informações, subtraí-las ao conhecimento do público, e aquele que revela autênticos segredos foi sempre tratado como um traidor. (ARENDT, 1967, p.10).

A filósofa acusou os políticos de deturparem a verdade, transpondo a linha entre fatos e opiniões. Para ela, “o que parece ainda mais perturbante é que as verdades de fato incômodas são toleradas nos países livres, mas ao preço de serem muitas vezes, consciente ou inconscientemente, transformadas em opiniões” (*ibidem*, p.10). Assim, é possível entender como a manipulação de um dado, de um fato pode propagar-se como verdade interessante a uma determinada parcela da sociedade. A partir daí, também é possível perceber como uma verdade factual pode ser tachada de opinião e, aos poucos, omitida ou descredibilizada, como é o caso que observaremos mais adiante nesta pesquisa.

[...] Por outras palavras, a verdade de facto não é mais evidente que a opinião, e essa é talvez uma das razões pelas quais os detentores de opinião consideram relativamente fácil rejeitar a verdade de facto como se fosse uma outra opinião. A evidência factual, além disso, é estabelecida graças ao testemunho de testemunhas oculares - sujeitas a caução como se sabe - e graças a arquivos, documentos e monumentos - de cuja falsidade pode sempre suspeitar-se. Em casos de contestação, só é possível invocar outros testemunhos, mas não uma terceira e mais alta instância e a decisão é em geral o resultado de uma maioria; quer dizer, o que acontece é o mesmo que para a solução dos conflitos de opinião - processo totalmente insatisfatório, pois nada impede uma maioria de testemunhos de ser uma maioria de falsos testemunhos. Pelo contrário, em certas circunstâncias o sentimento de pertencer a uma maioria pode até favorecer o falso testemunho. Por outras palavras, na medida em que a verdade de facto está exposta à hostilidade dos detentores de opinião, ela é pelo menos tão vulnerável como a verdade filosófica racional. (ARENDT, 1967, p.15).

É importante também retomar a análise da filósofa quanto à contextualização. Uma verdade factual só apresentaria implicações políticas quando em um contexto interpretativo, porém a proposição contrária é sempre política, sem a necessidade de um contexto, ou seja, analisar um fato em um determinado contexto é uma ação política, contudo negar esse fato, ainda que de maneira isolada de seu contexto, será sempre uma ação política.

Assim, perceberemos mais adiante a aplicação política da verdade factual, bem como da manipulação e negação de dados, que, inseridos no contexto do discurso relatado, compõem o *corpus* desta pesquisa.

Lançadas as bases teóricas que constituem o alicerce deste trabalho, partimos, no próximo capítulo, para a análise do *corpus* selecionado. Recorremos, portanto, aos pressupostos até aqui apresentados com a finalidade de enquadrar os elementos destacados em nosso objeto de análise sob as perspectivas dos autores citados.

4 ANÁLISE DO CORPUS

Neste capítulo, distribuímos a análise nos tópicos apontados em nosso levantamento teórico. Assim, ela se configurou da seguinte maneira: nas disposições de contextos, a fim de demonstrar a não equivalência entre os atos de enunciação de cada discurso; e nos elementos discursivos, tais como sequências discursivas, o uso das aspas e o uso dos verbos, pontuando as disparidades entre as sequências apresentadas, o elemento gráfico que insere o discurso de outro no fluxo do discurso relatado e a atribuição de opinião por trás de cada verbo.

Além disso, focalizamos os elementos que configuram os processos de desinformação, estabelecendo os critérios que nos permitem enquadrar um discurso como integrante desse processo, construindo bases para o compartilhamento de informações falsas. A análise contemplou também a repercussão do discurso relatado na mídia, verificando como ela o recebeu. Ademais, apresentamos os pareceres de agências de checagem sobre as informações divulgadas e o posterior posicionamento de Tedros Adhanom em relação à citação que retoma seus dizeres. Ressaltamos que as transcrições dos discursos, na íntegra, encontram-se nos anexos A, B e C.

4.1 Contextos: a interlocução entre teoria e prática.

Authier-Revuz (1998), ao tratar do DR, apresenta o quadro em que destaca os elementos que integram um ato de enunciação – **sit**: tempo, lugar, infinidade de dados; **m**: mensagem; **I** + **r** (par de interlocutores) do ato de enunciação **e**; e suas variações **SIT**; **M**; **L+R** e **E**, que constroem o discurso relatado. Aplicando tais definições aos elementos que compõem o *corpus* desta pesquisa, temos:

I + **r** representados por Tedros Adhanom e os interlocutores da conferência da OMS, **sit** apresentada pela conferência virtual de imprensa, voltada à resposta de questionamentos levantados por jornalistas, e **m** representada pelos esclarecimentos feitos em relação à pandemia e aconselhamento de medidas para conter a doença.

L+R representados por Jair Bolsonaro e os cidadãos brasileiros, **SIT** descrita pelo discurso oficial proferido em cadeia nacional e disponibilizado posteriormente em site oficial do governo federal, e **M** construída com trechos de **m** para contrapor-se à necessidade do isolamento social.

Dessa forma, podemos confirmar o pensamento de Authier-Revuz (1998), quando afirma que **L** escolhe sua descrição de **I**, **r**, **sit**. Assim, ao usar trechos do discurso de Tedros Adhanom, embora recorra ao DD e, dessa forma, aparente apenas repetir as palavras do diretor

da OMS, Bolsonaro cria um novo ato de enunciação, conferindo a **M** elementos e sentidos distintos de **m**.

Charaudeau (2019), ao teorizar o ato de relatar, denominando-o dito relatado (Dr), diferencia-o do dito de origem (Do). Também aponta as diferenças entre o locutor que relata (Loc/r) e o locutor de origem (Loc/o). Assume e demonstra que o interlocutor de origem (Interloc/o) é distinto do interlocutor do dito relatado (Interloc/r), assim como o espaço-tempo do dito de origem (Eo-To) não é idêntico ao espaço-tempo do dito relatado (Er-Tr). Empregando os elementos propostos pelo teórico nos discursos aqui analisados, temos:

(Do) representado pelo discurso do diretor-geral da OMS; (Loc/o) representado por Tedros Adhanom e (Interloc/o) composto pelos interlocutores da conferência da OMS.

(Dr) representado pelo discurso de Jair Bolsonaro; (Loc/r) representado por Jair Bolsonaro e (Interloc/r) constituído pelos cidadãos brasileiros.

Em relação à (Eo-To) e (Er-Tr) também é possível pontuar a distinção entre eles, já que o espaço-tempo de origem de Tedros Adhanom difere do espaço-tempo de Jair Bolsonaro.

Mais uma vez, ao enquadrar cada elemento dos discursos que compõem nosso *corpus* em teoria proposta, confirmamos as diferenças entre os discursos de Tedros e de Bolsonaro. Vejamos, na sequência, os elementos discursivos que constroem as alteridades nas mensagens apresentadas pelos discurso citado e citante.

4.2 Elementos discursivos

4.2.1 Sequência discursiva

Com a finalidade de apresentar a sequência discursiva nos dois discursos, de Tedros Adhanom e o DR de Jair Bolsonaro, enumeramos as ideias apresentadas utilizando algarismos romanos e colocamos os trechos lado a lado. Isso posto, pode-se perceber que, ao introduzir o discurso citado, Jair Bolsonaro elimina a ideia I apresentada por Adhanom. Não faz referência, portanto, à importância do sistema de assistência social apresentada pelo diretor da OMS como ideia primária para expor o que afirmará na sequência. Ainda em seu discurso, Bolsonaro aparenta seguir a sequência discursiva apresentada por Tedros, entretanto, após essa primeira omissão suprime mais um item que estava presente nas falas do diretor da OMS, a referência à repercussão econômica – ao PIB – (VI):

Quadro 1: Sequência discursiva

TEDROS ADHANOM	JAIR BOLSONARO
(I) – Importância da assistência social. “Alguns países têm sistema de assistência social forte e alguns países não”.	I) – Ø – Não apresenta a importância da assistência social. Me coloco no lugar das pessoas e entendo suas angústias. As medidas protetivas devem ser implementadas de forma racional, responsável e coordenada.
(II) – Trabalho dos autônomos “Sou da África, como vocês sabem, e sei que muitas pessoas realmente têm que trabalhar todos os dias para ganhar seu pão diário”.	(II) – Trabalho dos autônomos Nesse sentido, o Sr. Tedros Adhanom, diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, disse saber que “muitas pessoas, de fato, têm que trabalhar todos os dias para ganhar seu pão diário”
(III) – Considerar os autônomos “Os governos devem levar essa população em conta”;	(III) – Considerar os autônomos “os governos têm que levar esta população em conta”.
(IV) – Limitar a circulação “se estamos fechando ou se estamos limitando a circulação, o que vai acontecer com aquelas pessoas que têm que trabalhar em seu cotidiano e que têm que ganhar o seu pão de cada dia?”	(IV) – Limitar a circulação Continua ainda, “se fecharmos ou limitarmos movimentações, o que acontecerá com estas pessoas, que têm que trabalhar todos os dias e que têm que ganhar o pão de cada dia todos os dias?”
(V) – Autonomia dos países “Assim, cada um dos países deve responder a essa pergunta com base em sua situação”.	(V) – Autonomia dos países Ele prossegue, “Então, cada país, baseado em sua situação, deveria responder a esta questão”.
(VI) - Repercussão econômica “Nós não estamos olhando para essa questão como um impacto econômico em um país, como uma perda média do PIB ou uma repercussão econômica”.	(VI) – Ø – Não apresenta a repercussão econômica – Ø –
(VII) – Indivíduo na rua “Também temos que ver o que significa para o indivíduo na rua e talvez eu já tenha dito muitas vezes;”	(VII) Indivíduo na rua “temos que ver o que significa para o indivíduo nas ruas”
(VIII) – Família pobre “eu venho de uma família pobre e sei o que significa sempre estar preocupado com o seu pão de cada dia e isso deve ser levado em conta”.	(VIII) – Família pobre e complementa “eu venho de família pobre, eu sei o que significa estar sempre preocupado com seu pão diário e isso deve ser levado em conta porque todo indivíduo importa. A maneira como cada indivíduo é afetado pelas nossas ações tem que ser considerada”.
(IX) – Importância de todo indivíduo “Porque todo indivíduo é importante e como cada indivíduo será afetado pelas nossas ações, isso tem de ser considerado e é o que estamos falando”.	(IX) – Importância de todo indivíduo O coronavírus veio e um dia irá embora, infelizmente teremos perdas neste caminho. Eu mesmo já perdi entes queridos no passado e sei o quanto é doloroso. Todos nós temos que evitar ao máximo qualquer perda de vida humana. Como disse o diretor-geral da OMS, “todo indivíduo importa”.

Aqui encontramos um exemplo de “interpretação pela seleção” apontado por Marcuschi (1991, p.78), no qual a escolha das partes citadas percorre um tipo de interpretação pelo interesse. O autor do DR, ao selecionar e realizar recortes no discurso fonte para inseri-lo em seu DR, realiza uma interpretação sobre a informação citada, interferindo no significado da mensagem.

Como bem lembra Charaudeau (2019), o relator ou enunciador do dito relatado recorre à “operação de seleção”, em que pode aplicar a seleção total ou parcial do discurso. A seleção total apresenta o que foi dito em sua integralidade e, portanto, ao apagar o locutor-relator obtém-se um valor objetivo, sem demonstrar possíveis interferências daquele que relata; já a seleção parcial, contendo trechos do dito de origem, em seu caráter subjetivo, acaba por trazer à tona a interferência do relator. Dessa forma, Bolsonaro, ao selecionar trechos do discurso de Tedros, recorre à seleção parcial, embora suas escolhas discursivas apontem para uma representação de respeito à ordem dos dizeres de Adhanom, visando a reproduzir o apagamento do locutor-relator, mas sem de fato fazê-lo, pois, como demonstramos, há no discurso do presidente da República a escolha de trechos em relação ao dito de origem.

Marcuschi (2001), analisando os processos de retextualização, indica que a finalidade de um texto retextualizado e as escolhas feitas durante as transposições dos textos podem afetar o sentido original no produto da retextualização. O autor explica que as “atividades de transformação” envolvidas nesse processo não devem atingir o sentido amplo do texto original e cita a regra de “eliminação mínima” que observa uma série de cuidados a serem respeitados quando algo pertencente ao texto original precisa ser eliminado. No entanto, considerando o discurso de Bolsonaro como uma retextualização do discurso de Tedros Adhanom, percebemos que a regra de “eliminação mínima” não foi respeitada, uma vez que a menção à importância da assistência social não figura entre os itens retomados por Bolsonaro, mas encontrava-se presente no discurso do diretor-geral da OMS. Assim, as regras relativas a eliminações de trechos do texto original não foram observadas, e disso decorre um distanciamento entre o sentido do texto original e do texto retextualizado.

Ainda para Charaudeau (2019), uma das problemáticas em torno do dito relatado diz respeito à identificação. Nesse sentido, a “denominação” consistiria na identificação do locutor de origem pelo locutor-relator. No discurso de Jair Bolsonaro, encontramos: “o Sr. Tedros Adhanom, diretor-geral da Organização Mundial da Saúde”. Verificamos o uso do artigo definido “o” determinando o substantivo próprio e, semanticamente, estabelecendo uma relação de proximidade, enquanto o pronome de tratamento “Sr.” estabelece um caráter formal à apresentação do enunciador do discurso citado. Bolsonaro também qualifica Tedros ao inserir

na “denominação” o cargo que ele ocupa e a organização que representa. Essa apresentação formal aparenta uma noção de respeito à figura daquele que proferiu o dito original. Entretanto, uma percepção mais apurada é capaz de demonstrar que tal construção colabora com a finalidade do discurso relatado aqui analisado, uma vez que empresta a credibilidade de um alto cargo em uma organização renomada para, por meio de fragmentos do discurso citado, respaldar o sentido final intentado pelo locutor-relator.

É importante ressaltar que a OMS se posiciona como uma organização estruturada a partir da ciência. Sendo assim, ao levantar dados para construir sugestões de combate a doenças, funciona também como meio propagador do discurso científico (DC), como descreve Authier-Revuz (1998). Dessa forma, relembramos o que aponta Maingueneau (2015) com relação às cenas englobantes: os discursos aqui expostos apresentam a cena englobante política – DR de Bolsonaro – e a cena englobante científica – falas de Tedros Adhanom . Contudo, o enunciador do DR, ao citar as falas do diretor da OMS, vai justamente contra o posicionamento deste último, ao usá-las para deslegitimar as regras de isolamento social, que, na verdade, figuravam entre uma das propostas com respaldo científico para conter o avanço do vírus.

Aqui retomamos também ao que propõe Maingueneau (1997) sobre um dos fenômenos da heterogeneidade: a imitação. Para o pesquisador, ao imitar um gênero do discurso, recorre-se à “captação” ou à “subversão”. Em ambos os casos, aquele que cita se apaga, deixando aparentemente transparecer o “locutor de um gênero determinado de discurso”.

Na “captação”, há a imitação da estrutura explorada e consequentemente a tentativa de beneficiar-se da autoridade inerente a ela. Na “subversão”, embora exista a imitação da estrutura do gênero do discurso, existe também um processo de desqualificação. Portanto, Jair Bolsonaro, presidente da República, ao reproduzir o discurso de Tedros Adhanom, representante da ciência, ainda que superficialmente demonstre recorrer à credibilidade da instituição representada por Tedros, descaracteriza-a e desqualifica os objetivos primários presentes no discurso citado, incorrendo, em seu DR, no processo de subversão.

4.2.2 Uso das Aspas no *corpus* selecionado

Em primeiro lugar, é preciso detalhar que o discurso de Jair Bolsonaro, apresentado em rede nacional, foi veiculado em vídeo. Diante disso, a apresentação das aspas fez-se na legenda contida no material midiático. Tal recurso também aparece na transcrição do discurso em

questão apresentada pelo portal oficial do governo¹³. No quadro a seguir, colocamos novamente os discursos lado a lado, destacando, no discurso citado, os trechos que foram escolhidos pelo discurso citante. O uso das aspas, no discurso de Bolsonaro, sinaliza o recurso utilizado pelo discurso citante para delimitar a fronteira entre os dizeres, salientando os recortes do discurso citado:

Quadro 2: Uso das aspas

TEDROS ADHANOM	JAIR BOLSONARO
Alguns países têm sistema de assistência social forte e alguns países não. Sou da África, como vocês sabem, e sei que <u>muitas pessoas realmente têm que trabalhar todos os dias para ganhar seu pão diário. Os governos devem levar essa população em conta; se estamos fechando ou se estamos limitando a circulação, o que vai acontecer com aquelas pessoas que têm que trabalhar em seu cotidiano e que têm que ganhar o seu pão de cada dia?</u> Assim, <u>cada um dos países deve responder a essa pergunta com base em sua situação.</u> Nós não estamos olhando para essa questão como um impacto econômico em um país, como uma perda média do PIB ou uma repercussão econômica. Também <u>temos que ver o que significa para o indivíduo na rua</u> e talvez eu já tenha dito muitas vezes; <u>eu venho de uma família pobre e sei o que significa sempre estar preocupado com o seu pão de cada dia e isso deve ser levado em conta.</u> Porque <u>todo indivíduo é importante</u> e como cada indivíduo será afetado pelas nossas ações, isso tem de ser considerado e é o que estamos falando	“muitas pessoas, de fato, têm que trabalhar todos os dias para ganhar seu pão diário” “os governos têm que levar esta população em conta”. “se fecharmos ou limitarmos movimentações, o que acontecerá com estas pessoas, que têm que trabalhar todos os dias e que têm que ganhar o pão de cada dia todos os dias?” “Então, cada país, baseado em sua situação, deveria responder a esta questão”. “temos que ver o que significa para o indivíduo nas ruas”. “eu venho de família pobre, eu sei o que significa estar sempre preocupado com seu pão diário e isso deve ser levado em conta porque todo indivíduo importa. A maneira como cada indivíduo é afetado pelas nossas ações tem que ser considerada”. “todo indivíduo importa”.

Fonte: Elaboração própria.

¹³ Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2020/03/pronunciamento-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-31-03-2020>. Acesso em: 2 abr. 2020

Em sua fala, o presidente não recorre ao termo “abre aspas” para inserir o trecho do discurso de Tedros, mas a escolha da pessoa do discurso, bem como a conjugação do verbo retomam a fala proferida por Tedros, como se observa em “**eu venho** de família pobre, **eu sei** o que significa estar sempre preocupado com seu pão diário”. Aqui percebemos recurso do uso do DD, a tentativa de apresentar o discurso alheio inserido no DR com marcas linguísticas. O *eu* presente nas palavras citadas por Bolsonaro não demarca sua própria pessoa, mas sim a pessoa de Tedros, visando a retomar o ato enunciativo e atribuindo o distanciamento entre o enunciador citante e o citado. Esse recurso constrói a ideia de que o DR, ao recorrer às palavras do outro, empresta-lhe a credibilidade enquanto exime o citante da responsabilidade sobre elas, como pontua Maingueneau (2013).

Sendo as aspas um dos índices que podem demarcar a heterogeneidade, julga-se importante retomar o que afirma Charaudeau (2019) sobre tais marcas, que podem inscrever um discurso citado em um discurso citante. Segundo o autor, essas marcações podem apresentar-se de maneira discreta, e seria estrategicamente interessante o jogo em torno do fornecimento de índices do dito relatado, garantindo ao locutor-relator/ enunciador do discurso relatado o poder de sugerir-los ou deixar a cargo dos interlocutores sua apreciação. Como vimos, Authier-Revuz (1990, 2004) chama de heterogeneidade mostrada a estratégia de deixar marcas no discurso relatado que retomam o discurso citado. Ademais, ela pode subdividir-se em forma marcada – apoiada em elementos linguísticos que inscrevem o discurso citado no discurso citante – e forma não-marcada – que não apresenta elementos linguísticos para inscrever um discurso em outro.

No discurso de Jair Bolsonaro, encontramos a forma marcada da heterogeneidade, pois, conforme demonstramos, apresenta elementos discursivos que promovem a introdução dos dizeres contidos no discurso citado e que, no discurso citante analisado, acabam por ganhar um sentido diferente do sentido original. Com o uso da heterogeneidade marcada, tais recursos constroem estrategicamente a percepção do distanciamento entre os enunciadores do discurso citante e citado. Assim, Bolsonaro respalda um posicionamento claramente seu contra o distanciamento social, nas palavras ditas por Adhanom, que originalmente salientavam a importância do distanciamento.

Outros elementos discursivos usados no discurso relatado do presidente da República também indicam a heterogeneidade marcada. Observemos como se deu a escolha dos verbos usados para inserir o discurso de Tedros Adhanom no discurso de Jair Bolsonaro.

4.2.3 Os verbos e seu papel no objeto de estudo

Para construir a análise em torno dos verbos usados no DR de Bolsonaro, apresentamos o quadro abaixo, em que destacamos as escolhas feitas para citar o discurso de Adhanom:

Quadro 3: Verbos

VERBOS
(1) Nesse sentido, o Sr. Tedros Adhanom, diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, disse saber que “muitas pessoas, de fato, têm que trabalhar todos os dias para ganhar seu pão diário”
(2) e que “os governos têm que levar esta população em conta”.
(3) “ Continua ainda, “se fecharmos ou limitarmos movimentações, o que acontecerá com estas pessoas, que têm que trabalhar todos os dias e que têm que ganhar o pão de cada dia todos os dias?”
(4) “Ele prossegue , “Então, cada país, baseado em sua situação, deveria responder a esta questão”.
(5) “O diretor da OMS afirma ainda que, com relação a cada medida, “temos que ver o que significa para o indivíduo nas ruas”
(6) e complementa “eu venho de família pobre, eu sei o que significa estar sempre preocupado com seu pão diário e isso deve ser levado em conta porque todo indivíduo importa. A maneira como cada indivíduo é afetado pelas nossas ações tem que ser considerada”
(7) “O coronavírus veio e um dia irá embora, infelizmente teremos perdas neste caminho. Eu mesmo já perdi entes queridos no passado e sei o quanto é doloroso. Todos nós temos que evitar ao máximo qualquer perda de vida humana. Como disse o diretor-geral da OMS, “todo indivíduo importa”.

Fonte: Elaboração própria.

Ressaltamos que a estrutura encontrada em (2) retoma a locução verbal escolhida em (1). Naturalmente, a ocorrência do verbo dizer denota neutralidade; tal uso delimita o distanciamento entre o enunciador da mensagem e o enunciador do DR. Porém, dentro da locução “disse saber”, o verbo em questão constrói um sentido distinto. Tedros, em seu discurso diz: “**sei** que muitas pessoas realmente têm que trabalhar todos os dias para ganhar seu pão diário” e “Os governos **devem** levar essa população em conta”, portanto é possível encontrar a afirmação apoiada na certeza do conhecimento sobre o que é dito. Contudo, ao introduzir o discurso de Tedros após a estrutura “disse saber”, temos o apagamento dessa certeza. A estrutura em questão, ao delimitar os dizeres do discurso citante e do discurso citado, não apenas separa os enunciadores, mas introduz uma ideia de dúvida em relação a afirmação feita pelo enunciador do discurso citado, assim como aponta Charaudeau (2019, p. 173) sobre a “intervenção nas palavras da enunciação de origem”, que pode transformar a modalidade dos dizeres a medida em que transforma uma “modalidade de afirmação” em “modalidade de dúvida”.

Já em (7), ao indicar um trecho do discurso de Tedros usando um verbo neutro (disse), Jair Bolsonaro aparenta distanciar-se do enunciador do discurso citado, isentando-se da responsabilidade daquilo que foi proferido. Entretanto, a análise de suas escolhas demonstrou que elas também constroem uma falsa aproximação entre citante e citado, pois desenham um cenário em que ressaltam os dizeres de outro para validar um posicionamento próprio. Na tentativa de sinalizar que o que cita, dito por *ele* (Tedros Adhanom – representante da ciência), corrobora o que o *eu* (Jair Bolsonaro – presidente da República) defende, em um exemplo de “intervenção na enunciação do próprio locutor-relator, marcando uma certa distância com relação à veracidade da declaração.” (CHARAUDEAU, 2019, p. 174).

Nos trechos destacados, encontramos ainda a ocorrência do verbo “afirmar” (5). Retomando a classificação de Marcuschi (1991, p.89), o verbo afirmar figura na categoria dos “verbos indicadores de posições oficiais e afirmações positivas”. Para além da aparente neutralidade presente no verbo dizer, o uso do verbo afirmar, garantindo também o distanciamento já mencionado entre os enunciadores, carrega em si a semântica da convicção. Assim, ao mencionar que Tedros afirmou algo, Bolsonaro transmite a ideia de que o diretor da OMS apresentou um posicionamento que assume o caráter de verdade, algo comprovado e atestado por ele.

Há também a incidência dos termos que Marcuschi (1991, p.89) denomina “verbos organizadores de um momento argumentativo no conjunto do discurso”, representados nas ocorrências (3), (4) e (6). Aqui, ao realizar o uso dos termos em destaque, o DR constrói uma

sequência discursiva que pretende reproduzir a sequência da primeira enunciação, transmitindo a ideia de que segue o discurso citado, não só no conteúdo da mensagem, mas também na ordem proposta pelo enunciador da mensagem. A seleção dos verbos apresentada incorre no que Marcuschi (1991) denomina “interpretação implícita”, sem um comentário do enunciador citante.

4.3 O ecossistema da desinformação

Recorreremos ao relatório de Claire Wardle e Hossein Derakhshan (2017) para analisar o discurso relatado de Bolsonaro sob a perspectiva da estrutura da desinformação proposta pelos autores. Partindo dessa premissa, pontuamos aspectos que constroem o discurso do presidente.

Com relação à estrutura do ecossistema da desinformação apresentada pelos autores, é possível enquadrar o discurso de Bolsonaro como falso contexto, “quando o conteúdo genuíno é compartilhado com informação contextual falsa”, uma vez que o DR apresenta a informação genuína representada pelas falas do diretor da OMS, mas modifica o contexto em que foram produzidas ao realizar a escolha dos trechos do discurso citado e inseri-los no discurso citante. Ademais, podemos observar a manipulação do conteúdo, “quando a informação ou imagem genuína é manipulada para enganar”, pois o DR de Bolsonaro altera a mensagem original de Tedros ao omitir trechos, modificando a finalidade da mensagem, que propunha a assistência social para ajudar aqueles que não pudessem trabalhar, e não a ineficácia ou impossibilidade de restringir a circulação de pessoas, como associou Bolsonaro.

Outra hipótese apresentada pelos autores é a transição entre os elementos falsos e nocivos. Wardle e Derakhshan (2017) propõem esferas que classificam os conteúdos como informação incorreta, des-informação e má informação.

De acordo com a classificação proposta pelos autores, também é possível posicionar o DR de Bolsonaro entre os elementos “informação incorreta” e “des-informação”, pois apresenta “conteúdo enganoso” ao alterar **m** produzindo **M** distinta do original e encenando uma reprodução fiel de **m**.

Vejamos como se apresentam os elementos da desordem da informação propostos por Wardle e Derakhshan (2017) no discurso relatado de Jair Bolsonaro:

Quadro 4: Elementos da desordem da informação

Agente	Tipo de ator: oficial. Tipo de organização: rede. Tipo de motivação: política. Nível de automação: humano. Audiência desejada: sociedade brasileira. Intenção de prejudicar: sim. Intenção de enganar: sim.
Mensagem	Duração: curto prazo. Precisão: enganosa/ manipulada. Tipo de motivação: legal. Tipo de impostor: não. Alvo da mensagem: individual.
Intérprete	Leitura da mensagem: Hegemônica para apoiadores do governo federal. Opositiva para imprensa. Ação tomada: Compartilhada em apoio por apoiadores do governo federal. Compartilhada em oposição por setores da imprensa e agências de checagem.

Fonte: Elaboração própria.

Com relação ao agente, temos o presidente da República representando, portanto, um órgão oficial. A organização é em rede, contando com compartilhamentos posteriores e em sequência. A motivação apresentada é política, pois visa a convencer membros da sociedade. Em um primeiro momento, temos o nível de automação humano, visto que o próprio presidente e seus filhos deram início aos compartilhamentos dos trechos do discurso de Tedros ressignificados. A audiência desejada representa a sociedade brasileira, na tentativa de convencê-la da impossibilidade da restrição de circulação de pessoas, o *lockdown*. Assumindo que uma das estratégias para contenção do vírus era a restrição da circulação de pessoas, atacar tal estratégia figuraria como intenção de prejudicar. Aqui existe a intenção de enganar, visto que Tedros Adhanom já havia esclarecido que seu discurso não tinha a intenção de tecer

qualquer crítica ou retroceder em relação ao *lockdown*, como demonstraremos mais adiante, em postagens que comprovam o posicionamento do diretor da OMS esclarecendo sua fala antes da citação de Bolsonaro no DR pronunciado em rede nacional.

Em relação à mensagem contida no DR de Bolsonaro, temos como característica uma duração de curto prazo, aproveitando-se das palavras do diretor da OMS para desacreditar a instituição que sugeria medidas para a contenção da doença. Também é possível classificar o conteúdo da mensagem como enganoso e manipulado, citando o discurso de outro, omitindo trechos e descontextualizando-o. A motivação é legal, pois não apresenta desvios relacionados ao respeito às leis e não pode ser chamada de elemento impostor, uma vez que não se apresenta como uma imitação de fontes genuínas. O alvo da mensagem é o cidadão brasileiro.

Considerando os intérpretes da mensagem propagada pelo DR de Bolsonaro, ressaltando-se que, embora o termo intérprete possa apresentar duplicidade de sentidos, aqui ele retoma os receptores de uma mensagem, pois assim caracterizam-no os autores Wardle e Derakhshan (2017) como um dos elementos da desordem da informação. Observamos que a leitura dessa mensagem é hegemônica na esfera de apoiadores do governo federal, apresentando-se em concordância com o conteúdo veiculado, contudo, ela se torna opositiva quando verificada em relação a uma parcela significativa da imprensa, por apresentar contestação ao conteúdo. Assim, temos dupla possibilidade de ação tomada: a mensagem foi compartilhada em apoio por simpatizantes do governo federal, bem como compartilhada em oposição por setores da imprensa e agências de checagem.

A seguir, inserimos, no quadro proposto por Wardle e Derakhshan (2017) acerca das fases da desinformação, as informações levantadas, relacionadas ao DR de Bolsonaro:

Quadro 5: Fases da desinformação

Criação	(Re) Produção	Distribuição
Em 30 de março de 2020, após a conferência da OMS, utilizando recortes da fala de Tedros Adhanom.	Em 30 de março de 2020, após a publicação de vídeos e postagens nas redes sociais, Facebook, Twitter e Whatsapp.	Em 30 de março de 2020, após a distribuição e os compartilhamentos do conteúdo publicado. Em 31 de março de 2020, após a apresentação do discurso oficial do presidente da República.

Fonte: Elaboração própria.

Após a análise dos elementos que compõem a estrutura da desinformação no DR de Jair Bolsonaro, vejamos como se deu a repercussão do discurso na mídia.

4.4 Repercussão do discurso relatado (DR) de Jair Bolsonaro na mídia

Reproduzimos, na sequência, algumas manchetes que ilustram a repercussão do DR de Jair Bolsonaro. Neste momento, analisamos como a mídia representou o discurso do chefe da Nação Brasileira.

Figura 10: Repercussão na mídia I



Fonte: Valor Econômico¹⁴, 2020.

Acima, temos uma manchete que retrata o posicionamento do presidente antes da divulgação oficial de seu pronunciamento. Durante a manhã da terça-feira, 31 de março de 2020, na entrada do Palácio da Alvorada, o presidente Jair Bolsonaro destacou trechos do discurso de Tedros para criticar o isolamento social. O Jornal Valor Econômico, ao noticiar o fato, apresentou a manchete em questão e o seguinte trecho:

Bolsonaro perguntou se os jornalistas viram o que o diretor da OMS reforçou que há dois problemas indissociáveis: o vírus e o desemprego. "Quando eu comecei a falar isso, entraram até com processo no Tribunal Penal Internacional contra mim, me chamando de genocida. Eu sou um genocida por defender o direito de você levar um prato de comida para tua casa", comentou, apesar de não haver um processo formalizado até o momento.

Segundo Bolsonaro, Tedros estava aparentemente "um pouco constrangido, mas falou a verdade". "Eu achei excepcional a palavra dele, e meus parabéns: OMS se associa a Jair Bolsonaro", declarou, arrancando aplausos da claqué que estava amontoadá na sua frente.¹⁵

¹⁴ Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/03/31/bolsonaro-incita-apoiadores-contrajornalistas-e-diz-que-oms-se-associou-a-ele.ghml> Acesso em: 21 abr. 2020.

¹⁵ Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/03/31/bolsonaro-incita-apoiadores-contrajornalistas-e-diz-que-oms-se-associou-a-ele.ghml> Acesso em: 21 abr. 2020.

Os textos aludem ao posicionamento do presidente, anterior ao discurso oficial em que citaria os dizeres de Tedros em rede nacional. Vejamos mais algumas manchetes que divulgaram o discurso do presidente.

Figura 11: Repercussão na mídia II

Bolsonaro cita discurso de diretor da OMS, mas omite trecho sobre assistência a mais pobres

Presidente deixou de falar que Tedros Ghebreyesus cobrou medidas para população que perdeu emprego e disse que governantes devem informar cidadãos sobre duração do isolamento

Fonte: Jorna O Estado de S. Paulo¹⁶, 2020

Nesta manchete, encontramos um ato posterior ao discurso oficial. Na matéria veiculada pelo jornal O Estado de S. Paulo, vemos a menção ao DR de Jair Bolsonaro e o posicionamento do redator que, ao usar o verbo “omitir”, demonstra a escolha seletiva do presidente em relação à mensagem transmitida por Tedros Adhanom. O subtítulo da matéria “Presidente deixou de falar que Tedros Ghebreyesus cobrou medidas para população que perdeu emprego e disse que governantes devem informar cidadãos sobre duração do isolamento” também mostra a interferência feita por Bolsonaro ao citar apenas trechos do discurso do diretor da OMS.

Figura 12: Repercussão na mídia III



Fonte: ISTOÉ Dinheiro¹⁷, 2020

¹⁶ Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-cita-discurso-de-diretor-da-oms-mas-omite-trecho-sobre-assistencia-a-mais-pobres,70003254773> Acesso em 21 abr. 2020.

¹⁷ Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/bolsonaro-distorce-fala-de-diretor-da-oms/> Acesso em: 03 mai. 2020.

Em ISTOÉ Dinheiro, utiliza-se o verbo *distorcer* transmitindo também a ideia de interferência, ou seja, apontando que a mensagem original foi alterada no DR.

Figura 13: Repercussão na mídia IV

CORONAVÍRUS

Bolsonaro distorce fala do chefe da OMS para atacar isolamento social

Presidente alega que Tedros Adhanom defendeu retorno ao trabalho em discurso, enquanto, na verdade, ele cobrava governos a agirem pelos mais pobres. Diretor-geral da organização vai ao Twitter explicar sua posição.

Fonte: DW *Made for minds*¹⁸, 2020.

No conteúdo veiculado por DW *Made for minds*, aparece novamente o verbo *distorcer*, porém a manchete aponta não apenas a interferência na mensagem original por meio do uso do verbo em questão, mas também uma construção possível em torno da finalidade de tal distorção. É o que fica implícito pelo uso do termo “para”, que introduz a oração “atacar o isolamento social”.

A fim de seguir em nossa proposta de ilustrar o posicionamento da mídia em relação ao DR realizado por Bolsonaro, inserimos a tabela abaixo. Nela, encontram-se as manchetes que aparecem na primeira página do Google ao realizarmos a pesquisa inserindo as seguintes palavras “Bolsonaro cita Tedros”.

¹⁸ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/bolsonaro-distorce-fala-do-chefe-da-oms-para-atacar-isolamento-social/a-52974440> Acesso em: 10 mai. 2020.

Quadro 6: Posicionamento da mídia

Manchete	Canal/ Fonte
Bolsonaro cita diretor da OMS e pede ‘pacto’ para preservar ‘vidas e empregos’	Canal 360
Bolsonaro cita discurso de diretor da OMS e omite trecho sobre assistência às pessoas que ficaram sem renda	G1
Bolsonaro cita discurso de diretor da OMS mas omite trecho sobre assistência a mais pobres	Estadão
Bolsonaro cita fala de diretor da OMS, mas omite trecho sobre assistência	Jovem Pan
Bolsonaro cita fala alinhada à OMS: ‘Temos o vírus e o desemprego’	R7
Bolsonaro cita discurso de diretor da OMS, mas omite sobre assistência	Gazeta do povo
Bolsonaro cita diretor da OMS e modula discurso	Jornal opção
Bolsonaro cita discurso de diretor da OMS e omite trecho sobre assistência às pessoas que ficaram sem renda	Farol News
Bolsonaro tira de contexto fala de diretor da OMS, que defende isolamento	Folha de S. Paulo
Bolsonaro cita discurso de diretor da OMS, mas omite trecho sobre assistência	Uol Notícias
Bolsonaro cita parcialmente discurso do diretor da OMS	Jornal da Band

Fonte: Elaboração própria.

Nas manchetes apresentadas, apenas duas não atribuem valor ao verbo citar. Assim, percebe-se que parcela significativa da imprensa enquadrou o DR de Jair Bolsonaro como transmissor de uma mensagem diferente da produzida por Tedros Adhanom. É importante destacar também que uma das manchetes, do canal R7, usando a palavra “alinhada”, contraria todos os outros posicionamentos da imprensa aqui apresentados, uma vez que tal uso transmite

a ideia de concordância entre os posicionamentos de Bolsonaro e Tedros. As escolhas feitas pelos veículos de comunicação para noticiarem o discurso relatado de Bolsonaro trazem, como teoriza Charaudeau (2019), o “efeito de opinião”, no qual aquilo que é declarado representa um julgamento daquele que declara em relação ao fato citado. Diante disso, é notório o posicionamento desses veículos midiáticos em relação ao discurso analisado nesta pesquisa.

Na sequência, apresentamos a relação entre desinformação e *fake news*, alimentada pelo DR de Jair Bolsonaro.

4.5 DR do presidente da República, desinformação e *fake news*

Após a conferência da OMS, antes de seu pronunciamento oficial, ainda no dia 30 de março de 2020, o presidente da República publicou no Facebook um vídeo que apresentava trechos dos dizeres de Tedros Adhanom. Como aponta Maingueneau (2015) sobre a questão cênica do discurso, podemos analisar o mesmo ator, Jair Bolsonaro, ora atuando como cidadão “comum” – ao utilizar as redes sociais e não canais oficiais –, ora figurando como presidente, durante o discurso oficial. Na legenda de sua publicação, escreveu: “Algo mudou na OMS? – Agora se preocupam com os informais? – Jair Bolsonaro sempre esteve certo?”¹⁹. Os números de engajamento do vídeo em questão, até a nossa última consulta, somavam 165 mil reações e 24 mil comentários.

Figura 14: Desinformação I



Fonte: Facebook, 2020.

¹⁹ Disponível em: <https://fb.watch/4h5sbckoGe/>. Acesso em: 16 mar. 2021.

Não apenas o presidente, mas também seus filhos²⁰ publicaram o mesmo vídeo contendo os trechos do discurso de Tedros utilizados como material para o pronunciamento oficial analisado anteriormente. A narrativa apresentada pelos compartilhamentos versava sobre um novo posicionamento da OMS em relação ao *lockdown*. Os números do engajamento do conteúdo postado por Eduardo Bolsonaro no do Twitter somavam 156,4 mil visualizações, 14,8 mil curtidas, 5 mil *retweets* e 2 mil comentários, até nossa última checagem.

Figura 15: Desinformação II



Fonte: Twitter, 2020

²⁰ Disponível em:

https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1244766337957855234?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1244766337957855234%7Ctwgr%5E%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.brasil247.com%2Fbrasil%2Feduardo-edita-video-para-dizer-que-oms-apoia-bolsonaro-sobre-fim-do-isolamento. Acesso em: 16 mai. 2021.

A seguir, inserimos uma imagem representando outro vídeo²¹ que, ao comentar trechos do discurso de Tedros, apresentava a mesma narrativa difundida pela família Bolsonaro. Nele, encontramos o uso de trechos de uma fonte oficial para alimentar uma informação distorcida, uma das estratégias da desinformação.

Figura 16: Desinformação III



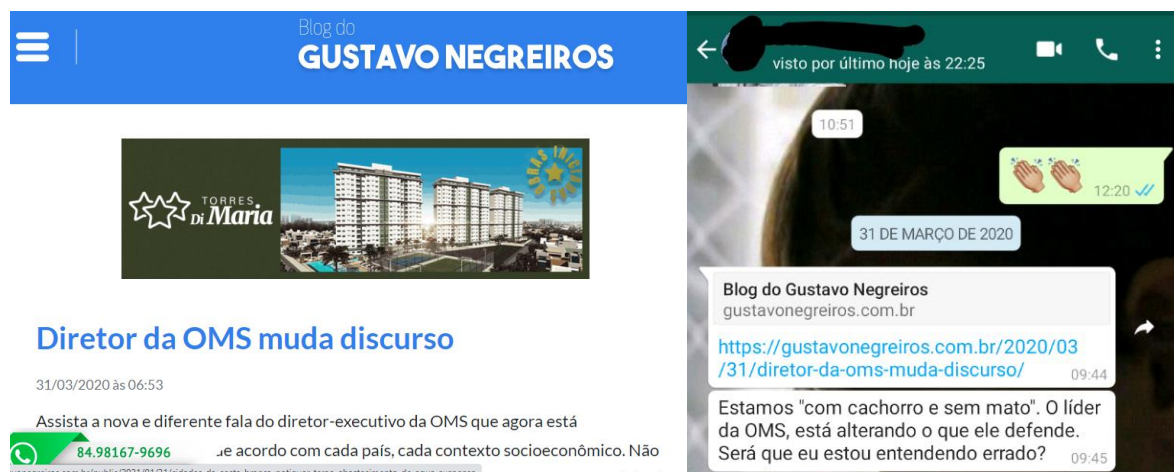
Fonte: YouTube, 2020

Outros meios informais também divulgaram a ideia de que a OMS havia mudado o posicionamento diante da necessidade do isolamento, usando os mesmos trechos do discurso do diretor da organização. Inserimos, a título de ilustração desses exemplos, uma publicação em um blog intitulado Blog do Gustavo Negreiros²², bem como uma mensagem compartilhada via Whatsapp no intuito de convidar à leitura do blog. Aqui, é possível verificar a estrutura do título da postagem que, ao apresentar o verbo mudar, institui uma ruptura de posicionamento do diretor da OMS em relação às medidas para diminuir a circulação de pessoas. Ainda na mensagem compartilhada via Whatsapp, há a tentativa de desacreditar o diretor da OMS, apontando também uma possível modificação em seu parecer sobre o *lockdown*.

²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qMY3sG8F8BE>. Acesso em: 10 jan. 2020

²² Disponível em: <https://gustavonegreiros.com.br/public/2020/03/31/diretor-da-oms-muda-discurso> Acesso em: 12 dez. 2020.

Figura 17: Desinformação IV



Fonte: Blog do Gustavo Negreiros e WhatsApp

4.6 O parecer das agências de checagem

Após as notícias falsas que apontavam uma mudança de posicionamento da OMS em relação ao *lockdown*, alimentadas pela descontextualização e fragmentação das falas de Tedros Adhanom, proferidas em conferência da organização, veículos de imprensa e agências de checagem emitiram seus pareceres sobre o assunto.

A revista *Época* destacou, em manchete, o compartilhamento incompleto das falas de Adhanom feito pela família Bolsonaro e introduziu a ideia de finalidade a esse compartilhamento ao complementar com os dizeres “para ir contra o isolamento”.

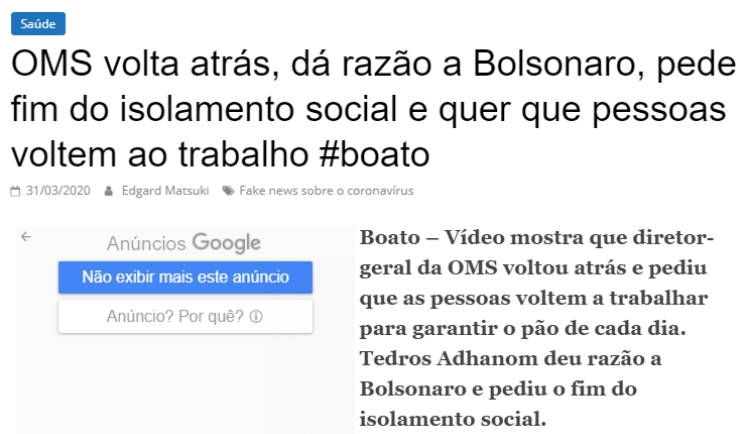
Figura 18: Parecer revista *Época*

Fonte: *ÉPOCA*²³, 2020

²³ Disponível em: <https://epoca.globo.com/guilherme-amado/familia-bolsonaro-compartilha-video-incompleto-de-diretor-da-oms-para-ir-contrario-isolamento-24341788>. Acesso em: 05 abr. 2020

As notícias sobre a possível mudança de posicionamento também se transformaram, como já dissemos, em alvos das agências de checagem – órgãos verificadores de informação. Na sequência, inserimos o posicionamento de três agências: Boatos.org, Lupa e Aos Fatos.

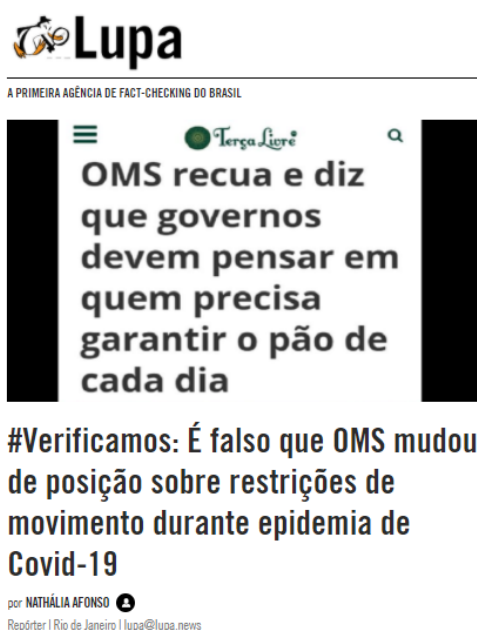
Figura 19: Parecer - Boatos.org



Fonte: Boatos.org, 2020

Boatos.org²⁴ classificou como #boato a informação de que a OMS voltara atrás, dando razão a Bolsonaro e pedindo o fim do isolamento social. A agência apontou que isso não era uma informação verdadeira.

Figura 20: Parecer – agência A Lupa



Fonte: A Lupa, 2020

²⁴ Disponível em: <https://www.boatos.org/saude/oms-volta-atras-da-razao-bolsonaro-pede-fim-isolamento-social-quer-pessoas-voltem-trabalho.html>. Acesso em: 20 abr. 2021

A Lupa²⁵, ao verificar a informação de que a OMS mudara de posição sobre as restrições de movimentação durante a epidemia de covid-19, classificou tal informação como falsa.

Figura 21: Parecer – agência Aos Fatos



Fonte: Aos Fatos, 2020

A agência Aos Fatos²⁶, também em análise sobre a informação que afirmava que o diretor da OMS recuou acerca da recomendação do isolamento social, rotulou tal notícia com a etiqueta “falso”.

4.7 Resposta da OMS às distorções sobre seu posicionamento

Usando seu *Twitter*²⁷, Tedros Adhanom posicionou-se para reafirmar a importância do isolamento social. Ademais, destacou que sua fala na Conferência – que mais tarde, seria citada por Bolsonaro em seu DR – estava ligada à necessidade da existência de políticas públicas que auxiliassem os mais vulneráveis, permitindo que cumprissem o isolamento social. A seguir, nas figuras 22 e 23, colocamos os *tweets* compartilhados por Tedros no idioma original e com tradução automática realizada pelo Google.

²⁵ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/03/31/oms-restricoes-covoravirus/>. Acesso em: 20 abr.2021

²⁶ Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/nao-e-verdade-que-diretor-da-oms-recuou-de-recomendacao-de-isolamento-social/>. Acesso em: 20 abr. 2021

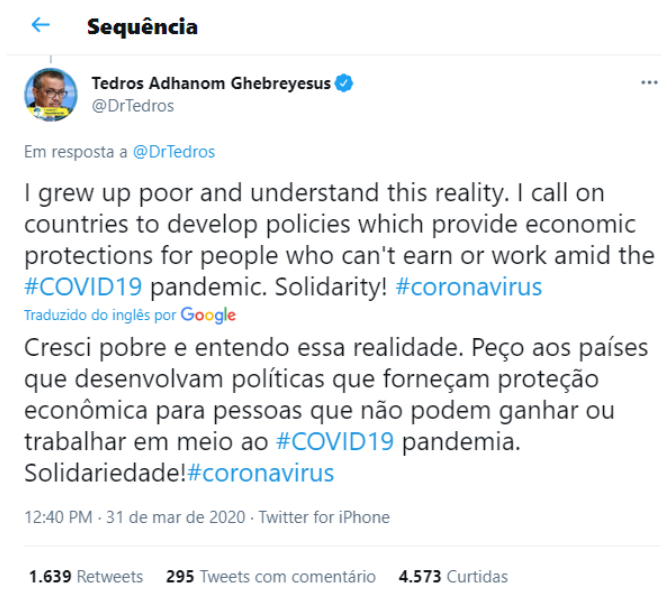
²⁷ Disponível em: <https://twitter.com/DrTedros/status/1245013146256973834>. Acesso em 19 mar. 2021.

Figura 22: Resposta da OMS I



Fonte: Twitter, 2020

Figura 23: Resposta da OMS II



Fonte: Twitter, 2020

As postagens foram realizadas antes do pronunciamento oficial de Bolsonaro, porém aparecem em resposta à narrativa que já usava trechos do discurso de Adhanom para contestar a importância do isolamento social.

A imprensa também noticiou o posicionamento do diretor da OMS após a divulgação dos já mencionados trechos. Tedros Adhanom, em resposta aos compartilhamentos e

declarações extraoficiais de Jair Bolsonaro, reiterou a importância das medidas de isolamento social, como demonstram as manchetes publicadas pelo jornal O Globo²⁸ e pela Veja²⁹.

Figura 24: Divulgação do posicionamento do diretor-geral da OMS I



Fonte: O Globo, 2020

Figura 25: Divulgação do posicionamento do diretor-geral da OMS II



Fonte: Veja, 2020

²⁸ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/diretor-geral-da-oms-rebate-bolsonaro-reafirma-politica-de-isolamento-24341730>. Acesso em: 19 mar. 2021.

²⁹ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/em-resposta-a-bolsonaro-diretor-geral-da-oms-insiste-no-isolamento-social/>. Acesso em: 19 mar. 2021.

É importante relembrar a ordem cronológica dos acontecimentos. Assim, temos as palavras de Tedros, proferidas na conferência da OMS ocorrida em 30 de março de 2020. Ainda no dia 30 de março, Jair Bolsonaro publicou em seu Facebook o vídeo contendo apenas trechos do discurso de Adhanom. Na manhã de 31 de março de 2020, os filhos do presidente compartilharam o mesmo vídeo e, em contato com a imprensa, também na manhã de 31 de março, Bolsonaro comentou o discurso do diretor da OMS como um reposicionamento em relação à visão da necessidade do isolamento social. Por fim, na noite do mesmo dia 31 de março, em rede nacional, Bolsonaro realizava o DR anteriormente analisado.

Aproveitando-nos dessa cronologia, retomamos os conceitos de Arendt (1967) sobre a verdade factual. Como vimos, a filósofa a apresenta como parcela da verdade que pode ser comprovada, certificada, baseada em fatos. No entanto, a autora também denuncia o interesse do poder público na manipulação de fatos que, partilhados com características de verdade factual, podem acolher determinados interesses, deturpando a verdade e rompendo a linha entre fatos e opiniões.

Transpondo o que pontua a filósofa para o contexto desta pesquisa, vemos que Jair Bolsonaro, ao construir as ressignificações já analisadas em relação à mensagem produzida por Tedros, procede à aplicação política da verdade factual. Era fato que Tedros Adhanom havia proferido as palavras citadas por Bolsonaro, porém em contexto distinto do representado pelo presidente da República. No discurso citado, elas pretendiam reforçar a necessidade da assistência social para garantir a possibilidade das medidas que restringiam a circulação de pessoas, sentido bem distinto do que lhes foi atribuído no discurso citante, usado para criticar e determinar a impossibilidade de aplicar tais medidas. Dessa forma, percebemos a manipulação de fatos que, inseridos em um DR, atendem a um interesse.

Demonstramos, portanto, os elementos linguístico-discursivos que compõem um discurso relatado e configuram-no como parte importante em um processo de desinformação, elencando desde a produção de **m** ao relato de **M** e pontuando como **M** contribuiu para a propagação da desinformação.

Em nossas considerações finais, elucidamos os detalhes partilhados na análise do *corpus* aqui apresentado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou analisar como se dá a manipulação do discurso relatado na construção da desinformação. Sendo ela um tema bastante debatido, principalmente no cenário pandêmico que constrói o contexto em que foram produzidos os discursos presentes no *corpus* de nosso trabalho, julgamos importante verificar como se constituiu a transposição de um discurso citado para um discurso citante, colaborando com os estudos que tratam do desvelamento do processo de construção da desinformação. Para tanto, pautamo-nos nos estudos apresentados pelos autores Claire Wardle e Hossein Derakhshan (2017) sobre o ecossistema da desinformação, bem como nas teorias propostas por Authier-Revuz (1998) e Maingueneau (2013), que versam sobre o discurso relatado DR e sobre o discurso direto DD. Apresentamos também os aspectos apontados por Marcuschi (1991), que trata dos verbos introdutórios de opinião. Dessa forma, construímos o aparato teórico que respaldou nossa análise.

Como objetivos específicos, nosso trabalho buscou descrever os diferentes tipos de apresentação do discurso reportado; verificar o emprego do discurso reportado como estratégia para a criação da desinformação; e identificar os efeitos de sentido do discurso reportado enquanto estratégia de credibilidade no discurso midiático. Após a conclusão da presente pesquisa, acreditamos que tais objetivos foram alcançados.

Realizamos a descrição dos diferentes tipos de apresentação do discurso reportado, enfatizando o uso do discurso direto DD. Em nossa análise, destacamos o que propôs Authier-Revuz (1998) sobre os elementos que integram um ato de enunciação. Dessa forma, ao comparar os discursos citante e citado, verificamos as distinções entre os atos de enunciação. Sendo o par de interlocutores (**I+r** / **L+R**), a situação (**sit** / **SIT**) e o ato de enunciação (**e** / **E**) distintos, evidenciou-se que **M** também difere de **m**. Assim, é possível afirmar que, embora Bolsonaro tenha recorrido ao DD para se reportar à fala de Tedros Adhanom, a mensagem transmitida pelo presidente já se encontrava distinta da produzida pelo diretor-geral da OMS, pois, como demonstramos, um ato de enunciação não pode ser reproduzido em sua integralidade. **L** – Jair Bolsonaro – escolhe a descrição de **I**, **r**, **sit** – Tedros Adhanom, interlocutores da conferência, conferência virtual da OMS – e tal escolha já representa a distinção entre a mensagem original **m** – esclarecimentos feitos em relação à pandemia e aconselhamento de medidas para conter a doença – e a mensagem relatada **M** – seleção de trechos de **m** para contrapor-se à necessidade do isolamento social.

Em nossa pesquisa, apontamos também que a distinção entre **M** e **m** não se encontrava apenas alicerçada nas disparidades entre os atos de enunciação, pois as escolhas discursivas feitas pelo discurso citante para retomar o discurso citado constroem alterações significativas em **m**, conferindo a **M** nova significação. Uma das estratégias apontadas na análise verificou a modificação na sequência discursiva, uma vez que Jair Bolsonaro omite importante trecho do discurso de Tedros Adhanom: a importância da assistência social. Diante disso, encontramos um exemplo de “interpretação pela seleção”, como aponta Marcuschi (1991).

Observamos também a estratégia contida no uso das aspas. Embora o presidente não as tenha mencionado ao reproduzir de maneira oral seu discurso, elas aparecem tanto na legenda contida no material midiático, quanto na transcrição do discurso apresentada no portal oficial do governo. Dessa forma, entendemos a necessidade de analisar tal recurso contido no DR de Bolsonaro e assim o fizemos, demonstrando que, no material analisado, elas aparecem junto ao uso da primeira pessoa do singular como marcas linguísticas que inserem o discurso alheio no DR. Nesse sentido, constrói-se a encenação de que se reproduziu apenas a fala de outro, eximindo aquele que cita da responsabilidade de tais dizeres e, no caso em questão, apontando a ideia de que o diretor da OMS havia voltado atrás em seu posicionamento, com relação ao isolamento social.

Ainda atuando para a construção da ideia de mudança do posicionamento do diretor-geral da OMS, Jair Bolsonaro escolhe determinados verbos para reportar em seu discurso as falas de Tedros Adhanom. Os verbos escolhidos apontam aparente neutralidade e inserem a ideia da reprodução da sequência discursiva produzida por Adhanom, na tentativa de caracterizar o fluxo da fala do outro, colaborando para a caracterização fictícia de que o DR de Bolsonaro apenas reportava a mensagem original, sem promover alterações nela.

Analizadas as características discursivas, passamos ao exame dos elementos que compõem o processo da desinformação. Na perspectiva do ecossistema da desinformação proposto por Claire Wardle e Hossein Derakhshan (2017), verificamos que o DR produzido pelo presidente da República, ao apresentar “conteúdo genuíno compartilhado com informação contextual falsa” e “informação genuína manipulada para enganar”, enquadra-se como “falso contexto” e “manipulação do conteúdo”, uma vez que o contexto por trás da fala de Tedros – a importância da assistência social – foi omitido. Ademais, apontamos os indícios, com evidências discursivas, da manipulação do conteúdo original e, por essa razão, enquadramos o DR analisado como portador de informação incorreta e propagador da desinformação.

Com relação aos elementos da desordem da informação levantados em nossa análise e respaldados pelos estudos de Wardle e Derakhshan (2017), observamos o presidente como

agente, caracterizando um órgão oficial, organizando a mensagem compartilhada em rede com motivação política e, em um primeiro momento, com nível de automação humano, não recorrendo a robôs. A audiência desejada para tal mensagem era representada pela sociedade brasileira e, como comprovamos, continha a intenção de enganar, pois atribuía à fala de Tedros um sentido distinto do original, reforçado pelo próprio diretor da OMS em resposta às primeiras distorções, e que antecede à divulgação do DR oficial de Bolsonaro. Observamos também, nos intérpretes que receberam a mensagem contida no DR, uma dualidade de leitura, dado que se apresenta como hegemônica na esfera de apoiadores do governo federal, que a compartilharam em concordância com presidente – e também opositiva, quando verificamos o posicionamento de grande parte da imprensa e agências de checagem, ao contestarem as afirmações de Jair Bolsonaro relacionadas ao discurso de Tedros Adhanom.

Em nossa análise, estabelecemos ainda uma ordem cronológica em relação à apresentação de **m** e transformação para **M**. Assim, constatamos que o diretor-geral da OMS proferiu seu discurso, posteriormente citado por Bolsonaro, em 30 de março de 2020. No mesmo dia, trechos desse discurso foram usados para ilustrar a narrativa de uma mudança de posicionamento da OMS frente ao *lockdown*. Já em 31 de março de 2020, antes do pronunciamento oficial do presidente do Brasil, Adhanom usou suas redes sociais para desmentir a ideia de que havia mudado de posicionamento e reforçou suas palavras, produzidas no discurso de 30 de março, como retrato da importância da assistência social, e não como crítica ao isolamento. Mesmo após o posicionamento do diretor em relação à interpretação errônea de seus dizeres, durante a noite do dia 31 de março de 2020, em pronunciamento oficial, transmitido em rede nacional, Bolsonaro usou os mesmos trechos para novamente construir a ideia de que a OMS questionava a importância do isolamento social e havia voltado atrás em suas recomendações.

Após a divulgação oficial do discurso, observamos a repercussão do DR na mídia e, em nossa análise, encontramos a comprovação da recepção crítica de tal discurso. Como demonstramos, grande parte da imprensa atribuiu à divulgação do discurso do presidente o valor da omissão, repercutindo negativamente. Das manchetes analisadas, apenas uma mencionava o discurso sem o valor da omissão e complementava-o com a percepção de encontrar-se alinhado ao posicionamento da OMS.

Demonstramos o papel do DR analisado como elemento que respaldava o compartilhamento de *fake news*; ao enquadrar-se nas estratégias da desinformação, alterando, manipulando e omitindo trechos do discurso citado, o discurso citante de Bolsonaro figurava como alicerce das notícias falsas compartilhadas e posteriormente conferidas por agências de

checagem, tendo recebido etiquetas como “boato” – Boatos.org – “falsa” – A Lupa – e “falso” – Aos Fatos.

É comum encontrarmos apontamentos que insiram uma informação no campo do que é falso, manipulado, distorcido. Entretanto, idealizamos esta pesquisa com o intuito de enquadrar as informações sob perspectivas teóricas capazes de elucidar, à luz da ciência, os elementos que de fato pudessem classificar tais manipulações, alterações, ressignificações e responder a nosso problema de pesquisa, que visava a analisar em que medida o discurso citado do diretor-geral da OMS fora descaracterizado no discurso citante do presidente da República, passando a atuar como elemento propagador de desinformação. Das hipóteses levantadas em nossas considerações iniciais, ficou claro, durante a análise, que Jair Bolsonaro, em seu discurso citante, alterou a mensagem presente no discurso citado de acordo com o contexto que lhe era favorável. Descartamos, portanto, a hipótese de que o presidente, dentro das possibilidades discursivas, teria sido fiel ao discurso citado.

Assim, acreditamos que nosso trabalho possa contribuir com os estudos que tratam do processo de construção da desinformação, uma vez que pontuamos, em nossa análise, como a manipulação do DR figura nesse processo. Neste estudo, apresentamos a possibilidade da construção de um sentido distinto do original na transposição entre discurso citado e discurso citante, demonstramos também o papel do uso desse novo sentido na construção da desinformação. Dessa forma, ainda que a roupagem atribuída ao DD seja a da reprodução fiel da fala de alguém, fica clara a importância de demonstrar a inveracidade de tal representação. Munidos deste conhecimento, é possível analisar, de maneira mais profunda, todo e qualquer discurso que, ao se reportar a outro discurso, possa, na tentativa de se aproveitar da credibilidade do discurso citado, propagar informações falsas e, assim, encontrar-se inserido no “ecossistema da desinformação”.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hanna. **Verdade e política**. Trad. Manuel Alberto. São Paulo: Relógio D'Água, 1995 [1967].

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras Incertas**: as não-coincidências do dizer. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 19, p. 25–42, 1990.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BERALDO, Paulo. Brasil teve papel direto na fundação da OMS; entenda o que é e a função da organização. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01 de abr. de 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-teve-papel-direto-na-fundacao-da-oms-entenda-o-que-e-e-a-funcao-da-organizacao,70003256316>. Acesso em 05 de dez. 2020.

BUCCI, Eugênio. Pós-política e corrosão da verdade. **Revista USP**, São Paulo, n. 116, p. 19-30, janeiro/fevereiro/março 2018.

CALIL, Gilberto Grassi. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo, n.140, p.30-47, Apr. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/ZPF6DGX5n4xhfJNTypm87qS/abstract/?lang=pt>. Acesso em 02 mar. 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto 2019.

COSTA, Caio Túlio. Verdades e mentiras no ecossistema digital. **Revista USP**, São Paulo, n. 116, p. 7-18, janeiro/fevereiro/março 2018.

EVANGELISTA, Ana Paula. Entenda como funciona a OMS. **Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio**. Disponível em: <http://www.epsjv.fiocruz.br/podcast/policast-entenda-como-funcao-a-oms>. Acesso em 03 de dez. 2020.

FERRARI, Pollyana. **Como sair das bolhas**. São Paulo: EDUC, 2018.

FRIAS, Otávio Filho. O que é falso sobre fake news. **Revista USP**, São Paulo, n. 116, p.39-44, janeiro/fevereiro/março 2018.

GENESINI, Silvio. A pós-verdade é uma notícia falsa. **Revista USP**, São Paulo, n. 116, p. 45-58, janeiro/fevereiro/março 2018.

KARNAL, Leandro. **A detração**. São Leopoldo: UNISINOS, 2016.

LUPA. Quem somos. **Revista Piauí**, 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/quem-somoss/>. Acesso em: 11 de junho de 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Trad. Sírío Possenti. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Maria Cécília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 6. ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese do discurso**. Trad. Sírío Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Analizando discursos constituintes**. Trad. Nelson Barros da Costa. Revista do GELNE, v. 2, n. 1/2, p. 1-12, 22 fev. 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise do discurso: Princípios e procedimentos**. Campinas: Ed. Pontes, 2009.

MANDETTA, Luiz Henrique. **Um paciente chamado Brasil: os bastidores da luta contra o coronavírus**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A ação dos verbos introdutórios de opinião. In: **INTERCOM** Revista Brasileira de Comunicação. São Paulo, Ano XIV, nº 64, pág. 74-92, jan/jun 1991.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

NOSSA equipe. **Aos Fatos**, 2018. Disponível em: < <https://aosfatos.org/nossa-equipe/>>. Acesso em: 11 de junho de 2019.

O QUE É A OMS? **Biblioteca Virtual de Direitos Humanos**. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/o-que-e-a-oms.html>. Acesso em 04 de dez. 2020.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo, Paulus, 2007.

WARDLE, Claire; DERA KHSHAN, Houssein. **Information Disorder**. Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DA CONFERÊNCIA DA OMS 30/03/2020 EM INGLÊS

COVID-19 - virtual press conference - 30 March 2020

Speaker key:

TJ Tarik Jasarevic
 TAG Dr Tedros Adhanom
 GhebreyesusAN Antonio
 MK Dr Maria Van
 KerkhoveRA Randy
 MR Dr Michael
 RyanMO
 Mohammed
 CR Christiana
 BA Banjo
 JI Jim
 NA Naomi
 DI Diane
 GA Gabriela

TJ Hello to everyone from Geneva, from WHO headquarters. This is Tarik again, happy to be back here with you. We will have our regular press conference on COVID-19 and as usual I will ask journalists who are on Zoom to click raise hand to be put in the queue. I understand that there are not many journalists calling on the phone but if there is someone you will need to press * 9. Today we have Director-General, Dr Tedros, Dr Maria Van Kerkhove and Dr Mike Ryan as usual. We will have an audio file immediately available and a transcript a little bit later in the evening or tomorrow. I will give the floor to Dr Tedros for opening remarks. Dr Tedros, please.

00:01:02

TAG Thank you. Thank you, Tarik. Good morning, good afternoon and good evening wherever you are. The COVID-19 pandemic is straining health systems in many countries. The rapidly increasing demand on health facilities and health workers threatens to leave some health systems overstretched and unable to operate effectively. Previous outbreaks have demonstrated that when health systems are overwhelmed deaths due to vaccine-preventable and treatable conditions increase dramatically.

Even though we are in the midst of a crisis essential health services must continue. Babies are still being born, vaccines must still be delivered and people still need life-saving treatment for a range of other diseases. WHO has published guidelines to help countries balance the demands of responding directly to COVID-19 while maintaining essential health services.

This includes a set of targeted, immediate actions to reorganise and maintain access to high-quality essential health services including routine vaccination, care during pregnancy and childbirth, treatment for infectious and non-communicable diseases and mental health conditions, blood services and more.

That includes ensuring an adequate health workforce to deal with the many health needs other than COVID-19. For example we're pleased by the 20,000 health workers in the UK who have offered to return to work and that other countries such as the Russian Federation are involving medical students and trainees in the response.

00:03:21

To help countries manage the surge in COVID-19 cases while maintaining essential services WHO has also published a detailed practical manual on how to set up and manage treatment centres for COVID-19. The manual covers three major interventions; first how to set up screening and triage at health facilities using a repurposed building or a tent.

Second, how to set up community facilities to care for mild patients; and third, how to set up a treatment centre by repurposing hospital wards or entire hospitals or by setting up a new hospital in a tent. The manual covers structural design, infection prevention and control measures and ventilation systems. This is a life-saving instruction manual to deal with the surge of cases that some countries are facing right now. These facilities will also have longer-term benefits for health systems once the current crisis is over.

In addition to having facilities for patients it's also vital that countries have sufficient supplies of diagnostics, protective equipment and other medical supplies. Ensuring free movement of essential health products is vital for saving lives and curbing the social and economic impacts of the pandemic.

Earlier today I spoke to Trade Ministers from the G20 countries about ways to address the chronic shortage of personal protective equipment and other essential medical supplies. We call on countries to work with companies to increase production, to ensure the free movement of essential health products and to ensure equitable distribution of those products based on need.

00:05:36

Specific attention should be given to low and middle-income countries in Africa, Asia and Latin America. In addition WHO is working intensively with several partners to massively increase access to life-saving products including diagnostics, PPE, medical oxygen, ventilators and more.

We understand that many countries are implementing measures that restrict the movement of people. In implementing these measures it's vital to respect the dignity and welfare of all people. It's also important that governments keep their people informed about the intended duration of measures and to support older people, refugees and other vulnerable groups.

Governments need to ensure the welfare of people who have lost their income and are in desperate need of food, sanitation and other essential services.

Countries should work hand-in-hand with communities to build trust and support resilience and mental health. Two months ago WHO published the strategic preparedness and response plan with an initial ask of US\$675 million to support countries to prepare for and respond to COVID-19. We're very grateful to the many countries and foundations who have contributed. More than US\$622 million has been received so far and I would like to use this opportunity to thank the King Salman Center of the Kingdom of Saudi Arabia for Humanitarian Relief for its contribution of US\$10 million.

We continue to be encouraged by the signs of global solidarity to confront and overcome this common threat. The commitment of G20 countries to work together to improve the production and equitable supply of essential products shows that the world is coming together and coming together is the only option we have. Unity is the only option we have to defeat this virus.

00:08:13

Yesterday I sent a tweet with a single word; humility. Some people asked me why I sent a single word on Twitter saying humility. COVID-19 is reminding us how vulnerable we are, how connected we are and how dependent we are on each other. In the eye of a storm like COVID, scientific and public health tools are essential but so are humility and kindness. With solidarity, humility and assuming the best of each other we can and we will overcome this together. I thank you.

TJ Thank you very much, Dr Tedros. We will start with questions. I will remind journalists that we can take only one question per person so we can advance as much as possible. We will start with the Lusa News Agency. That's a Portuguese-speaking news agency. Can you hear us?

AN Yes, can you hear me?

TJ Yes, is it Antonio?

AN Yes, this is Antonio. Thank you.

TJ Please go ahead.

00:09:44

AN I would like to ask a question on the issues of birth, newborn care and breastfeeding. Does the WHO recommend any restriction on breastfeeding, the presence of partners in delivery rooms and skin-on-skin contact between mother and child because of the pandemic? Because health authorities in countries like my own, Portugal, have banned these practices for women who are infected. Thank you.

MK Thank you for the question. We have recently published some guidance on clinical management of individuals who have COVID-19 which includes pregnant women and lactating women, breastfeeding women and it is very important that women are able to

breastfeed their children when they're born. There are certain precautions that need to be taken in terms of contact precautions but we've outlined the ways in which that can be done safely.

TJ Thank you very much, Dr Van Kerkhove. I hope this answers the question. I've just been told that there was a little problem at the beginning with the audio for people on Zoom so please listen to the audio file that we will send immediately after if you have missed those few first seconds. We go to the next question. Do we have Al Jazeera online?

AN Yes, [inaudible].

TJ Andy, if you can just speak a little bit louder, please go ahead.

00:11:21

RA Yes, thank you. I'm Randy [Unclear] with Al Jazeera. Sir, I'd like to ask you with regard to the coronavirus pandemic in Indonesia because as of today there have been more than 1,400 confirmed cases and 122 deaths in Indonesia, which is the most of any country in south-east Asia. What more needs to be done by the Indonesian authorities in this case? Thank you.

MR I'll have a go at the question and then maybe the Director-General will supplement. While the pandemic is very well-developed and escalating in many parts of the world, particularly in Europe and North America, there are countries who are still in the earlier parts of the pandemic. It remains to be seen how the pandemic will develop in those countries but countries with relatively known numbers of cases - and I would count Indonesia in that - have the opportunity to implement a comprehensive strategy focused on containment and on suppression of spread and on strengthening the health system for a likely increase in demand.

Regardless of the scenario it is likely that the number of cases will rise and therefore the demands on the health system will grow. Therefore it's really important that the health system is prepared for any increase in cases. At the same time you have to put pressure on the virus, you have to go after the virus. Like other countries have shown in the region, in south-east Asia going after the virus, detecting all cases, testing all suspect cases, isolating cases, identifying contacts, following them and putting them in quarantine or home isolation is the way to go and matching that with a strong community education and engagement approach.

00:13:29

This needs to be built from the communities up so an all-of-society, all-of-community approach focused on both containing the virus where you have clusters in small numbers of cases and where you have efficient or widespread community transmission to be sure that the health systems in those areas are prepared to deal with what will be a large influx of cases. We believe that that is what Indonesia are attempting and we will do everything to support the Government there in doing that.

TJ Thank you very much, Dr Ryan.

TAG Thank you so much. I just wanted to add to what Mike said, we're working very closely with Indonesia. We had a discussion with the Foreign Minister and then followed up

with His Excellency, the President and we're aligned with what the response should be and we will boost our co-operation with regard to the COVID situation with Indonesia. Thank you.

TJ Thank you very much, Dr Ryan, Dr Tedros. The next question is Mohammed from Shak ul Uwsat. Can you hear us, Mohammed?

MO Yes, thank you. My question is, the United States allowed the use of chloroquine to treat coronavirus. Will chloroquine be effective as a treatment and does the World Health Organization recommend the use of chloroquine to other governments? Thank you.

MR I will begin and Maria will do some more clinical detail. So that we're clear, there is no proven, effective therapeutic or drug against COVID-19. However there are a number of drugs that have shown promise either in previous treatment of coronaviruses like MERS or SARS, in the fight against HIV or in other situations and there is some preliminary data from non-randomised observational studies that indicate that some drugs and some drug cocktails may have an impact.

00:15:46

Some of those drugs may impact the length of disease, some may impact the severity of disease and the dosages of those drugs, when they're given, to what patient at what stage of the disease have not been standardised and we've never had a comparison group where we've had a randomised approach to treatment with a drug or not treatment with a drug.

It is very important that we continue to accelerate the implementation of the randomised control trials that have already begun all over the world including the WHO co-ordinated Solidarity 1 trial but there are other large-scale trials underway in various parts of the world. It's also very important that those drugs are very, very needed for the treatment of other diseases and that we don't see a situation where people who need those drugs for the treatment of other diseases cannot access them because people are just buying them up and using them.

Some countries may introduce compassionate use rules which allow physicians to use those drugs in certain situations off-label. That is a matter for national regulatory authorities. We don't encourage that if it leads to widespread use because it will in effect divert drugs away from the diseases that these drugs are used for and we really want to accelerate the trials that will give us the actual answers that we need. We also need to look at how to scale up production of those drugs that will prove effective in the clinical trials.

00:17:23

TJ Thank you very much, Dr Ryan. I will read one question from Today News Africa. The question is, WHO Africa Office acknowledged last week that the African continent does not have the capacity to produce respirators and ventilators at the moment. What type of support can WHO provide to African countries to quickly get the material that is needed?

MR As the DG indicated, we've already sent large numbers of protective equipment and diagnostic tests to Africa; all countries in Africa can now make the diagnosis of COVID with support from ourselves, from Africa CDC and others. We've been working with the World

Food Program, the Jack Ma Foundation and African CDC to bring PPE into Africa as well as supplies from our own stockpile which is based in Dubai.

It is not enough and you're correct; the issue of ventilators is a very difficult issue; one, because ventilators are technologically sophisticated, expensive, difficult to produce and distribute and require very high levels of training in order to use them properly. There is lots of innovation at the moment in how we can scale up the production of ventilators and even use ventilators that don't require a person to be incubated; in other words, how can you support ventilation in a conscious patient.

There are all kinds of interesting solutions emerging on that front. The issue is getting those solutions to scale but the one thing I will say from the perspective of supporting a severely ill patient; oxygen is something we need to discuss because everybody's talking about ventilators and that's important. A critically ill person struggling to breathe; a ventilator can be life-saving.

00:19:22

But before that happens what truly is life-saving is the ability of a patient to be given supplemental oxygen in order that the concentration of oxygen in their blood can be kept at a high level because that's what patients suffer when they can't breathe properly. The level of oxygen in their blood drops and you'll hear people talking about oxygen saturation. It means how much oxygen is getting into someone's blood from their lungs.

When someone has COVID-19, your lungs struggle to put enough oxygen into your blood. By increasing the concentration of oxygen in the air that someone breathes you allow more oxygen to reach the blood. Every country in Africa has oxygen and we need also to focus on getting better distribution of medical oxygen so patients with moderate/severe disease can benefit from that.

We will work and we are working with the World Food Program, we're working with the UN in New York and the DG has spoken to the efforts we're making to not only scale up the distribution of such equipment and supplies but to co-ordinate that in a way that countries can expect a more smooth service in accessing those vital supplies.

MK If I could add something very briefly, this is a very good opportunity to bring more clinicians and medical professionals on board with us who are into our clinical networks so that they can learn from and share experiences of dealing with COVID-19 patients.

00:20:55

Not all countries are overwhelmed right now with patients. Some have very few patients and it's time right now where we can be sharing experiences, we can be doing trainings that actually look at how patients are treated and what type of care patients who develop moderate, severe or critical disease could be cared for. So we could bring them on board to join our teleconferences that happen regularly with clinicians all over the world.

TJ Thank you very much, Maria. The next question is Christiana Ulrika from DPA, German news agency. Christiana, can you hear me?

CR Hello, can you hear me?

TJ Yes, please go ahead.

CR This is a question on Austria. The Austrian Government has a desire to make everyone wear a mask who's going into the shops. I understood from our previous briefings with you that the general public should not wear masks because they are in short supply. What do you say about the new Austrian measures?

MR Thank you. I'm not specifically aware of that measure in Austria. I would assume that it's aimed at people who potentially have the disease not passing it to others. In general WHO recommends that the wearing of a mask by a member of the public is to prevent that individual giving the disease to somebody else. We don't generally recommend the wearing to masks in public by otherwise well individuals because it has not been up to now associated with any particular benefit.

00:22:39

It does have benefit psychologically, socially and there are social norms around that and we don't criticise the wearing of masks and have not done so but there is no specific evidence to suggest that the wearing of masks by the mass population has any particular benefit. In fact there's some evidence to suggest the opposite in the misuse of wearing a mask properly or fitting it properly or taking it off and all the other risks that are otherwise associated with that.

There also is the issue that we have a massive global shortage and where should these masks be and where is the best benefit? One could argue that there's a benefit of anything but where does a given tool has its most benefit? Right now the people most at risk from this virus are front-line health workers who are exposed to the virus every second of every day.

The thought of them not having masks is horrific so we have to be very careful on supply but that is not the primary reason why WHO has advised against using masks at a mass population level. I'll pass to Maria on the technical side, you may have something to add.

MK Thanks. No, only to reinforce what Mike has said, that our recommendations are that in the community we don't recommend the use of masks unless you yourself are sick and as a measure to prevent onward spread from you if you are ill. The masks that we recommend are for people who are at home and who are sick and for those individuals who are caring for those people who are home that are sick.

00:24:07

But as Mike has said, it's important that our front-line workers, who we recommend standard and droplet precautions, have adequate use of PPE and so that we prioritise the use of masks for those who need them most.

TJ Thank you very much. Next question from India, from Banjo Cower, [Unclear]. Banjo, can you hear us?

BA Hi, can you hear me?

TJ Yes, please go ahead.

BA Dr Ryan, you must be aware that India as part of its lock-down is witnessing unprecedented humanitarian crisis in the form of the movement of migrants from one part of the country to another. I do understand that you do not like commenting on individual countries, but this is an unprecedented humanitarian crisis. What would be your advice to our Government?

Second question is not a question; it's just a clarification. None of the situation reports given by WHO say community transmission is happening in any of the countries while we do know it is happening so could you please clarify on that?

TJ Can you repeat the second part of your question?

00:25:21

I said, the situation reports which WHO gives us every day; there are countries and the stage of transmission mentioned against those countries. Against none of the countries is there mention of community transmission while we do know that some countries are witnessing community transmission. Could you please clarify on that?

MR Yes, I think we'll go back and look at our website and see if the situation there... I don't believe we've indicated that there is no community transmission somewhere like India but we'll definitely check that.

But going back to, I think, what is the more important part of your question which is the impact of lock-downs, movement restrictions in any situation, number one, need to be taken very carefully and, two, obviously regardless of their intent are very difficult to accept by communities and by others because people need to move and want to move for family reasons, for economic reasons and for many other reasons.

It's important that governments communicate openly and transparently with their people as to the reasons why lock-downs or shut-downs or movement restrictions are occurring because they do impinge on people's freedom of movement and if people and communities are to offer up that freedom of movement they do need to understand why that's happening.

Those movement restrictions are regrettable in all situations; nobody wants to see those happen but in situations where you have a very, very intense epidemic in one part of a country and in another part of a country it's not so intense you may have to implement some measure to at least encourage - sometimes it's advice, sometimes it's strong advice and sometimes it's a restriction where transport is stopped.

00:27:28

Each government has to choose the balance between what is advice to communities and what is in some senses an enforced lock-down. Whatever is chosen it's really important that communication and acceptance by the community is at the centre of the concern of the government. It is impossible to have an effective restriction of movement without the community on board with that restriction of movement at all levels.

And, as the DG said in his speech, when such measures are put in place it's exceptionally important that those measures are carried out with not only the acceptance but with the human rights and dignity of the people affected at the centre. That is not always easy but that is what should be centre of the objective of the process. I'm not speaking specifically here about India; I'm speaking about this in general terms but I think what it does speak to is that these society-wide measures are difficult, they are not easy and they are hurting people.

But the alternative is even worse and countries, if they're going to be able to move away from this approach of having to lock down and shut down, if we're going to move away from that approach as a means of suppressing the virus we have got to put in place the public health surveillance, the isolation, the quarantine, the case finding, the detection. We have got to be able to show that we can go after the virus because lock-downs alone will not work.

00:29:12

But unfortunately in some situations right now they're the only measure that governments can actually take to slow down this virus and that's unfortunate but that is the reality and we need to continually explain the reasons for this to our communities.

TAG Thank you. This is a very important question. Maybe on the first one, based on the transmission in countries WHO has categorised countries into four, what we call the four Cs. There are countries with no cases, a group of countries, and the second is countries with sporadic cases. The third is countries with clusters of cases and the fourth is community transmission. We have now a number of countries with community transmission and that's why we have developed a guideline that's tailored to these four situations.

Please check our website and you will find the four Cs and the four categories and what should be done based on this but we have community transmission in many countries and we have said it many times. Then on the issue of so-called lock-down, maybe some countries have already taken measures for physical distancing, closing schools and preventing gatherings and so on.

That can buy time but at the same time each and every country actually differs. Some countries have a strong social welfare system and some countries don't. I'm from Africa, as you know, and I know many people actually have to work every single day to win their daily bread. Governments should take this population into account; if we're closing or if we're limiting movements what is going to happen to those people who have to work on a daily basis and have to earn their bread on a daily basis?

00:32:01

So each and every country based on its situation should answer this question. We're not seeing it as an economic impact on a country, as an average of GDP loss or the economic repercussions. We have to also see what it means to the individual in the street and maybe I have said it many times; I come from a poor family and I know what it means to always worry about your daily bread and that has to be taken into account.

Because each and every individual matters and how each and every individual is affected by our actions has to be considered and that's what we're saying. It's about any country; it's not about India; it's about any country on Earth. Even the wealthiest country on Earth can have

people who need to work for their daily bread. No country is immune. Each and every country has to really make sure that this is taken into account.

TJ Thank you very much. The next question; Associated Press, Jamie.

JA Hi, can you hear me?

TJ Yes.

JA Good. Afternoon. My question has to do with the situation in some European countries. We've seen some signs that countries like Italy and Spain may be sensing that they are reaching the peak. I believe the UK also mentioned - some experts there or one expert there mentioned that they may be nearing a peak. I'm just wondering if you have any estimates. I know, Mike, you said on Friday that there's no way to see the end of this but whatabout peaking; do you see any signs of peaking within Europe? Thanks.

00:34:28

MR If you just look at the extent of transmission in those three countries you mentioned, we wouldn't compare them to Korea or to Japan or to Singapore in terms of their situation; they have much more extensive problems. Then if you compare them to what happened in China and specifically in Wuhan, which was the most intense epidemic, we did see...

Rather than basing this on modelling let's base it on experience. We saw what happened in Wuhan after the lock-down and not only did they do that physical distancing and put people in their homes, but they continued to look for cases, that's the essential difference. They continued to detect cases and isolate all cases including mild cases away from the family.

But let's assume they've done that. What we saw over a period of days - and I think you were one of the people who asked the question during the Wuhan event; do you think this is stabilising, is it going to? For a number of days we said, we can't tell, and it went up and down and up and down. So what we're likely to see, if you imagine the lock-downs and the stringent measures that were put in place, have now been in place for between two and three weeks in Italy at different levels in different places; should start to see a stabilisation because the cases we see today really reflect exposures two weeks ago.

00:35:56

The cases you see today are almost historical in the same way as we're told when we're looking at galaxies through a telescope, that we're seeing light from a billion years ago, we're seeing a reality that existed before. When you count your cases on a daily basis in an epidemic it reflects a reality of transmission and risk two weeks before at least. So in that sense what we see today is what happened two weeks ago and what we hope to see is those numbers stabilising, which will reflect the fact that exposure started to drop over time.

Some countries, as I said on Friday, have seen that through the number of contacts per case. When they've continued to look for cases they've still done contact tracing and what they've found through the physical distancing measure and the stay-at-home orders is the number of significant contacts per case has dropped from the 20s to 15, to 12, to 10, to 8, to 4, which

means fewer people have been exposed to that case than would have been two weeks ago, which shows people are distancing.

For whatever reason they're distancing so there are fewer people at risk from any individual case. If you get those cases out of the community quickly they'll expose even fewer people and that's how you get ahead of an epidemic. So do we hope that Italy and Spain are nearly there on that? Yes, but the way you stabilise and then move to zero - and I think everyone's talked about the curve up and everyone talks about the stabilisation.

The question is how do you go down and going down isn't just about a lock down and let go. To get down from the numbers, not just stabilise, requires a redoubling of public health efforts to push down. It won't go down by itself. It will be pushed down and that's what we need countries to focus on. What is the strategy now to put in place, the public health measures that will push down the virus after those measures may be released and then how do we take care of people better in a clinical environment to save more lives?

00:38:10

So yes, potentially stabilising and it is our fervent hope that that is the case, but we have to now push the virus down and that will not happen by itself.

MK If I could just add to that, what I was going to say, which Mike has just said, is we need to focus on the now, we need to focus on what must be done now to get us out of this and there is this... I understand completely the desire to know when we will reach the peak and when we will start seeing that decline but that will not happen on its own.

These physical distancing measures, these stay-at-home measures have bought us a little bit of time, a little window of time and that short window has to be used appropriately so that we get systems in place to look for this virus aggressively through testing, through isolation, through finding contacts, through quarantining those contacts, through caring for further patients because we will still see patients and many patients are going to still require need, to support other countries that are going to go through this.

So focusing on what we do now is absolutely critical to make sure we use that time wisely, we use that time effectively so that once we do reach that peak we continue to push and suppress that virus down as quickly as possible but still be ready to find additional cases should they show up. What we've seen in a number of countries in Asia where they brought this virus down, they brought this transmission down; they're now seeing repeat introductions from outside of their countries. They have not let their guard down, they're still aggressively looking for those cases as they come in and suppressing them so that it doesn't start again.

00:39:56

So we need to focus on the now, we need to use our time wisely and that is to aggressively find this virus and care for our patients.

TJ Thank you very much. The next question is from Nippon TV, Atsuko. Atsuko, can you hear us? Can we try one more time with Nippon TV? Okay. That's okay. Let's go to Jim from Westwood One. Jim, can you hear us?

JJ Yes, thank you very much. A very good afternoon to you. I'd like to clarify a little bit on the chloroquine issue in the US. It should be important to point out that the FDA hasn't approved it for wide prescription by doctors but only in a hospital setting and the doctors there can only get it from the national stockpile.

But my question is what exactly was observed with chloroquine or hydroxychloroquine that could lead to the possibility of it being used to treat COVID-19 in a hospital setting and what do you mean exactly by randomised testing as opposed to non-randomised testing? If you can answer those I'd appreciate that. Thank you.

MR Maria will supplement. There was some of what people will describe as in vitro evidence; evidence in the lab that the drug was active against the virus but any number of things are active against viruses; chlorine is active against viruses but other things are active against viruses. The question is whether they're safe and effective to put in a human body and whether they will be absorbed and processed in a way that the virus can be attacked and not the body.

00:41:55

From the perspective of chloroquine there were also some small observational studies, one in France that followed a small number of patients where there was no randomisation of patients and looked at their outcomes. Patients were admitted at different stages of illness and the outcome that was really focused on was the length of illness. The observation that was made was that length of illness or length of hospitalisation or length of significant symptoms were reduced.

No-one here is talking about cure. No-one here is talking about taking a magic pill and all of a sudden you recover from COVID. Everyone's looking for therapies that will shorten the disease illness, will prevent people going from moderate to severe and will prevent those that are critical dying and drugs act in different ways. Some drugs may actually prevent the virus replicating early in the disease and therefore shorten the length of the illness and reduce the progression to severe disease.

Once the disease is very well-established and in the later stage of the disease a lot of the damage that's being caused by the virus is not necessarily being caused by the virus itself but all of the secondary effects; the inflammation, the organ failure and other things that happen. So a lot of antiviral therapies are focused on getting a person with the disease treated at an earlier stage of the disease and if you look at a lot of the anti-flu medications like Tamiflu and others, the main benefit that has been found for those again has been shortening the course of illness.

00:43:40

With regard to randomised control trials the importance of having a control group is to have a comparison and then be able to stratify your patients because if I have a drug and I treat a very severe patient who's of an older age with the drug and that person dies does it mean that that drug didn't work? If I treat a really healthy young person who's got a moderate disease and they recover does that mean the drug worked?

I don't think any of us need to be rocket scientists to work out that there are many factors that predict recovery or predict death and what we have to separate and we have to distil out are what is the effect of the drug itself, not the age of the patient, not the condition of the patient and so many other factors that can affect survival.

We've all been through infectious diseases ourselves and we recover. Is that because we get out of one side of the bed or the other? No, we wouldn't assume that that was affecting the outcome of the illness. There are many natural things affecting illness outcome including the hard work of doctors and nurses in supporting the patient and preventing organ failure and ventilating the patient.

So the difficult thing at this moment is distilling out the specific effect of a drug in a complex illness and that's what we're trying to do with the randomised control trials and that's why we need so many patients in those trials across many countries; many age groups, genders, many phases of the disease and many levels of severity and then we can break out what is the actual effect of the drug on the outcome of the disease.

00:45:27

MK Only to add that there are a number of clinical trials that are ongoing. Mike has described the French study that I am aware of as well but there are a number of clinical trials that are ongoing that look at chloroquine, that look at a number of other therapeutics. On the one hand it's incredible to see this acceleration of research and development and this focus on the evaluation of therapeutics for COVID-19 patients, which is building upon a history of other respiratory pathogens that have plagued us.

But the challenge is that many of these clinical trials are small in size, which makes it very difficult to draw any conclusions, which is why it is very important that we have these larger trials, these multi-site trials, the Solidarity trial that WHO is running, to be able to have enough cases to be able to get an answer to which drugs work safely.

TJ Thank you very much. We have time for one or two more questions. I'll try Bloomberg and Naomi. Naomi, can you hear us?

NA Hi, yes, I can. Thanks for taking my question. I wanted to ask; we've seen some different approaches to quarantine in China and in European countries with group quarantine used to good effect in China. Do you think that home quarantine will be as effective anywhere for people who are positive, or would central quarantine be needed in order to have the same success that China has had?

00:46:57

MK Hi, yes. Just so we get our terms right and we can explain ourselves properly, we tend to use the word isolation for someone who is a case, confirmed. We tend to use the word quarantine for someone who's at risk of being a case, usually a contact so on that basis we advise that all suspect cases are tested, and all suspect cases are isolated in an appropriate medical facility. I think nobody disagrees with that, where the capacity exists.

When we come to contacts it very much depends on the context and the intensity of any given moment. In low-incidence areas where there are sporadic cases or clusters, we advise

that all contacts should be quarantined. Ideally that quarantine should occur in a place other than the home and for this reason, one, because if that person gets sick they may already have infected their family.

But that's not always possible so at least quarantining contacts at home with good health advice about not transmitting disease if they become sick and with regular monitoring of that individual is an option for countries. It is difficult to do that in the middle of intense transmission where you might have hundreds of thousands of contacts because you're having thousands of cases a day.

It is difficult to deal with that, so home quarantine of contacts is acceptable with appropriate information, education and more importantly a very rapid system of getting those people out of their homes if they become sick. I listened to the President of Singapore this morning as he had a conference call with the Director-General and the clarity of that in Singapore, that ability not only to isolate cases but to rapidly detect illness in the contacts and remove those contacts should they become sick was a central part of that.

00:49:04

As he said, they're using apps now to do that, a testing app but they didn't do it with apps in Singapore. They did that with community workers, with public health workers visiting the houses, checking on people, checking their health status every day and saying, how are you, have you got a fever, have you got a cough? And if a contact had developed a cough or a fever they were taken immediately for testing.

So yes, we need the information technology tools, they help. They're not the solution. Right now we don't have an alternative to what we would have considered in the old days boot-leather epidemiology; public health practitioners, doctors, nurses, community workers working with communities to detect cases at community level. The most likely person to become a case is someone who's been a significant contact of another case and at the moment in most parts of the world due to lock-down most of the transmission that's actually happening in many countries now is happening in the household at family level.

In some senses transmission has been taken off the streets and pushed back into family units. Now we need to go and look in families to find those people who may be sick and remove them and isolate them in a safe and dignified manner so that's what I was saying previously; the transition from movement restrictions and shut-downs and stay-at-home orders can only be made if we have in place the means to be able to detect suspect cases, isolate confirmed cases, track contacts and follow up on the contacts' health at all times and then isolate any of those people who become sick themselves.

00:50:55

TJ Thank you very much. As we try to have a variety of different outlets who have questions, we don't often have sports outlets so I will call on Diane from soccer.com. Diane, can you hear us?

DI Yes, I can hear you. Can you hear me?

TJ Yes, please go ahead.

DI Hello?

TJ Yes, please go ahead with your question. Diane, let's try one more time. Can you hear us? We were hearing you very well.

DI Yes, I'm sorry. I'm having my phone... Hello, can you hear me now?

TJ Yes, please go ahead.

DI There is such a discrepancy of information regarding the validity of masks and I know that you have addressed this and there's a great deal of fear regarding medical professionals having access to it. But is there any type of qualitative research that can confirm that wearing a mask prevents the spread for normal transmission in going to the supermarket, in day-to-day activity?

00:52:14

MK I can start and perhaps Mike or the DG would like to supplement. This is an area of very active research. There's a lot of use of masks globally for different diseases; for influenza, for other coronaviruses, for this particular outbreak but there isn't a lot of quantitative analysis of this and what we know works; we know that people who are sick and stay home; that works because that prevents them from spreading the disease to someone else.

We know that washing your hands or using an alcohol-based rub works because that will remove the virus from your hands. We know that physical distancing works because that removes the opportunity to spread that virus from one person to another. We are working with a large group of people across the globe in our IPC specialist networks to look at the use of masks in various settings, first and foremost in healthcare facilities so that we could better understand how PPE was used by healthcare professionals as they treated patients, in which types of departments they were working, under which types of conditions, the severity of those patients.

That's the real focus of a lot of the research right now, to ensure that we protect our healthcare workers. So we are working with a number of groups across the globe. As those results become available, they will be published, they will be scrutinised, they will be evaluated by us and our partners to make sure that we are putting the best evidence forward and the best evidence-based guidance forward.

00:53:53

TJ I will take one more question because I've been getting messages and obviously we apologise to all those who will not be able to ask their question today, but we will have opportunity this week. I call on Gabriela Sotomayor to ask her question. Gabriela, please.

GA Thank you very much, Tarik, for taking my question. Dr Tedros, on testing, there are some countries, I think, that are not listening to the messages, they are not receiving the message. Just to clarify because some countries are saying that it's useless to test, for example in a country where you have 1,000 confirmed cases and 2,500 suspected cases how many

tests do you have to do, just to have a number or something, an estimate? Thank you very much.

MK The positivity rates on tests; the DG may wish to comment as to whether people are listening or not but on the specific issue of tests, the positivity of tests or the number of tests, in general where testing has been done fairly extensively we've seen somewhere between 3 and 12% of tests being positive. If you get to a point where a tiny percentage of tests are positive then the danger is you're either looking in the wrong place, it's reassuring, or you have to be very careful to ensure you can keep up that level of testing so it's an issue of balancing the use of your tests against their value.

Again it's like any detector system; testing is a detector system. You can turn up and down the sensitivity of that system as long as the batteries last so that's the issue; how long will the available tests - if you know, I've got x number of tests available to me over the next month, then how am I going to use those tests over the next month?

00:55:58

Countries have been limited by the number of available tests and that's important. Countries have also had to ration tests according to the intensity of the disease in different parts of the country so therefore the return or the return rate or the percentage of confirmed tests will vary. But we would certainly like to see countries testing at the level of ten negative tests to one positive as a general benchmark of a system that's doing enough testing to pick up all cases.

It can be more or it can be less depending on the circumstance. It's not an objective but you really do want to see a lot... You know you're missing a lot of cases if 80 or 90% of the people you test are positive; you are probably missing a lot of cases.

MK If I could just add to that to say, a lot of the challenges that countries are facing, a lot of the argument that comes back is, we just don't have enough. Just to say, what WHO is doing and what countries are doing is they're trying to find tailored diagnostic solutions to meet the needs of their countries and the outbreaks that are happening in their countries. That includes a variety of things that we are doing and countries are doing.

The first is to increase the capacity of the labs so the number of labs that can actually conduct that testing so whether these are national labs or academic labs or private labs but increasing that number of labs, increasing the number of people that can actually run those tests, finding individuals that can run those tests.

00:57:32

The second is increasing the production and availability of tests. There's a huge number of tests that are on the market right now thanks to the rapid share of sequences, full genome sequencing of this virus in early January.

Then the third; we are working very hard to have it tailored, support to countries based on their need, based on what they have in their individual countries, whether these are bench-top or manual PCR kits or whether these are automated PCRs or whether these are high-

throughput machines. There's not one single solution to increase your ability to test but it is important that you continue to do so so that you know where the virus is.

TAG I think it has been said; I just wanted to add, testing is very, very important; I cannot even emphasise it more. There was a meeting of Ministers last Thursday, I think, and we had some of the practices from four countries, what they have done. The common factor in all four countries was the testing. Testing is important to understand the status of an individual, but testing is also important to see what the situation looks like.

For instance from the presentations of the four Ministers we saw that when they test they go back and check those positives, how they got the infection. Some of them could be from a church gathering or a religious event; others could be in a bar or a restaurant; others could be in a social gathering for some purpose. Then the testing is not about that individual, it becomes about the event that happened and how to really address such events.

00:59:44

So the testing doesn't tell you just a story about one person. It's a story about what happened when that person actually acquired the infection and that helps you to trigger your public health interventions. Take Korea; when it started the community transmission it was actually in a religious event and thousands of people ended up being infected in one gathering.

Another important lead was in a hospital. So one was the religious event and another one was a hospital where they saw very intensive transmission and how they mobilised their public health intervention to address not only that but also other clusters. So without knowing, without testing it's like moving blindfolded. Testing can help us to know not only the status of individual persons but to know also what's behind it and take public health measures.

That's why we're saying testing is very important and from testing you can do the contact tracing; from there you can also do the isolation but we fully understand when there is community transmission the health system could be overwhelmed, even the public health interventions could be very, very, very heavy.

But there are ways to tailor our public health interventions even in such situations and the isolation may not necessarily be in a hospital or health facility. It could be in a community facility. Many countries have very innovative ways of isolating because their health system was overwhelmed, and they had to actually look for community facilities.

01:02:03

Then the last resort is when they couldn't do that and when they had a number of cases and when there was transmission then some of them resorted to isolation in their homes, separating their bedrooms and separating the utensils they use. But then let's be practical; okay, you can have your own bedroom, or you can have your own this or that to isolate yourself and take all the precautions you need.

But if it's in a developing country, for instance where I grew up, if it's a one-room where there is a big family like five or seven people in one room how do you implement that? That's why we say, we don't have a one-size-fits-all solution and the solution should really be tailored to the situation of each and every country.

So how do you implement isolation in a situation where a single family, a big family is living in one room or two rooms and isolation is not possible at all? That's why we say one-size-fits-all solutions cannot happen and each and every country knows its situation in terms of COVID situation; it knows its own social and other factors and it knows what solutions it has at hand to have successful public health solutions.

So that's what we are saying and of course necessity is the mother of invention and we expect a solution in every situation from the communities themselves and from the government and the country itself because each and every situation is very unique and each and every community knows the problems, knows the root cause of the problem and knows the solution and it doesn't need any prescription from anyone.

01:04:15

The general guidance we give can help you to really get solutions in your own way. The most important thing is, how can we trigger the human spirit in unison to address the problem that we're facing in each and every community? Thank you.

TJ Thank you very much, Dr Tedros. With this we will conclude today's press conference. We apologise to all those who have not been able to ask their questions but there will be other opportunities. We will have an audio file sent to you in the next hour and hopefully the transcript will be posted tomorrow. Have a nice day and evening wherever you are.

TAG Thank you. Thank you, Tarik, and thank you for joining us. See you in our next presser. All the best.

01:05:11

ANEXO B – COVID-19 – CONFERÊNCIA VIRTUAL DE IMPRENSA – 30 DE MARÇO DE 2020 – TRADUÇÃO NOSSA

Siglas dos participantes:

TJ	Tarik Jasarevic
TAG	Dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus
AN	Antonio
MK	Dr. Maria Van Kerkhove
RA	Randy
MR	Dr Michael Ryan
MO	Mohammed
CR	Christiana
BA	Banjo
JI	Jim
NA	Naomi
DI	Diane
GA	Gabriela

TJ Olá a todos de Genebra, da sede da OMS. Aqui é o Tarik outra vez, feliz por estar de volta aqui com vocês. Teremos, normalmente, a nossa coletiva de imprensa sobre a COVID-19 e, como habitual, vou pedir aos jornalistas que estão no Zoom para que cliquem em levantar a mão para serem colocados na fila. Sei que não há muitos jornalistas que ligam usando um telefone, mas se houver, aperte *9. Hoje temos o Diretor-Geral, Dr. Tedros, Dra. Maria van Kerkhove e o Dr. Mike Ryan, como de costume. Teremos um arquivo de áudio disponibilizado imediatamente e uma transcrição um pouco mais tarde, à noite ou amanhã. Vou dar a palavra ao Dr. Tedros para as observações iniciais. Dr. Tedros, por favor.

00:01:02

TAG Obrigado Obrigado, Tarik. Bom dia, boa tarde e boa noite onde quer que estejam. A pandemia de COVID-19 está pressionando o sistema de saúde em muitos países. A demanda crescente e rápida por instalações e profissionais da saúde ameaça deixar alguns sistemas de saúde sobrecarregados e incapazes de operar de forma eficaz. Epidemias anteriores mostram que, quando os sistemas de saúde estão sobrecarregados com mortes, as vacinas é que farão com que as condições de tratamento aumentem muito mais.

Mesmo que estejamos em meio a uma crise, os serviços essenciais de saúde devem continuar. Bebês continuam nascendo, as vacinas devem ser entregues e as pessoas precisam de tratamentos para outros tipos de doenças. A OMS publicou orientações para ajudar os países a equilibrar as demandas decorrentes da COVID-19, enquanto mantêm os serviços essenciais de saúde. Este conjunto inclui ações direcionadas e imediatas para organizar e manter o acesso a serviços de saúde de boa qualidade, incluindo rotina de vacinação, acompanhamento durante a gravidez e parto, tratamento para doenças infecciosas e não transmissíveis e saúde mental, serviços de sangue, entre outros.

Isso inclui garantir a presença de profissionais da saúde adequados para lidar com as muitas necessidades de saúde além da COVID-19. Nós, por exemplo, estamos satisfeitos com os 20.000 trabalhadores da área da saúde no Reino Unido que se ofereceram para voltar ao trabalho

e felizes que outros países, como a Federação Russa, estejam envolvendo estudantes de medicina e estagiários em resposta ao cenário.

00:03:21

Para ajudar os países a gerenciar o aumento dos casos de COVID-19 mantendo, simultaneamente, os serviços essenciais, a OMS também publicou um manual prático detalhado sobre como configurar e gerenciar centros de tratamento para a COVID-19. O manual abrange três grandes intervenções; primeiro, como criar triagem e acompanhamento nas unidades de saúde usando uma construção reaproveitada ou uma tenda.

Segundo, como criar instalações comunitárias para tratar pacientes leves; e terceiro, como criar centros de tratamento reaproveitando enfermarias hospitalares ou hospitais inteiros, ou criando um novo hospital de campanha. O manual abrange o projeto estrutural, prevenção da infecção e medidas de controle e sistemas de ventilação. Este é um manual de instruções para salvar vidas e lidar com a situação que alguns países estão enfrentando neste momento. Estas instalações também terão benefícios para o sistema de saúde após o término da crise atual.

Além de ter instalações para pacientes, é também importante que os países tenham suprimentos suficientes de testes diagnósticos, equipamentos de proteção e outros materiais médicos. Garantir a livre circulação de produtos essenciais de saúde é importante para salvar vidas e reduzir os impactos sociais da pandemia.

Hoje mais cedo, conversei com os Ministros do Comércio dos países do G20 sobre formas de abordar a escassez crônica de equipamentos de proteção individual e outros suprimentos médicos essenciais. Pedimos aos países para que trabalhem com as empresas para aumentar a produção, para que garantam a livre circulação dos serviços essenciais de saúde e assegurem a distribuição justa dos produtos, baseada nas necessidades.

00:05:36

Devemos dar atenção especial aos países de baixa e média renda na África, Ásia e América Latina. No mais, a OMS está trabalhando intensivamente com vários parceiros para aumentar bastante o acesso a produtos que podem salvar vidas, incluindo os testes diagnósticos, EPIs, oxigênio médico, ventiladores e mais.

Sabemos que muitos países estão implantando medidas de restrição à circulação de pessoas. Ao implantar essas medidas, é essencial respeitar a dignidade e o bem-estar de todos. É igualmente importante que os governos mantenham a população informada sobre a duração pretendida dessas medidas e dar apoio aos idosos, aos refugiados e a outros grupos vulneráveis.

Os governos precisam garantir o bem-estar das pessoas que perderam o seu rendimento e estão precisando de alimentos, saneamento e outros serviços essenciais.

Os países devem trabalhar juntos com as comunidades para criar confiança e apoiar a resiliência e a saúde mental. Há dois meses, a OMS publicou a preparação estratégica e o plano de resposta com uma solicitação inicial de US \$675 milhões para apoiar os países na preparação contra a COVID-19. Estamos muito gratos aos países e às fundações que têm contribuído. Mais de 622 milhões de dólares foram recebidos até o momento e eu gostaria de aproveitar para agradecer

ao *King Salman Center of the Kingdom of Saudi Arabia for Humanitarian Relief* por sua contribuição de 10 milhões de dólares.

Continuamos a nos motivar com os sinais de solidariedade global para enfrentar e superar esta ameaça comum. O compromisso dos países do G20 em trabalhar em conjunto para melhorar a produção e a oferta justa de produtos essenciais mostram que o mundo está unido e esta é a nossa única opção. A unidade é a única opção que temos para enfrentar este vírus.

00:08:13

Ontem, publiquei um *tweet* com uma única palavra: humildade. Algumas pessoas me perguntaram o motivo pelo qual publiquei uma única palavra no *Twitter* dizendo humildade. A COVID-19 está nos mostrando como somos vulneráveis, o quanto estamos conectados e o quanto somos dependentes um do outro. No meio de uma tempestade como a COVID, ferramentas científicas e ferramentas públicas de saúde são essenciais, assim como a humildade e a bondade. Com solidariedade, humildade e dando o melhor de nós, poderemos superar isso juntos. Obrigado.

TJ Muito obrigado, Dr. Tedros. Começaremos com as perguntas. Lembrando aos jornalistas que responderemos apenas uma pergunta por pessoa para avançarmos o máximo possível. Começaremos com a *Lusa News Agency*. Esta é uma agência de língua portuguesa. Está nos ouvindo?

AN Sim, está me ouvindo?

TJ Sim, você é o Antônio?

AN Sim, sou eu. Obrigado.

TJ Por favor, prossiga.

00:09:44

AN Gostaria de fazer uma pergunta a respeito das questões de nascimento, cuidados ao recém-nascido e amamentação. A OMS recomenda alguma restrição à amamentação, à visita salas de parto e contato pele a pele entre mãe e bebê por causa da pandemia? Porque as autoridades de saúde em países como o meu, Portugal, proibiram essas práticas para mulheres infectadas. Obrigado.

MK Obrigada pela pergunta. Publicamos recentemente algumas orientações sobre a gestão clínica de indivíduos que têm a COVID-19, incluindo gestantes e lactantes. É muito importante que as mulheres possam amamentar seus filhos quando nascem. Existem certas precauções que precisam ser tomadas em termos de contato, mas teremos de alinhar as maneiras em que podemos fazer isso com segurança.

TJ Muito obrigado, Dra. Van Kerkhove. Espero que isso tenha respondido à sua pergunta. Acabei de ser informado que houve um pequeno problema no início com o áudio para as pessoas no Zoom, por favor, escutem o arquivo de áudio que enviaremos imediatamente ao final, caso tenham perdido os primeiros segundos. Vamos para a próxima pergunta. *Al Jazeera*, está online?

AN Sim, [inaudível].

TJ Andy, se você puder apenas falar um pouco mais alto, por favor, vá em frente.

00:11:21

RA Sim, obrigado. Sou o Randy [pouco claro] com a *Al Jazeera*. Senhor, gostaria de lhe perguntar com relação à pandemia do coronavírus na Indonésia, pois até hoje existem mais de 1.400 casos confirmados e 122 óbitos na Indonésia, que é o maior número dentre os países do sudeste da Ásia. O que mais precisa ser feito pelas autoridades da Indonésia neste caso? Obrigado.

MR Vou responder a pergunta e depois talvez o Diretor-Geral possa responder melhor. Enquanto a pandemia está se desenvolvendo e se intensifica em muitas partes do mundo, particularmente na Europa e na América do Norte, há países que ainda estão em etapas anteriores da pandemia. Ainda teremos de ver como a pandemia se desenvolverá nesses países, mas países com números relativamente conhecidos de casos - e eu contabilizaria a Indonésia - têm a oportunidade de implementar uma estratégia abrangente voltada para a contenção e supressão da disseminação e o fortalecimento do sistema de saúde para um provável aumento da demanda.

Independente do cenário, é provável que o número de casos aumentará e, portanto, as demandas sobre o sistema de saúde crescerão. Portanto, é realmente importante que o sistema de saúde esteja preparado para qualquer aumento dos casos. Ao mesmo tempo em que o vírus te pressiona você tem de ir atrás dele. Assim como os outros países têm mostrado na região, o sudeste da Ásia está indo atrás do vírus, detectando todos os casos, testando todos os casos suspeitos, isolando casos, identificando contatos, fazendo acompanhamento e colocando-os em quarentena ou isolamento domiciliar, esta é a melhor forma de agir em conjunto com uma forte abordagem de conscientização e engajamento da comunidade.

00:13:29

Isso precisa ser instituído nas comunidades para que a sociedade inteira tenha uma abordagem focada tanto no contato com o vírus em pequenos grupos, quanto em casos de grande transmissão ou disseminação na comunidade, tendo certeza de que os sistemas de saúde nessas áreas estarão preparados para lidar com o que será o grande influxo de casos. Acreditamos que é o que a Indonésia está tentando e faremos tudo para apoiar o governo a fazer isso lá.

TJ Muito obrigado, Dr. Ryan.

TAG Muito obrigado. Queria apenas adicionar ao que Mike disse: nós estamos trabalhando com a Indonésia. Tivemos uma conversa com o Ministro das Relações Exteriores e acompanhamos com Vossa Excelência, o Presidente, e estamos alinhados com a resposta deve ser implantada e impulsionaremos a nossa cooperação em relação à situação da COVID na Indonésia. Agradeço a você.

TJ Muito obrigado, Dr. Ryan, Dr. Tedros. A próxima pergunta é de Mohammed da *Shak ul Uwsat*. Você está nos ouvindo, Mohammed?

MO Sim, obrigado. Minha pergunta é, os Estados Unidos permitiram o uso de cloroquina para o tratamento do coronavírus. A cloroquina será eficaz para o tratamento e a OMS recomenda o uso de cloroquina pelo governos? Obrigado.

MR Começarei a respondê-lo e Maria falará um pouco mais sobre os detalhes clínicos. Para que sejamos claros, não há tratamento comprovado ou medicamento eficaz contra a COVID-19. No entanto, existem alguns medicamentos que têm mostrado bons resultados no tratamento prévio de coronavírus, como MERS ou SARS, na luta contra o HIV, ou em outras situações. Há alguns dados preliminares de estudos assistidos não randomizados que indicam que alguns medicamentos e alguns coquetéis de medicamentos podem ter um impacto.

00:15:46

Alguns desses medicamentos podem afetar a duração da doença, alguns podem afetar a gravidade e as dosagens desses medicamentos, quando administrados, ainda não possuem padronização. Não tivemos ainda um grupo de comparação com alguma abordagem randomizada de tratamento com um medicamento ou não tratamento com um medicamento.

É muito importante que continuemos a acelerar a implementação de estudos clínicos randomizados de controle, que já foram iniciados em todo o mundo, incluindo o estudo clínico *Solidarity 1*, coordenado pela OMS, mas há outros estudos clínicos em grande escala em várias partes do mundo. Também é muito importante pois esses medicamentos são muito, muito necessários para o tratamento de outras doenças e não queremos passar por situações em que as pessoas precisem dos medicamentos para o tratamento de outras doenças e não tenham acesso a eles, caso estejam comprando e usando.

Alguns países podem introduzir regras de uso compassivo que permitam que os médicos possam usar os medicamentos em determinadas situações. Isso é uma questão para as autoridades reguladoras nacionais. Nós não encorajamos o uso generalizado, pois pode desviar os medicamentos para longe das doenças para as quais eles são necessários, e agora queremos realmente acelerar os estudos clínicos que nos darão respostas reais que precisamos. Também precisamos olhar para como expandir a produção desses medicamentos que se mostrarem eficazes nos estudos clínicos.

00:17:23

TJ Muito obrigado, Dr. Ryan. Lerei uma pergunta da *Today News Africa*. A pergunta é: o Escritório da OMS na África reconheceu na semana passada que o continente africano não tem a capacidade de produzir respiradores e ventiladores pulmonares no momento. Que tipo de suporte a OMS pode oferecer aos países africanos para que eles possam receber rapidamente esses materiais necessários?

MR Como a DG indicou, já enviamos um grande número de equipamentos de proteção e testes diagnósticos para África; todos os países da África podem agora fazer o teste diagnóstico da COVID com nosso suporte, apoio do CDC África e outros. Estamos trabalhando com o *World Food Program*, com a *Jack Ma Foundation* e o CDC África para trazer EPIs para a África, bem como os suprimentos do nosso próprio estoque, que estão em Dubai.

Não é o suficiente e você está correto; a questão dos ventiladores é uma questão muito difícil; primeiro porque os ventiladores são tecnologicamente sofisticados, caros, difíceis de produzir

e distribuir e requerem níveis muito elevados de treinamento para que sejam usados corretamente. Há muitas inovações no momento em que podemos escalar a produção de ventiladores e até usar ventiladores que não exigem que uma pessoa seja entubada; ou seja, como você pode utilizar um ventilador pulmonar em um paciente consciente.

Há muitos tipos de soluções interessantes emergindo nessa frente. O problema está recebendo soluções por conta da escala, mas há uma única coisa que eu direi da perspectiva de ajuda a um paciente; oxigênio é algo que precisamos discutir porque todos estão falando sobre ventiladores e isso é importante. Uma pessoa seriamente doente e lutando para respirar; um ventilador pode ser um salva-vidas.

00:19:22

Mas antes que isso aconteça, o que realmente salva-vidas é a capacidade de suplementar o oxigênio de um paciente para que a concentração de oxigênio em seu sangue seja mantida em um alto nível, porque é com a falta de ar que os pacientes mais sofrem. O nível de oxigênio no sangue cai e você vai ouvir pessoas falando sobre a saturação de oxigênio. Isso significa o quanto de oxigênio está entrando no sangue de alguém pelos pulmões.

Quando alguém tem a COVID-19 seus pulmões lutam para colocar oxigênio em seu sangue. O aumento da concentração de oxigênio no ar que alguém respira permite que mais oxigênio chegue ao sangue. Todos os países da África têm oxigênio e precisamos também nos concentrar em ter uma melhor distribuição do oxigênio médico para que os pacientes com a forma moderada/grave da doença possam se beneficiar disso.

Trabalharemos e estamos trabalhando com o *World Food Program*, estamos trabalhando com a UN em Nova Iorque e a DG falou sobre os esforços que estamos fazendo para, não só aumentar a distribuição de tais equipamentos e suprimentos, mas também para coordenar isso de forma que os países possam esperar um serviço mais tranquilo para ter acesso a esses suprimentos vitais.

MK Se eu puder adicionar algo muito brevemente, esta é uma oportunidade muito boa para envolver mais médicos e profissionais da saúde que estão em nossas redes clínicas, para que eles possam aprender e compartilhar experiências em lidar com pacientes com a COVID-19.

00:20:55

No momento, nem todos os países estão sobrecarregados com pacientes. Alguns têm poucos pacientes e agora é a hora em que podemos compartilhar experiências, podemos fazer treinamentos que de fato observam como os pacientes são tratados e quais são os tipos de pacientes desenvolvem doença moderada, grave ou crítica, como eles podem ser atendidos. Poderíamos trazê-los para nossas conferências que acontecem regularmente com médicos do mundo todo.

TJ Muito obrigado, Maria. A próxima pergunta é de Christiana Ulrika da DPA, Agência de notícias alemã. Christiana, você está me ouvindo?

CR Olá, consegue me ouvir?

TJ Por favor, prossiga.

CR Esta é uma pergunta sobre a Áustria. O governo austríaco deseja fazer com que todos usem máscaras quando saírem para ir ao comércio. A partir das instruções prévias de vocês, entendo que o público em geral não deve usar máscaras porque existem poucos suprimentos. O que você diz sobre as novas medidas austríacas?

MR Obrigado. Não estou ciente dessa medida específica na Áustria. Eu assumiria que o uso é voltado para que as pessoas, potencialmente doentes, não transmitam para outras pessoas. Em geral, a OMS recomenda o uso de máscara em público para evitar que um indivíduo doente transmita para outra pessoa. Geralmente, não recomendamos o uso de máscaras por outros indivíduos, porque isso não está associado a qualquer benefício particular até o momento.

00:22:39

Há benefícios psicológicos, sociais e há normas em torno disso e nós não criticamos o uso de máscaras. Não há nenhuma evidência específica que sugira o benefício do uso de máscaras pela população. De fato, há algumas evidências que sugerem o oposto quanto ao uso indevido da máscara, ajuste errado ou mal uso ao tirá-la e todos os riscos associados a isso.

Há também o problema de uma enorme escassez global e onde devem estar essas máscaras e onde estão seus benefícios? Pode-se argumentar que há alguns benefícios, mas onde está o seu real benefício? Neste momento, as pessoas que estão em risco pelo vírus estão na linha de frente, são os profissionais da saúde expostos ao vírus a cada segundo, todos os dias.

O pensamento de não ter máscaras é horrível, então temos que ter muito cuidado com o fornecimento, mas esta não é a principal razão pela qual a OMS não tem aconselhado o uso de máscaras em nível populacional. Vou passar a parte técnica para a Maria, ela terá algo a acrescentar.

MK Obrigada. Não, apenas reforçar o que o Mike disse, que nossas recomendações são que, em comunidade, não recomendamos o uso de máscaras a menos que você esteja doente e como medida para evitar a propagação caso você esteja doente. As máscaras que recomendamos são para as pessoas que estão em casa e estão doentes, e para aqueles indivíduos que estão cuidando dessas pessoas que estão em casa doentes.

00:24:07

Mas como Mike disse, é importante que nossos trabalhadores da linha de frente sigam as precauções, façam o uso adequado de EPIs e assim poderemos priorizar aqueles que mais precisam deles.

TJ Muito obrigado. Próxima pergunta da Índia, de Banjo Cower, [pouco claro]. Banjo, está ouvindo?

BA Oi, está me ouvindo?

TJ Por favor, prossiga.

BA Dr. Ryan, você deve estar ciente de que a Índia está testemunhando uma crise humanitária sem precedentes por conta do lockdown, sob a forma de movimento migratório de uma parte do país para a outra. Entendo que você não gosta de comentar sobre países, mas esta é uma crise humanitária sem precedentes. Qual seria o seu conselho para o nosso Governo?

A segunda pergunta não é uma pergunta; é apenas um esclarecimento. Nenhum dos relatórios de situação fornecidos pela OMS diz que a transmissão na comunidade está acontecendo em qualquer país, mesmo que saibamos que está acontecendo, você poderia esclarecer isso?

TJ Você pode repetir a segunda parte da pergunta?

00:25:21

Eu disse, os relatórios de situação que a OMS nos fornece diariamente; há países e estágio de transmissão mencionado para tais países. Nada a respeito desses países está lá. Não há menção de transmissão na comunidade para nenhum desses países e nós sabemos que alguns países estão vivenciando isso, você poderia esclarecer isso, por favor?

MR Sim, eu acho que vamos voltar e olhar em nosso site e ver se a situação lá...Não acredito que tenhamos indicado que não há transmissão na comunidade em algum lugar como a Índia, mas definitivamente vamos verificar isso.

Mas retomando, acho que a parte mais importante da sua pergunta é o impacto do lockdown, restrições de circulação em qualquer situação, número um, precisa ser realizado com muito cuidado e, dois, obviamente, independentemente de sua intenção, é muito difícil a aceitação das comunidades e outros porque as pessoas precisam circular e querem circular, por razões familiares, econômicas, entre outros motivos.

É importante que os governos se comuniquem de forma aberta e transparente com a população quanto às razões pelas quais o lockdown, fechamento ou restrições de circulação estão ocorrendo porque eles estão indo contra a liberdade de circulação das pessoas, e se as pessoas e comunidades estão abrindo mão dessa liberdade de circulação elas precisam entender o motivo pelo qual isso está acontecendo.

Essas restrições de circulação são lamentáveis em todas as situações; ninguém quer ver isso acontecer, mas em situações em que você tem uma epidemia muito, muito intensa em uma parte do país e em outra parte do país não está tão intensa, você tem que implementar algumas medidas para pelo menos encorajar - às vezes aconselhamento, às vezes aconselhamento severo e, às vezes, uma restrição onde o transporte é suspenso.

00:27:28

Cada governo deve escolher o equilíbrio entre o que é um aconselhamento para as comunidades e o que é, em alguns sentidos, um lockdown forçado. O que quer que seja escolhido, é realmente importante que a comunicação e a aceitação pela comunidade estejam no centro da preocupação do governo. É impossível ter uma restrição eficaz da circulação sem o consenso da comunidade a respeito dessa restrição de circulação em todos os níveis.

E, como a DG disse em seu discurso, quando essas medidas são postas em prática, é excepcionalmente importante que elas sejam realizadas não só com a aceitação, mas com os direitos humanos e a dignidade das pessoas afetadas no centro. Isso nem sempre é fácil, mas é o que deve ser o centro do objetivo do processo. Não estou falando especificamente aqui sobre a Índia; estou falando sobre isso em termos gerais, mas acho que o importa é que essas medidas sociais são difíceis, elas não são fáceis e estão prejudicando as pessoas.

Mas a alternativa é ainda pior e os países, se forem capazes de se afastar desta abordagem de ter que implantar o lockdown e fechar, se vamos nos afastar disso a conduta como um meio de suprimir o vírus que devemos colocar em prática é a saúde pública, a vigilância, o isolamento, a quarentena, a descoberta de casos, a detecção. Temos que ser capazes de mostrar que podemos ir atrás do vírus porque apenas o lockdown não funcionará.

00:29:12

Mas infelizmente em algumas situações estas são as únicas medidas que os governos podem realmente tomar para abrandar este vírus e isso é triste, mas essa é a realidade e precisamos explicar continuamente as razões disso para nossas comunidades.

TAG Obrigado. Esta é uma pergunta muito importante. Talvez na primeira, com base na transmissão nos países que a OMS categorizou dentro do que chamamos de quatro Cs. Existem países sem casos, um grupo de países, e o segundo grupo são os países com casos esporádicos. O terceiro grupo são os países com grupos de casos e o quarto é a transmissão comunitária. Temos agora um número de países com transmissão comunitária e esse é o motivo pelo qual desenvolvemos uma diretriz que foi adaptada a essas quatro situações.

Por favor, acesse o nosso site e você encontrará os quatro Cs e as quatro categorias e o que deve ser feito com base nisso, mas temos transmissão comunitária em muitos países e já dissemos isso várias vezes. Sobre o problema do chamado lockdown, talvez alguns países já tenham tomado medidas para o distanciamento social, fechando escolas e evitando aglomerações e assim por diante.

Isso pode nos dar tempo, mas cada um dos países age de forma diferente. Alguns países têm sistema de assistência social forte e alguns países não. Sou da África, como vocês sabem, e sei que muitas pessoas realmente têm que trabalhar todos os dias para que possam comer. Os governos devem levar essa população em conta; se estamos fechando ou se estamos limitando a circulação, o que vai acontecer com aquelas pessoas que têm que trabalhar em seu cotidiano e que têm que ganhar o seu pão de cada dia?

00:32:01

Assim, cada um dos países deve responder a essa pergunta com base em sua situação. Nós não estamos olhando para essa questão como um impacto econômico em um país, como uma perda média do PIB ou uma repercussão econômica. Também temos que ver o que significa para o indivíduo na rua e talvez eu já tenha dito muitas vezes; eu venho de uma família pobre e sei o que significa sempre estar preocupado com o seu pão de cada dia e isso deve ser levado em conta.

Porque todo indivíduo é importante e como cada indivíduo será afetado pelas nossas ações, isso tem de ser considerado e é o que estamos falando. É sobre qualquer país, não só sobre a Índia; é sobre qualquer país da Terra. Até mesmo o país mais rico da Terra tem pessoas que precisam trabalhar para ter seu pão de cada dia. Nenhum país é imune. Cada país tem realmente que ter certeza de que isso será levado em conta.

TJ Muito obrigado. A próxima pergunta; *Associated Press*, Jamie.

JA Oi, está me ouvindo?

TJ Sim.

JA Boa tarde. Minha pergunta tem relação com a situação em alguns países europeus. Já vimos alguns sinais de que países como a Itália e a Espanha podem estar sentindo que estão alcançando o pico. Eu acredito que o Reino Unido também mencionou - alguns especialistas mencionaram que eles podem estar próximo de um pico. Estou apenas me perguntando se vocês têm estimativas. Eu sei, Mike, você disse na sexta-feira que não há nenhuma maneira de ver o fim disto, mas sobre o pico; você vê algum sinal de pico na Europa? Obrigado.

00:34:28

MR Se você apenas olhar para a extensão da transmissão nesses três países que você mencionou, nós não os compararemos com a Coreia ou com o Japão, nem com Singapura em termos de sua situação; eles têm problemas muito mais extensos. Então se você os comparar com o que aconteceu na China e, especificamente em Wuhan, que foi a epidemia mais intensa que vimos...

Em vez de nos basearmos nisso, vamos nos basear na experiência. Vimos o que aconteceu em Wuhan depois do lockdown e eles não só fizeram distanciamento físico e mantiveram as pessoas em suas casas, mas eles continuaram a olhar para os casos, essa é a diferença essencial. Eles continuaram a detectar casos e a isolar todos os casos, incluindo casos leves, longe das famílias.

Mas vamos supor que eles tenham feito isso. O que vimos ao longo de um período de dias - e eu acho que você foi uma das pessoas que perguntaram no evento em Wuhan; você acha que está estabilizando, vai estabilizar? Para o número de dias que dissemos, não podemos dizer, subiu e desceu, subiu e desceu. Então o que é provável que possamos ver, se você imaginar o lockdown e as medidas rigorosas que foram postas em prática, já estão em vigor há duas ou três semanas na Itália em diferentes níveis em diferentes lugares; já deveria ter começado a estabilizar porque os casos que vemos hoje realmente refletem exposições de duas semanas atrás.

00:35:56

Os casos que você vê hoje são quase históricos, da mesma forma que recebemos informações quando estamos olhando para galáxias através de um telescópio, que estamos vendo luz de um bilhão de anos atrás, estamos vendo uma realidade que existia antes. Quando você conta seus casos em uma base diária em uma epidemia eles refletem uma realidade de transmissão e risco de duas semanas atrás, ao menos. Então o que vemos hoje é o que aconteceu duas semanas atrás e esperamos ver aqueles números estabilizando, o que refletirá o fato de que a exposição começou a cair ao longo do tempo.

Alguns países, como eu disse na sexta-feira, têm visto isso através do número de contatos por caso. Enquanto olhavam continuamente para os casos eles ainda continuavam fazendo o rastreamento de contato e o que eles têm encontrado através das medidas de distanciamento físico e ordens de ficar em casa é o número significativo de casos por contato caindo de 20s para 15, para 12, para 10, para 8, para 4, o que significa que as pessoas foram menos expostas do que teriam sido duas semanas atrás, o que mostra que as pessoas estão se distanciando.

Por qualquer razão, elas estão se distanciando, então há menos pessoas em risco de casos. Se você tirar esses casos da comunidade rapidamente eles vão se expor ainda menos e é assim que você avança na epidemia. Então esperamos que a Itália e a Espanha estejam perto disso? Sim, mas a maneira como você estabiliza e então se move para o zero - e eu acho que todos já falaram sobre o aumento da curva e todos falam sobre a estabilização.

A pergunta é como você desce e sobe não é apenas fazendo o lockdown e deixando. Para diminuir os números, não é apenas estabilizar, isso exige redobrar os esforços da saúde pública para pressionar. Não irá diminuir sozinho. Será pressionando e é nisso que precisamos que o países foquem. Agora, qual é a estratégia para colocar em prática as medidas de saúde pública para diminuir o vírus para que outras medidas possam ser liberadas e então como cuidamos melhor das pessoas em um ambiente clínico para salvar mais vidas?

00:38:10

Então sim, potencialmente estabilizando e é nossa esperança de que aconteça, mas agora, a contenção do vírus não acontecerá sozinho.

MK Se eu pudesse apenas fazer um adendo, o que eu ia dizer, o que o Mike acabou de dizer, é que nós precisamos nos concentrar no agora, precisamos nos concentrar no que deve ser feito agora para nos tirar disso e tem isso... Eu entendo completamente o desejo de saber quando alcançaremos o pico e quando começaremos a ver esse declínio, mas isso não acontecerá sozinho.

Essas medidas de distanciamento social, as medidas de permanência em casa, nos deram um pouco de tempo, uma pequena janela de tempo, e essa janela curta tem que ser usada adequadamente para que possamos ter sistemas implantados para buscar esse vírus de forma agressiva através de testes, através de isolamento, através da descoberta de infectados, através da quarentena desses contatos, através do cuidado aos pacientes porque ainda vamos ver pacientes e muitos pacientes ainda vão ter necessidades, para apoiar outros países que vão passar por isso.

Então nos concentrar no que fazemos agora é absolutamente crítico para ter certeza que usamos esse tempo sabiamente, nós usamos esse tempo de forma eficaz para que uma vez que alcançarmos esse pico, continuaremos a conter e a suprimir para que o vírus baixe o mais rapidamente possível, mas ainda devemos estar prontos para encontrar casos adicionais, eles devem aparecer. O que vimos em vários países da Ásia onde eles suprimiram o vírus, eles reduziram essa transmissão; eles agora estão vendo casos repetidos de fora de seus países. Eles não têm abaixado a guarda, eles ainda olham agressivamente à procura de casos enquanto eles entram e vão contendo para que não recomecem.

00:39:56

Precisamos nos concentrar no agora, precisamos usar o nosso tempo sabiamente para encontrar o vírus de forma agressiva e cuidar dos nossos pacientes.

TJ Muito obrigado. A próxima pergunta é da *TV Nippon*, Atsuko. Atsuko, pode nos ouvir? Podemos tentar mais uma vez com a *TV Nippon*? Está bem. Sem problemas. Vamos para o Jim da *Westwood One*. Jim, está nos ouvindo?

JI Sim, muito obrigado. Boa tarde para vocês. Gostaria de esclarecer um pouco a questão da cloroquina nos EUA. Deve ser importante destacar que a *FDA* não aprovou a prescrição total para médicos, e sim apenas em ambientes hospitalares e médicos não podem obtê-la direto do estoque nacional.

Mas a minha pergunta é o que foi observado exatamente na cloroquina ou hidroxicloroquina que poderia levar à possibilidade de usá-la para tratar a COVID-19 em hospitais e o que você quer dizer exatamente sobre esses testes randomizados em oposição aos testes não randomizados? Agradeceria muito se você pudesse responder. Obrigado.

MR Maria vai complementar. Existiram algumas evidências *in vitro*; evidências em laboratório de que o medicamento seria ativo contra o vírus, mas várias coisas são ativas contra o vírus; a cloroquina é ativa contra o vírus, mas outras coisas são ativas contra vírus. A pergunta é, se elas são seguras e eficazes para uso no corpo humano e se elas serão absorvidas e processadas de forma que o vírus possa ser atacado e não o corpo.

00:41:55

Na perspectiva da cloroquina, existiram alguns pequenos estudos de observação, um na França que acompanhou um pequeno número de pacientes, onde não houve randomização de pacientes e verificaram os resultados. Pacientes foram admitidos em diferentes estágios de doença e os resultados estavam focados na evolução da doença. A observação feita foi que houve redução na evolução da doença, ou no tempo de hospitalização, ou na quantidade de sintomas.

Ninguém aqui está falando de cura. Ninguém aqui está falando sobre tomar uma pílula mágica e de repente você se recupera da COVID. Todos estão à procura de tratamentos que reduzirão os sintomas da doença, que evitarão que as pessoas passem de casos moderados para graves e protegerão aqueles que estão em períodos críticos e medicamentos agindo de maneiras diferentes. Alguns medicamentos podem impedir o vírus replicando precocemente a doença e reduzindo o tempo de infecção e progressão para doença grave.

Uma vez que a doença está muito bem estabelecida, após isto há um estágio muito pior de danos causados pelo vírus, não é necessariamente causado por ele mas por todos os efeitos secundários; a inflamação, a falha de órgãos e outras coisas que acontecem. Então muitos tratamentos antivirais estão focados em ter uma pessoa com a doença sendo tratada em estágio inicial e se você olhar para muitos medicamentos antigripais como Tamiflu e outros, a ação principal encontrada é focada na redução do curso da doença.

00:43:40

Em relação aos ensaios randomizados de controle, a importância de ter um grupo de controle é ter comparação e então ser capaz de estratificar seus pacientes porque se eu tiver um medicamento e eu tratar o paciente muito grave que tem idade mais avançada e a pessoa morrer, isso significa que esse medicamento não funcionou? Se eu tratar um jovem muito saudável que tenha uma doença moderada e ele se recuperar, isso significa que o medicamento funcionou?

Eu não acho que nenhum de nós precise ser cientista para descobrir que há muitos fatores que influenciam na recuperação ou na morte e que devemos separar, e temos que destacar quais são

os reais efeitos do medicamento, não pela idade do paciente, nem pela condição do paciente e muitos outros fatores que podem afetar a sobrevivência.

Todos nós temos passado por doenças infecciosas e nós nos recuperamos. Isso acontece por que saímos por um lado da cama ou pelo outro? Não, não iríamos supor que isso estaria afetando os sintomas da doença. Há muitas coisas naturais que afetam os sintomas da doença, incluindo o trabalho árduo de médicos e enfermeiros em apoiar o paciente e evitar a falha de órgãos e ventilar o paciente.

Então a coisa difícil neste momento é distinguir o efeito específico de um medicamento em uma doença complexa e é isso que estamos tentando fazer com os estudos clínicos randomizados de controle e é por isso que nós precisamos de mais pacientes em estudos clínicos em muitos países; muitos grupos etários, gêneros, muitas fases da doença e muitos níveis de gravidade e então poderemos chegar ao efeito real do medicamento a respeito dos sintomas da doença.

00:45:27

MK Somente adicionar que há um número de estudos clínicos que estão em curso. Mike descreveu o estudo francês de que eu estou ciente, mas há alguns estudos clínicos que estão em curso que focam na cloroquina, que focam em vários outros tratamentos. Por um lado, é incrível ver essa aceleração de pesquisa e desenvolvimento e este foco na avaliação dos tratamentos para pacientes da COVID-19, que está sendo construída na história de outra patologia que nos têm atormentado.

Mas o desafio é que muitos desses estudos clínicos são pequenos, o que dificulta qualquer conclusão, e é por isso que é muito importante que tenhamos estes grandes estudos clínicos, esses estudos em vários locais, o estudo *Solidarity* que a OMS está executando, para sermos capazes de mostrar casos suficientes e obter uma resposta de quais medicamentos funcionam de forma segura.

TJ Muito obrigado. Temos tempo para mais uma ou duas perguntas. Eu vou tentar *Bloomberg* e Naomi. Naomi, está ouvindo?

NA Oi, sim, estou. Obrigada por escolher minha pergunta. Gostaria de perguntar; temos visto diferentes abordagens de quarentena na China e em países europeus, com grupos de quarentena apresentando bons efeitos na China. Você acha que a quarentena em casa será tão eficaz em qualquer lugar para pessoas que testam positivo, ou que seria necessária uma quarentena central para ter o mesmo sucesso que a China teve?

00:46:57

MK Oi, sim. Apenas para que possamos obter nossos termos e possamos explicar adequadamente, nós tendemos a usar a palavra isolamento para alguém que é um caso confirmado. Nós temos a tendência de usar a palavra quarentena para alguém que está em risco de estar com a doença, em geral, basicamente quando há contato. Assim, aconselhamos que seja feito teste para casos suspeitos e todos os casos suspeitos ficarão isolados apropriadamente, com assistência médica. Se a capacidade existe, acho que ninguém discordará.

Quando chegamos aos contatos, depende muito do contexto e da intensidade do momento. Em áreas de baixa incidência onde há casos esporádicos ou grupais, aconselhamos que todos que

tiveram contato fiquem em quarentena. Idealmente, a quarentena deve ocorrer em um lugar que não seja a própria casa, porque se essa pessoa está doente ela pode já ter infectado sua família.

Mas isso nem sempre é possível, então pelo menos realizar a quarentena em contato com pessoas saudáveis, com aconselhamento sobre não transmitir a doença, pois caso eles fiquem doentes terão acompanhamento regular individual, se for uma opção para os países. É difícil fazer isso em meio a uma transmissão intensa, onde pode ocorrer milhares de contatos pois existem milhares de casos por dia.

É difícil lidar com isso, a quarentena em contato é aceitável com informações, instruções adequadas e mais importante, um sistema muito rápido para tirar essas pessoas de suas casas caso elas fiquem doentes. Ouvi o Presidente de Singapura esta manhã, enquanto estava em videoconferência com o Diretor-Geral, e ouvi a clareza disso em Singapura, não só sobre a capacidade de isolamento de casos, mas sim de detectar rapidamente os doentes e retirá-los da zona de contágio foi uma parte central.

00:49:04

Como ele disse, eles estão usando aplicativos para fazer isso, um aplicativo de teste, mas eles não fizeram isso com aplicativos em Singapura. Eles fizeram isso com os trabalhadores da comunidade, com trabalhadores da saúde pública que visitam casas, checando as pessoas, verificando o estado de saúde todos os dias e dizendo, como você está, você tem febre, você está com tosse? E se alguém estivesse com tosse ou febre, seria levado imediatamente para fazer o teste.

Então sim, nós precisamos de mais informações, de ferramentas tecnológicas, elas ajudam. Elas não são a solução. Certo, agora não temos uma alternativa ao que teríamos considerado nos velhos tempos de investigação epidemiológica; médicos de saúde pública, médicos, enfermeiros, trabalhadores civis trabalhando com as comunidades para detectar casos em nível comunitário. A pessoa mais provável a tornar-se um caso é alguém que tenha tido contato significativo com pessoas infectadas e neste momento na maior parte do mundo, devido ao lockdown, a maior parte das transmissões está, na verdade, acontecendo em muitos países agora em casa, a nível familiar.

Em alguns sentidos, a transmissão tem sido tirada das ruas e empurrada de volta para as unidades familiares. Agora precisamos ir e olhar para as famílias para encontrar aquelas pessoas que podem estar doentes e removê-las e isolá-las de forma segura e digna, então isso é o que eu estava dizendo anteriormente; a transição de restrições de circulação, fechamentos e ordens de permanência em casa só podem ser feitas se tivermos em um lugar que os meios sejam capazes de detectar casos suspeitos, isolar os casos confirmados, acompanhar quem teve contato e acompanhar o estado de saúde dessas pessoas que ficaram doentes.

00:50:55

TJ Muito obrigado. Assim como nós tentamos ter várias respostas diferentes sobre cada questão, não tivemos muitas perguntas sobre esportes, então vou chamar a Diane do *soccer.com*. Diane, consegue ouvir?

DI Sim, estou ouvindo. Está me ouvindo?

TJ Sim, por favor, prossiga.

DI Olá?

TJ Sim, por favor, vá em frente com a sua pergunta. Diane, vamos tentar mais uma vez. Você consegue nos ouvir? Estávamos ouvindo-a muito bem.

DI Sim, sinto muito. É o meu telefone... Olá, está me ouvindo?

TJ Sim, por favor, prossiga.

DI Há uma discrepância de informações sobre a validade das máscaras e eu sei que vocês têm abordado isso e há bastante medo em relação aos profissionais terem acesso a elas. Mas há qualquer tipo de pesquisa qualitativa que possa confirmar que uma máscara impede a propagação normal da doença ao ir ao supermercado, nas atividades diárias?

00:52:14

MK Eu posso começar e talvez o Mike ou a DG queiram complementar. Esta é uma área de pesquisas muito ativas. Há muitas formas para o uso de máscaras globalmente, para doenças diferentes; para influências, para outros tipos de coronavírus, para este surto em especial, mas não muitas análises quantitativas e o que sabemos funciona, sabemos que pessoas que estão doentes e ficam em casa; isso funciona porque isso impede que eles espalham a doença para alguém.

Sabemos que lavar as mãos ou passar álcool em gel funciona porque vai remover o vírus de suas mãos. Sabemos que o distanciamento social funciona porque tira a oportunidade de espalhar esse vírus de uma pessoa para outra. Estamos trabalhando com um grande grupo de pessoas no mundo todo em nossas redes especializadas no IPC para olhar para o uso de máscaras em vários contextos, em primeiro lugar e acima de tudo, em instalações de saúde para que possamos entender melhor como o EPI foi usado por profissionais de saúde ao tratar pacientes, em quais tipos de setores eles estavam trabalhando, sob quais tipos de condições, a gravidade desses pacientes.

Esse é o foco real de muitas pesquisas neste momento, para garantir que protejam os nossos trabalhadores de saúde. Estamos trabalhando com alguns grupos em todo o mundo. Assim que os resultados estiverem disponíveis, eles serão publicados, serão examinados, serão avaliados por nós e nossos parceiros para ter certeza de que estamos mostrando as melhores evidências e as melhores orientações baseadas em evidências.

00:53:53

TJ Vou fazer mais uma pergunta porque eu tenho recebido mensagens e, obviamente, pedimos desculpas a todos àqueles que não conseguiram fazer sua pergunta hoje, mas teremos outras oportunidades nesta semana. Eu chamo Gabriela Sotomayor para fazer sua pergunta. Gabriela, por favor.

GA Muito obrigada, Tarik, por ter escolhido a minha pergunta. O Dr. Tedros, sobre os testes, existem alguns países, eu acho, que não estão ouvindo as mensagens, eles não estão recebendo as mensagens. Apenas para esclarecer, porque alguns países estão dizendo que é inútil fazer

testes, por exemplo, em um país onde você tem 1.000 casos confirmados e 2.500 casos suspeitos, quantos testes você tem que fazer apenas para ter um número ou algo assim, uma estimativa? Muito obrigada.

MK As taxas de positivo em testes; a DG pode querer comentar se as pessoas estão ouvindo ou não, mas sobre a questão específica de testes, a positividade dos testes ou o número de testes, em geral onde vários testes estão sendo realizados, vimos que entre 3 e 12% dos testes são positivos. Se você chegar a um ponto onde uma pequena porcentagem de testes são positivos, então o perigo é que você está olhando no lugar errado, é tranquilizante, ou você tem que ter muito cuidado para garantir que você possa manter esse nível de testes então é uma questão de equilíbrio do uso de seus testes contra o valor.

Novamente é como qualquer sistema de detectores; o teste é um sistema de detectores. Você pode ligar e desligar a sensibilidade desse sistema enquanto as baterias durarem, essa é a questão; por quanto tempo os testes estarão disponíveis - se você sabe, eu tenho x número de testes disponíveis para mim no próximo mês, então como eu vou usar esses testes no mês seguinte?

00:55:58

Os países têm sido limitados pelo número de testes disponíveis e isso é importante. Alguns também tiveram que classificar a testagem de acordo com a intensidade da doença em diferentes partes do país, portanto, a taxa de retorno ou a porcentagem de testes confirmados irá variar. Mas certamente gostaríamos de ver os países testando ao nível de dez negativos para um positivo como uma referência geral de um sistema que está fazendo testes suficientes para pegar todos os casos.

Pode ser mais ou pode ser menos, dependendo da circunstância. Não é um objetivo, mas você realmente quer ver muitos... Você sabe que está perdendo muitos casos se 80 ou 90% das pessoas testadas apresentarem positivo; você provavelmente está perdendo muitos casos.

MK Se eu puder apenas adicionar algo, os países estão enfrentando muitos desafios, muitos argumentam que simplesmente não tem testes o suficiente. Apenas para dizer, o que a OMS está fazendo e o que os países estão fazendo é satisfazer as necessidades de seus países e dos surtos que estão acontecendo em seus países. O que inclui uma variedade de coisas que estamos fazendo e que os países estão fazendo.

Primeiro, é preciso aumentar a capacidade dos laboratórios e então esses laboratórios podem conduzir os testes, então independente se são laboratórios nacionais, laboratórios acadêmicos ou laboratórios privados, mas aumentando o número de laboratórios, aumentando o número de pessoas que podem executar esses testes, encontrando indivíduos que podem executar esses testes.

00:57:32

Em segundo lugar, está aumentando a produção e a disponibilidade de testes. Há um grande de testes que está no mercado agora graças à rápida descoberta das sequências do genoma completo do vírus, no início de janeiro.

Em terceiro lugar; estamos trabalhando muito para termos testes sob medida, apoiando os países com base em suas necessidades, com base no que eles têm em cada país, sejam de alta tecnologia ou kits de PCR ou sejam PCRs automatizados ou máquinas. Não há uma única solução para aumentar a sua capacidade dos testes, mas é importante que você continue a trabalhar para que você saiba onde está o vírus.

TAG Acredito que já tenha sido dito; apenas queria acrescentar, testes são muito, muito importantes; eu não posso nem enfatizar mais isso. Houve uma reunião de ministros na última quinta-feira, eu acho, e conhecemos algumas das práticas de quatro países, o que eles têm feito. O fator comum em todos os quatro países foram os testes. Testar é importante para entender o estado de um indivíduo, mas testes também são importantes para ver como a situação está.

Por exemplo, a partir das apresentações dos quatro ministros vimos que quando eles testam, eles voltam e verificam esses positivos, como eles foram infectados. Alguns deles podem ter sido na igreja ou evento religioso; outros podem ter sido em bares ou restaurantes; outros podem ter sido em reuniões sociais para algum propósito. Então os testes não são sobre o indivíduo, são sobre como o evento aconteceu e como realmente abordar estes eventos.

00:59:44

Os testes não lhe contam apenas uma história sobre uma pessoa. É uma história sobre o que aconteceu quando essa pessoa adquiriu a infecção e que ajuda você a intervir na saúde pública. Considerando a Coreia; as infecções comunitárias começaram, na verdade, em eventos religiosos e milhares de pessoas acabaram por ser infectadas em uma aglomeração.

Outro exemplo importante ocorreu em um hospital. Um indivíduo foi infectado em um evento religioso e outro indivíduo foi infectado em um hospital, onde observaram transmissões intensas e, como eles mobilizaram seu público com intervenção de saúde para abordar não só aqueles, mas também outros grupos de pessoas. Então sem saber, sem testar, é como caminhar sem enxergar. Testar pode nos ajudar a conhecer não só o estado de cada pessoa, mas saber também o que está por trás disso e tomar medidas de saúde pública.

É por isso que estamos dizendo que os testes são muito importantes e pelos testes você consegue traçar os caminhos; a partir daí você também pode fazer o isolamento, mas entendemos plenamente quando há transmissão comunitária e o sistema de saúde pública pode ficar sobrecarregado, mesmo com as intervenções de saúde pública, pode ficar muito, muito pesado.

Mas há maneiras de adaptar as intervenções de saúde pública, mesmo nessas situações, e o isolamento pode não ser necessariamente em um hospital ou em instalações de saúde. O isolamento pode ocorrer em instalações comunitárias. Muitos países têm formas muito inovadoras de isolamento porque seu sistema de saúde está lotado e eles tiveram mesmo que procurar por instalações comunitárias.

01:02:03

O último recurso é quando eles não conseguiram realizar isso e o número de casos e quando houve a transmissão, alguns recorreram ao isolamento em suas casas, separando os quartos e separando os utensílios que eles usam. Mas então vamos ser práticos; ok, você pode ter o seu próprio quarto, ou você pode ter suas próprias coisas para se isolar e ter todas as precauções que você precisa.

Mas e se você está em um país em desenvolvimento, por exemplo, onde eu cresci é uma sala onde há uma família grande com cinco ou sete pessoas em um quarto, como você implementa isso? É o que nós falamos, não temos uma solução única para tudo, a solução deve ser adaptada à situação de cada um dos países.

Então como você implanta um isolamento em uma situação em que uma única família, uma família grande, vive em um ou dois quartos e que o isolamento não é possível? É por isso que dizemos, não temos uma solução única, cada país sabe a situação que tem aos termos da COVID; eles conhecem os próprios fatores sociais e outros fatores e sabem quais são suas soluções para ter sucesso nas soluções para a saúde pública.

Então é isso que estamos dizendo e é claro que a necessidade é a mãe da invenção e esperamos uma solução para cada situação, de cada comunidade, de cada governo e país, porque cada situação é única e cada indivíduo de cada comunidade conhece seus problemas, conhece a causa raiz do problema e conhece a solução e não precisa da prescrição de ninguém.

01:04:15

A orientação geral que damos pode ajudá-lo a encontrar soluções de sua maneira. A coisa mais importante é, como podemos desencadear o espírito humano em uníssono para resolver o problema que estamos enfrentando em cada comunidade? Obrigado.

TJ Muito obrigado, Dr. Tedros. Com isso, vamos concluir a conferência. Pedimos desculpas a todos aqueles que não conseguiram fazer suas perguntas mas não faltarão oportunidades. Enviaremos um arquivo de áudio para vocês nas próximas horas e esperamos que a transcrição seja postada amanhã. Tenham um bom dia e uma boa noite, onde quer que você esteja.

TAG Obrigado, Obrigado, Tarik, e obrigado por ter se juntado a nós. Nos vemos em nossa próxima conferência. Tudo de melhor.

01:05:11

ANEXO C – PRONUNCIAMENTO BOLSONARO

Transcrição do discurso do pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro (31/03/2020)

Boa noite.

Venho nesse momento importante me dirigir a todos vocês.

Desde o início do governo temos trabalhado em todas as frentes para sanar problemas históricos e melhorar a vida das pessoas. O Brasil avançou muito nestes 15 meses, mas agora estamos diante do maior desafio da nossa geração.

Minha preocupação sempre foi salvar vidas, tanto as que perderemos pela pandemia quanto aquelas que serão atingidas pelo desemprego, violência e fome.

Me coloco no lugar das pessoas e entendo suas angústias. As medidas protetivas devem ser implementadas de forma racional, responsável e coordenada.

Nesse sentido, o Sr. Tedros Adhanom, diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, disse saber que “muitas pessoas, de fato, têm que trabalhar todos os dias para ganhar seu pão diário” e que “os governos têm que levar esta população em conta”.

Continua ainda, “se fecharmos ou limitarmos movimentações, o que acontecerá com estas pessoas, que têm que trabalhar todos os dias e que têm que ganhar o pão de cada dia todos os dias?” Ele prossegue, “Então, cada país, baseado em sua situação, deveria responder a esta questão”.

O diretor da OMS afirma ainda que, com relação a cada medida, “temos que ver o que significa para o indivíduo nas ruas” e complementa “eu venho de família pobre, eu sei o que significa estar sempre preocupado com seu pão diário e isso deve ser levado em conta porque todo indivíduo importa. A maneira como cada indivíduo é afetado pelas nossas ações tem que ser considerada”.

Não me valho dessas palavras para negar a importância das medidas de prevenção e controle da pandemia, mas para mostrar que da mesma forma precisamos pensar nos mais vulneráveis. Esta tem sido a minha preocupação desde o princípio.

O que será do camelô, do ambulante, do vendedor de churrasquinho, da diarista, do ajudante de pedreiro, do caminhoneiro e dos outros autônomos com quem venho mantendo contato durante toda minha vida pública?

Por isso determinei ao nosso Ministro da Saúde que não poupasse esforços, apoiando através do SUS todos os estados do Brasil aumentando a capacidade da rede de saúde e preparando-a para o combate à pandemia.

Assim, estão sendo adquiridos novos leitos já com respiradores, equipamentos de proteção individual, kits para testes e demais insumos necessários.

Determinei ainda ao nosso Ministro da Economia que adotasse todas as medidas possíveis para proteger sobretudo o emprego e a renda dos brasileiros.

Fizemos isso através de ajuda financeira aos estados e municípios, linhas de crédito para empresas, auxílio mensal de R\$ 600 aos trabalhadores informais e vulneráveis, entrada de mais 1 milhão e 200 mil famílias no programa Bolsa Família, adiamos também o pagamento de dívidas dos estados e municípios, só para citar algumas das medidas adotadas.

Além disso, no dia de hoje, em comum acordo com a indústria farmacêutica, decidimos adiar, por 60 dias, o reajuste de medicamentos no Brasil.

Temos uma missão: salvar vidas, sem deixar para trás os empregos.

Por um lado, temos que ter cautela e precaução com todos, principalmente junto aos mais idosos e portadores de doenças preexistentes.

Por outro, temos que combater o desemprego, que cresce rapidamente, em especial entre os mais pobres.

Vamos cumprir essa missão ao mesmo tempo em que cuidamos da saúde das pessoas.

O vírus é uma realidade, ainda não existe vacina contra ele ou remédio com eficiência cientificamente comprovada, apesar da hidroxicloroquina parecer bastante eficaz.

O coronavírus veio e um dia irá embora, infelizmente teremos perdas neste caminho. Eu mesmo já perdi entes queridos no passado e sei o quanto é doloroso. Todos nós temos que evitar ao máximo qualquer perda de vida humana. Como disse o diretor-geral da OMS, “todo indivíduo importa”.

Ao mesmo tempo, devemos evitar a destruição de empregos, que já vem trazendo muito sofrimento para os trabalhadores brasileiros.

Na última reunião do G-20, nós, os Chefes de Estado e de Governo, nos comprometemos a proteger vidas e a preservar empregos. Assim o farei.

Desde fevereiro, determinei o emprego das Forças Armadas no combate ao coronavírus. O Ministério da Defesa realizou o resgate de brasileiros na China. Agora as Forças Armadas atuam em apoio às áreas de Saúde e Segurança, em todo o Brasil. Foi ativado um Centro de Operações que coordena as ações e 10 Comandos Conjuntos foram criados, cobrindo todo o território nacional. Realizam ações que vão desde a montagem de postos de triagem de

pacientes, apoio a campanhas informativas e campanhas de vacinação, logística e transporte de medicamentos. Os Laboratórios Químico- Farmacêuticos Militares entraram com força total e, em 12 dias, serão produzidos um milhão de comprimidos de Cloroquina, além de álcool gel.

Repito: o efeito colateral das medidas de combate ao coronavírus não pode ser pior do que a própria doença.

A minha obrigação como presidente vai para além dos próximos meses. Preparar o Brasil para a sua retomada, reorganizar nossa economia e mobilizar todos os nossos recursos e energia para tornar o Brasil ainda mais forte após a pandemia.

Aproveito a oportunidade para me solidarizar e agradecer o empenho e sacrifício pessoal de todos os profissionais de saúde, da área de segurança, caminhoneiros e todos os trabalhadores de serviços considerados essenciais que estão mantendo o país funcionando, bem como aos homens e mulheres do campo que produzem nossos alimentos.

Com este mesmo espírito agradeço e reafirmo a importância da colaboração e a necessária união de todos num grande pacto pela preservação da vida e dos empregos: parlamento, judiciário, governadores, prefeitos e sociedade.

Deus abençoe o nosso amado Brasil.